

José Carlos Leal
História das Idéias e
dos Fenômenos Espíritas
(Da Igreja Primitiva às Manifestações de Hydesville)
Rio de Janeiro
1997

HISTÓRIA DAS IDÉIAS E DOS FENÔMENOS ESPÍRITAS
(Da Igreja Primitiva às Manifestações de Hydesville)

José Carlos Leal

1ª Edição

Tiragem - Outubro de 1997-12 milheiro

Capa: Jefferson Borges

Coordenação Editorial: Jefferson Borges

Revisores:

Copidesque e Revisão de Originais: Albertina A. Escudeiro Seco

Revisão Ortográfica: Oswaldo Gerpe Quintans

Digitação: Clara Lúcia da Cunha França

O direito desta edição está destinado as obras assistenciais do Grupo Espírita Fé e Esperança com sede na Cidade de Três Rios, Rio de Janeiro.

Capa: Crucificação de São Pedro (1601) de autoria do pintor italiano Caravaggio (1573 1610).

SUMÁRIO

Parte I. O Cristianismo, 5

1. O Cristianismo Primitivo.

1.1. O Livro dos Atos dos Apóstolos:

Considerações Preliminares,

1.2. Estudo dos Fenômenos Espíritas nos Atos dos Apóstolos, 7

a) A Ascensão do Senhor e a Aparição de Anjos, 7

O Dia de Pentecostes, 9

1.3. A Vida Cotidiana na Igreja Primitiva, 16

1.4. A Conversão de Saulo de Tarso, 18

1.5. A História de Simão, o Mago, 21

Parte II. A Reencarnação, 34

2. A Reencarnação na Igreja Primitiva, 34

2.1. Apolônio de Tiana, 40

2.2. Philon de Alexandria, 43

2.3. Os Cátaros, 44

2.3.1. Quem são os Cátaros? 44

2.3.2. Os Cátaros e a Mentempsicose, 46

2.3.3. Os Cátaros e os Espíritos, 49

Parte III. O Druidismo, 52

Parte IV. Os Germanos e suas Crenças, 56

4. O Culto da Terra-Mãe, 56

4.1. Antropomorfização das Forças da Natureza, 57

- 4.2. A Feitiçaria, 60
- 4.3. A Adivinhação, 62
- 4.4. As Fugas, 63
- 4.5. A Vida depois da Morte, 64
- 4.6. Para onde vão os Mortos, 66

Parte V. Maomé o Profeta de Alah, 68

Parte VI Cristianismo, Mediunismo, Magia e Superstições, 74

Parte VII As Crenças Religiosas dos Tupinambás no Brasil do século XVI, 80

7. Os Misteriosos Seres da Floresta, 80

7.1. Mundo dos Espíritos, 82

7.2. O Poder dos Feiticeiros, 84

7.3. A Morte e o seu Mistério, 87

Parte VIII. O Império das Trevas, 90

8. Os Demônios, 90

8.1. Incubos e Súcubos, 93

8.2. A Hora e a Vez das Feiticeiras, 100

8.3. O Sabá e o Esbá, 104

8.4. O Malleus Maleficarum, 107

8.5. Joana D'Arc: Feiticeira ou Médium, 112

Parte IX. As Ordálias, 117

Parte X. Os Oráculos, 125

Parte XI. As Pessoas Duplas, 133

Parte XII. A Grande Farsa de Loudun, 138

Parte XIII. Emanuel Swedenborg, o Precursor, 148

Parte XIV. Uma Certa Casa em Hydesville, 155

Bibliografia, 159

Foto do Autor, 163

1. O Cristianismo Primitivo.

1.1. O Livro dos Atos dos Apóstolos:

Considerações Preliminares.

Naturalmente, ao se falar do Cristianismo Primitivo, temos de abordar *O Livro dos Atos dos Apóstolos*, uma espécie de continuação do *Evangelho de Lucas*, e com o qual se relaciona organicamente. Como todas as obras antigas, o *Livro dos Atos* possui um prólogo no qual faz referência ao terceiro evangelho e apresenta deste uma síntese sumaríssima.

O *Livro dos Atos* possui vários títulos; o mais conhecido, entretanto, é o *Praxis Apostolon*, em grego, e, em latim, *Acta Apostolorum*, cuja tradução, em ambos os casos, é *Atos dos Apóstolos*

Do mesmo modo que os Evangelhos, os Atos não são biografias dos Apóstolos. A proposta do livro é tratar das ações (atos) de alguns apóstolos e mais concretamente, de Pedro e de Paulo. Qual é, portanto, o tema central de *Atos dos Apóstolos* Juan Leal, comentando esse livro, escreve:

O tema central do livro encontra-se relacionado intimamente

com aquelas palavras de Jesus Ressuscitado: "Sereis minhas testemunhas em Jerusalém e em toda a Judéia e Samaria até o fim do mundo. (Atos: 1-8)

Na carreira vitoriosa do Evangelho, mostra o autor a potência e ação do Espírito Santo que Cristo havia prometido aos seus. O tema pode resumir-se assim: os atos contam a difusão universal do Evangelho, iniciada e terminada pela obra e força do Espírito Santo e dos apóstolos do Cristo. (A Sagrada Escritura, *Novo Testamento*, vol. II. p. 2.)

HISTÓRIA DAS IDÉIAS E DOS FENÔMENOS ESPÍRITAS

O autor, pagão por origem, parece estar impressionado com a difusão do Evangelho pelo mundo não judeu, melhor dizendo, entre os gentios. Talvez, por isso, esteja tão preocupado em mostrar, com riqueza de detalhes, o batismo do centurião Cornélio, a conversão de Saulo de Tarso e as suas muitas viagens pelo mundo pagão na companhia de Bamabé e a vida fervorosa, orientada para o proselitismo, das primeiras comunidades cristãs.

Há no *Livro dos Atos* claramente duas tendências: a da conversão dos judeus, linha perfilhada pela Igreja de Jerusalém, na qual Pedro, o Pescador, ocupa posição de destaque, e a da conversão dos gentios em que Saulo de Tarso é apresentado como um campeão da fé e modelo de cristão. O escritor dos Atos não desconhece, por certo, que Saulo não foi o único a pregar para os gentios, mas concentra nele toda a sua atenção e interesse, tornando-o o mais importante evangelizador do Mundo Pagão.

Quem escreveu os *Atos dos Apóstolos*? Irineu, Tertuliano, Clemente de Alexandria, entre outros padres antigos, atribuem a autoria desse livro a um médico conhecido como Lucas (em grego Loukas), amigo de Paulo de Tarso e autor do terceiro Evangelho.

O nome Lucas é, muito provavelmente, a abreviatura do nome latino Lucanus ou Lucilius. Harnack, citado por Juan Leal, depois de um estudo erudito dos aspectos literários, históricos e filológicos do *Livro dos Atos* confirma a tradição sobre a autoria de Lucas. Harnack afirma que não pode haver grandes dúvidas sobre Lucas como a pessoa que escreveu o texto de que estamos tratando. Em resumo, as suas razões são as seguintes:

1. Quem escreveu o *Livro dos Atos* foi uma pessoa culta, muito bem informada sobre os lugares e os costumes de sua época; sua linguagem é apurada, embora na primeira parte haja aramaísmos em razão, provavelmente, das fontes utilizadas.
2. Sua pátria deve ser a Antióchia.
3. O autor do *Livro dos Atos* era médico ou alguém entendido em Medicina, em virtude dos termos médicos empregados e do interesse que demonstra pelas doenças e sua cura.

JOSÉ CARLOS LEAL

4. O autor deixa transparecer claramente que é amigo de Paulo de Tarso.

5. A análise comparativa do *Livro dos Atos* e do terceiro Evangelho, evidencia que o mesmo autor escreveu os dois textos. O estilo e o vocabulário são praticamente os mesmos, assim como a orientação teológica e as características psicológicas do autor.

1.2. Estudo dos fenômenos Espíritas nos Atos dos Apóstolos.

A) A Ascensão do Senhor e a Aparição de Anjos

Logo no início do *Livro dos Atos*, temos um fenômeno que, sem muita dificuldade, pode ter uma leitura espírita. A passagem é a seguinte: Jesus, após o seu desencarne, convive com seus discípulos e lhes dá as últimas instruções sobre a missão que os espera.

Terminadas essas instruções, Jesus regressa ao Plano espiritual.

Sobre a volta de Jesus ao Mundo maior, escreveu Lucas:

Depois que disse isso, foi arrebatado e uma nuvem o separou de seus olhos (*et nubes suscepit eum ab oculis eorum*)

Como olhassem fixamente para o céu, se acercaram dois varões vestidos de branco que lhes disseram: varões da Galiléia, por que continuais olhando para o céu? Este Jesus que foi arrebatado para o Alto, voltará como o haveis visto ascender.

(Atos. 1 9-11.)

O texto diz que Jesus subiu aos céus ou foi arrebatado em uma nuvem. A afirmação a respeito da nuvem que arrebatara Jesus parece uma forma comum nas teofanias do Mundo Antigo. Já nos poemas de Homero, esse processo foi utilizado. Na Bíblia lemos:

E o senhor ia adiante deles, de dia em uma coluna de nuvem para os guiar pelo caminho, e, de noite, numa coluna de fogo para os alumiar, a fim de que caminhassem de dia e de noite.

(Êxodo. 13:22.)

No *Livro de Reis* (R.2 2) conta-se que o profeta Elias foi levado para o céu em uma nuvem ou rodamoinho. A rigor, na HISTÓRIA DAS IDÉIAS E DOS FENÔMENOS ESPÍRITAS literatura religiosa do Mundo Antigo, as nuvens parecem simbolizar a presença concreta da divindade. Voltemos, porém, ao texto dos *Atos*. Jesus desaparece e os apóstolos ficam estupefatos diante do que viram e olham para o alto com insistência. Aparecem, então, dois anjos. Eis aqui um outro aspecto interessante. A palavra anjo (em grego angellos), usada nos textos bíblicos, tanto no Velho como no Novo Testamento, não faz referência a seres sobrenaturais providos de asas ou qualquer outro atributo estranho à forma humana. No caso do *Livro dos Atos*, temos dois homens comuns usando vestes muito brancas. Examinemos o texto latino de Lucas:

Et cum haec dixisset, videntibus illis

elevatus, est et nubes suscepit eum ab oculis eorum.

Cumque intuerentur in caelum eutem illum, ecce duo viri astiterunt iuxta illos in vestibus albis, qui et dixerunt: viri galilaei, quid statis aspicientes in caelum? Hicje•

sus, qui assumptus est a vobis in caelum, sic veniet quemadmodum vidistis eum enun tem in caelum.

(Atos. 1:9-11)

Tudo isso nos faz pensar que os homens que falaram aos apóstolos (note-se que foi usada em latim a palavra viri (homens), e não angelus (anjo) não passavam de espíritos materializados. É possível que, em um trabalho de importância como a implantação do Evangelho na Terra, o auxílio do plano espiritual fosse bem mais intenso e a interação entre os dois planos, mais constante. No texto dos *Atos*, os espíritos (varões) intervêm para dizer aos apóstolos que não era tempo de se ficar ali admirados, olhando para o céu e tentando seguir com o olhar o suave amigo que os deixava fisicamente. O tempo era de trabalho pelo Evangelho, tempo de ação, tempo de plantar a semente que haveria de frutificar com grande proveito para o Reino de Deus.

Ao mesmo tempo, os espíritos davam aos apóstolos uma lição concreta de que a vida continua; pois aquele Jesus que eles haviam visto ascender aos céus, depois de estar com eles quarenta dias, era o mesmo que eles haviam visto pregado na cruz, com o corpo coberto de equimoses, banhado em sangue, escarnecido pelos homens. Aquele Jesus viera provar a eles que não há o que temer: além da vida, só existe vida, vida em abundância.

O Dia de Pentecostes.

Esta é uma das passagens mais interessantes para a nossa pesquisa, por isso resolvemos citá-la na íntegra:

Quando chegou o dia de Pentecostes, estavam todos juntos. De repente veio do céu um ruído, como que de um vento impetuoso, e encheu toda a casa onde estavam sentados.

E apareceram línguas, como de fogo, que se repartiram, pousaram sobre cada um deles e todos ficaram cheios do Espírito Santo e começaram a falar em outras línguas conforme o Espírito Santo lhes concedeu falar. Em Jerusalém viviam judeus piedosos, vindos de todas as partes da Terra. Quando se produziu aquele ruído, acudiu muita gente, e ficou pasmada porque os ouvia falar na sua própria língua.

Admirados e fora de si, todos diziam: por ventura não são galileus todos esses que falam? Pois como nós os ouvimos falar cada um em nossa língua? Partos, medos, elamitas, e os habitantes da Mesopotâmia, Judéia Capadócia, o Ponto e a Ásia, Frígia e Panphília, Egito e as regiões da Líbia e de Sirene, romanos que vivem aqui, judeus e prosélitos, cretenses e árabes os ouvimos pregar em nossa língua a grandeza de Deus.

Todos estavam fora de si e perplexos. Que significa isto? Outros, porém, zombando, diziam: Estão cheios de mosto.

(Atos. 2:1-13)

Os apóstolos estão reunidos no Dia de Pentecostes. De repente, ouve-se um ruído forte como o de um vento impetuoso. A

presença desse ruído intempestivo não deve ser estranho aos espíritos, pois, muitas manifestações de espíritos são acompanhadas de efeitos sonoros que vão desde simples "raps" pancadas leves no teto e na parede, até sons mais fortes como móveis rachando, pratos que se quebram, panelas que caem, passos pesados,

portas que batem, etc. Na tradição de diversos países, as manifestações de espíritos são acompanhadas de sons como gemidos, arrastar de correntes, vidros que se partem e assim por diante. O padre Luis Chiaverino, biógrafo de Dom Bosco, faz um relato dos mais interessantes sobre efeitos sonoros durante a manifestação de um espírito desencarnado. Conta Chiaverino que Dom Bosco possuía um amigo dileto chamado Luis Comollo que, em vida, havia combinado com o Santo que, o primeiro a morrer, viria avisar ao que houvesse ficado, sobre o seu estado na vida espiritual. Comollo abandonou o corpo físico no dia 2 de abril de 1839 e não deixou de vir cumprir a promessa que fizera ao amigo. Ouçamos, contudo, o próprio Chiaverino, citado por Clóvis Tavares em seu excelente livro *Mediunidade dos Santos*: Na noite do enterro, enquanto Bosco e os seus companheiros dormiam, ouviu-se um rumor cavernoso e prolongado que avançava do fundo do corredor, tornando-se cada vez mais forte e assustador à medida que se aproximava; dirse-ia o barulho de um trem correndo sobre chapas de zinco. Os seminaristas acordaram mas ninguém tinha coragem de falar. O ruído avançava sempre; de repente, a porta do dormitório escancarou-se: uma luz, que se tornava cada vez mais viva, apareceu no meio daquele estrondo surdo de trovão e se aproximou da cela de Bosco. Nesse ponto o clarão se fez vivíssimo, o tumulto cessou e ouviu-se ressoar distante, a voz do clérigo Comollo que repetiu três vezes:

Bosco. Bosco. Bosco. Eu estou salvo.

(*Mediunidade dos Santos*, p. 140.)

O segundo fenômeno é o das línguas de fogo. O texto latino diz: *linguae tamquam ignis*, isto é, línguas como se fossem de fogo; em outras palavras: *manifestações luminosas ou fotismos*. No texto grego, aparece o particípio presente *diamerizomenoi* que indica uma ação em curso e sugere a idéia de uma fonte de luz primitiva que se fragmentou de modo que os raios dispersos pousaram nos apóstolos.

A partir do toque dos raios luminosos sobre os apóstolos, estes começam a falar línguas estranhas. Diz o texto em latim:

10

"*ei coeperunt loqui variis linguis*. (Atos. 2:2.) (falavam várias línguas. Esta passagem do *Livro dos Atos* tem incomodado bastante tanto os teólogos como os exegetas materialistas. Sobre este

relato as opiniões têm tomado direções opostas. Alguns preferem negar a historicidade da narrativa, atribuindo-a aos excessos apologéticos do piedoso autor; outros, todavia, perfilhando a tese da autenticidade, procuram explicar o que aconteceu naquele dia em Jerusalém. Não é impertinente lembrar aqui que o chamado dom de falar línguas aparece mais uma vez na Igreja Primitiva como se pode ver na seguinte passagem:

”Enquanto Pedro ainda dizia essas coisas, desceu o Espírito Santo sobre todos os que ouviam a palavra. Os crentes que eram de circuncisão, todos quantos tinham vindo

com Pedro, maravilharam-se de que também sobre os gentios se derramasse o dom do Espírito Santo porque os viam falar em línguas e magnificar a Deus.”

(Atos. 10:44-46.)

Vejam, porém, as principais teorias sobre este acontecimento.

Ernesto Renan e Loisy reduzem este fenômeno a sons inarticulados e sem sentido a que se poderia chamar de *glossolalia*. Esta teoria, apesar da força intelectual de seus forjadores, encontra-se refutada no próprio texto, pois ali se diz que as pessoas presentes à reunião compreenderam as palavras dos apóstolos em sua língua de origem.

Autores antigos procuraram explicar o fenômeno de xenoglossia por meio da audição, em outras palavras: os apóstolos falavam na própria língua e os ouvintes os percebiam em línguas diversas. Novamente não se tem apoio no texto já que o *Livro dos Atos* diz que os apóstolos falavam em várias línguas. Outra corrente acha que os apóstolos falavam em uma língua estranha, que eles próprios desconheciam, uma espécie de língua celestial não existente na Terra. Neste caso, se poderia perguntar: como os ouvintes puderam compreender o que era falado em uma língua extraterrestre?

11

Diante de todas essas dificuldades, preferimos uma explicação mais simples: o que aconteceu no dia de Pentecostes com os apóstolos de Jesus foi um fenômeno muito conhecido dos espíritas chamado xenoglossia. Conforme Ernesto Bozanno em seu livro *Xenoglossia (Mediunidade Poliglota)* o termo xenoglossia, calcado no grego *xenos* = estrangeiro, e *glossa* = língua, foi criado pelo professor Charles Richet para distinguir a mediunidade poliglota da glossolalia. Segundo Bozzano, a mediunidade poliglota é aquela em que o médium fala ou escreve em uma língua que ele desconhece por completo, quer por não tê-la estudado, quer por não ter tido o menor contato com ela. A glossolalia por seu lado diz respeito a estados anímicos de pacientes sonambúlicos que, em determinadas circunstâncias, falam ou escrevem pseudolínguas

elaboradas de modo inconsciente.

De onde vem a capacidade que algumas pessoas têm para línguas diferentes de suas línguas nativas e que não foram aprendidas ao longo de suas vidas? A hipótese espírita é muito clara:

algumas pessoas (médiums) que falam ou escrevem em línguas que lhes são estranhas sofrem a influência de elementos (espíritos) exteriores ao psiquismo do médium e das pessoas presentes.

Charles Richet, citado por Ernesto Bozzano, faz um relato do que nos parece um excelente exemplo da teoria dos espíritos.

A história tem por personagem o juiz Edmonds, homem de caráter ilibado que foi presidente do Senado Americano e membro da Suprema Corte de Nova Iorque. O juiz possuía uma filha, por nome Laura, que falava apenas a língua inglesa.

Ora, deu-se um dia (em 1859) ele recebeu a visita de um cidadão grego chamado Evangelides que pôde conversar em grego moderno com sua filha Laura. No curso dessa conversação, a que assistiam diversas pessoas (outros nomes são citados no texto, o Sr. Evangelides chorou por lhe ter a médium participado a morte do filho, ocorrida por aquele tempo na Grécia. Ao que parece, Laura incorporava a personalidade de um certo Botazari, morto na Grécia e amigo íntimo de Evangelides. Segundo o Juiz Edmonds, se a sua filha Laura conversou em grego

12

com Evangelides e lhe participou a morte do filho, isso só pode se explicar, admitindo-se que o defunto Botazari fosse realmente o outro interlocutor no diálogo. O juiz Edmonds acrescenta:

Negar isto de que fui testemunha, impossível; o fato é de tal modo eloqüente e claro que negá-lo equivaleria, logicamente, a negar que o sol nos ilumina. Nem poderei, certamente, considerar o fato uma simples ilusão, visto que ele em nada difere de todas as outras realidades com que nos deparamos em qualquer período da nossa existência. Acrescento que tudo isso se passou na presença de oito ou dez pessoas cultas e inteligentes. Nenhuma delas vira jamais o senhor Evangelides que me fora apresentado por um amigo naquela mesma noite. Como, pois, há podido Laura participar-lhe a morte do filho? Como se explica que haja falado e compreendido uma língua que nunca ouvira falar?

(Tratado de Metapsíquica. p. 272. Apud. Bozzano 1980, op. cit. p. 14.)

Um caso não menos interessante é o de Ninfa Filiberto, relatado com abundância de detalhes pelo doutor Nicolau Cervelo, natural de Palermo, na Itália. O caso se encontra em um opúsculo chamado *História de um Caso de Histeria com Sonhos Espontâneos*, publicado em Palermo em 1853. Foi traduzido para o inglês por Mrs. Whitaker e publicado no *Jornal of the Society for*

Psychical Research, em dezembro de 1900. Mais tarde apareceu na França em *Annales des Sciences Psychiques*.

Vejamos, porém, o caso. Ninfa Filiberto era uma jovem de 16 anos que, em 1849, foi vítima de graves acessos de histeria com fases de sonambulismo. Ouçamos, entretanto, o próprio Nicolau Cervelo:

A 13 de setembro, numa das aludidas crises sonambúlicas, Ninfa Filiberto se pôs a falar uma língua para nós incompreensível e o fez com tal desembaraço que se diria ser aquela a sua língua materna. Supusemos que falasse em grego moderno, porque, noutra fase do sono dissera: "Estive em Atenas. Vi essa querida cidade, onde a gente fala como eu.

13

No dia 14, não compreendia nem o italiano, nem o grego, mas falava e compreendia exclusivamente o francês (língua que conhecia de modo elementar. Ao lhe ser dito que no dia anterior falara em grego, ela se pôs a rir e respondeu que jamais aprendera o grego, nem conhecera "outra língua senão a própria; que era uma parisiense residente em Palermo. Zombava de nós pela maneira por que pronunciávamos o francês.

(Apud. Bozzano. op. cit. p. 18.)

As coisas, todavia, não ficam por aqui. No dia seguinte aos acontecimentos que acabamos de relatar, Ninfa falou em inglês, língua que lhe era completamente desconhecida, conversando fluentemente nesse idioma com os senhores Wright e Frederic Olway.

Nessa ocasião, falando um excelente inglês, admirou-se de que até aquela hora não lhe houvessem trazido o chá da manhã. É digno de nota o fato de que, em Palermo, não é costume tomar-se chá pela manhã. No mesmo dia, mais tarde, a médium tornou-se totalmente afônica e, para fazer-se entender, mandou buscar um livro em inglês, abriu-o e indicava com o dedo as palavras necessárias para fazer as frases que gostaria de transmitir. Voltemos, porém, ao texto instigante do dr. Cervelo:

No dia 16, declarou ter nascido em Siena e descreveu minuciosamente as obras de arte existentes nessa cidade. Não sei se os outros pensaram como eu, porém, pelo que me diz respeito, afirmo que esse seu falar em puríssimo toscano se me afigurou ainda mais maravilhoso do que usar ela do inglês. É impossível a quem quer que seja exprimir-se com as suaves modulações desta língua harmoniosa, se não nasceu na Toscana. Assim estive até ao dia 18. Ela predissera que a sua paralisia desapareceria inteiramente nesse dia e o fato se verificou; porém, o que há de mais curioso no caso é que, no período em que a paralisia se dissipava, a enferma, que até ali continuara a falar em puríssimo toscano, passou bruscamente,

em meio a uma frase, ao seu dialeto siciliano. A partir daí, não mais se recordou absolutamente das línguas que falara.

(Bozzano. p. 19.)

14

Para os espíritas, tanto um caso como o outro podem ser explicados pela comunicação de inteligências desencarnadas. Os materialistas, entretanto, interpretam, naturalmente, este fenômeno de um modo diferente. Uma das mais interessantes entre as propostas teóricas apresentadas por aqueles que negam a sobrevivência do espírito, foi trazida à luz pela doutora Maria Menaceine.

De acordo com esta posição teórica, que se poderia chamar de "memória ancestral, os médiuns políglotas seriam capazes de falar em línguas que desconhecem se algum de seus ancestrais pertence ao povo que falava aquela língua. A pesquisadora russa, contudo, não formula esta hipótese para explicar a mediunidade xenoglóssica, mas para tentar esclarecer os chamados fenômenos de "dejá vu" nos quais uma pessoa se recorda de atos ou lugares com os quais jamais entrara em contato. A teoria de Menaceine, embora artificiosa, não pode dar conta de todos os fenômenos de xenoglossia, tal a sua riqueza e objetividade.

A maior dificuldade da teoria da memória ancestral é saber como se dá a transmissão dessa memória, ou seja, como uma pessoa do século XX pode falar em grego ático ou em koiné por ter tido ancestrais que viveram na época em que essas línguas foram faladas. De que modo essa língua foi transmitida? Infelizmente para os materialistas, o estudo genético da hereditariedade não foi ainda capaz de dar uma resposta positiva a esta questão.

Uma outra hipótese, que também se costuma colocar quando se trata de xenoglossia, afirma que uma pessoa pode falar uma língua que lhe é estranha por ter tido com ela um contato esporádico como a leitura de um livro ou a visão de um filme em língua diferente da sua. Isso, na opinião daqueles que defendem esta hipótese, seria suficiente para que a língua ficasse gravada em sua mente, aflorando em determinadas circunstâncias. Ora, quem conhece, ainda que superficialmente, a complexidade de uma língua, as regras que o falante deve internalizar para as articulações fonéticas, fonológicas e sintáticas que as línguas possuem, não pode levar a sério semelhante hipótese. Além disto, esse ponto de vista não leva em consideração o fato de que, para se falar uma

15

língua fluentemente, é necessário praticá-la. Uma pessoa fala uma língua com destreza não por que decorou o seu vocabulário ou conhece as suas regras principais; mas porque faz uso dela constantemente.

Sem a prática de uma língua é mesmo improvável que uma pessoa possa ter um bom desempenho com respeito a

um idioma que lhe seja estranho.

Assim, preferimos a teoria espírita por ser mais simples, direta e objetiva. Para nós, portanto, o que se deu no dia de Pentecostes entre os Apóstolos, foi um fenômeno de xenoglossia, no qual espíritos envolvidos na tarefa de disseminar o Evangelho pregaram em línguas diferentes para pessoas de nacionalidades diversas. Desse modo, conseguia-se impressionar aquelas pessoas, mostrando a elas as potencialidades do espírito humano (principalmente as mediúnicas) que elas deveriam desenvolver, cultivar e colocar a serviço da causa evangélica.

1.3. A vida cotidiana na Igreja primitiva

Depois do dia de Pentecostes, as comunidades cristãs de Jerusalém em torno de Pedro iniciam seu trabalho de evangelização.

Todos vivem em espírito de união e fraternidade, exercendo constante ação social em favor das pessoas necessitadas; viviam uma espécie de comunismo primitivo onde a idéia de propriedade, considerada como uma atitude egoística e exclusivista, era combatida como erva daninha. Era um tempo em que o ser predominava sobre o ter e se podia amar mais as pessoas que as coisas:

não havia entre eles indigentes porque todos vendiam o que possuíam, campos ou casas, tomavam a quantia por que haviam vendido e entregavam aos apóstolos que distribuía(m) (o dinheiro) a cada um conforme as suas necessidades.

José, a quem os apóstolos chamavam Barnabé, que significa filho da consolação, levita nascido em Chipre, tinha um campo o qual vendeu, colocando o dinheiro à disposição dos apóstolos.

(Atos.4: 34- 37.)

Nessas comunidades eram muito comuns as manifestações de espíritos. Em Atos (5:16) diz-se que acorriam aos apóstolos,

vindas das cidades próximas a Jerusalém, pessoas trazendo parentes e amigos enfermos para serem atendidos. Alguns desses doentes eram chamados possessos e apresentavam distúrbios de conduta provocados por espíritos inferiores que eram, então (e têm sido até hoje) interpretados como demônios, O texto em língua latina diz:

Concurrebat autem et multitudo vicinarum civitatem Jerusalem afferentes aegros et vexatos ab spiritibus imundis qui curebantur omnes. (Atos. 5:16.) (Acorriam para eles, vindas de cidades vizinhas de Jerusalém, muitas pessoas sob o jugo de espíritos imundos que eram curadas.

Não se trata, pois, de demônios, no sentido em que as religiões tradicionais dão a este termo, mas casos de obsessão em que um espírito de baixa categoria atormenta um encarnado, não raro de um modo cruel. Assim, cumprindo-se a promessa do profeta

Joel (Joel 3 1-2, lembrada por Pedro no dia de Pentecostes (Atos 2:17-21, os espíritos se manifestam com notável abundância: os apóstolos e as pessoas ligadas ao colégio apostólico têm visões, outros profetizam ou falam em línguas estranhas, Pedro é solto da prisão onde se encontrava por um espírito (anjo no texto dos Atos) em duas ocasiões. (Atos. 5:19-22) e (12:14-19) e, assim, o intercâmbio entre o Plano Espiritual e o Plano Material, se faz, com incrível intensidade.

Um dos casos mais interessantes, contudo, é o do centurião Cornélio. Conta-nos Lucas que, em Cesaréia, vivia um centurião que comandava uma parte da corte itálica. Conforme a estrutura militar do Império Romano, o centurião era um oficial subalterno que comandava uma centúria, isto é, uma seção do exército romano com mais ou menos oitenta homens. Cornélio é descrito por Lucas como um homem bom que dava esmolas aos necessitados e estava sempre orando a Deus.

Diz, então, o texto que, na hora nona do dia, viu claramente um espírito de Deus que lhe dissera estar ele (Cornélio) nas graças do Senhor e pedia ao centurião que mandasse a Joje

17

alguns de seus homens para buscar Simão, também conhecido como Pedro, que habitava junto ao mar na casa de Simão, o curtidor. O texto diz que o Espírito de Deus, portador da mensagem de Cornélio, era um anjo:

Is vidit in visu manifeste qttasi hora diei nona Angelum Dei (Anjo de Deus) adse et diceníem sibi.
(Atos. 10:3.)

Mais a frente, porém, quando Cornélio narra a Pedro a sua visão, o texto se modifica:

Et Cornelius ait: A nudius quarta die usque in hanc horan orans, eram hora nona in domo mea et ecce vir stetit ante me in veste cândida et ait.

(Atos 10:30-31)

(E Cornélio disse: faz quatro dias, eu estava orando em minha casa, a hora nona, quando se apresentou a minha frente um varão com vestes muito brancas que disse.

Novamente, o visitante espiritual perde os traços místicos que a palavra anjo nos sugere, para assumir a forma de um varão de vestes refulgentes. Deste modo, não há como escapar à idéia de que o mensageiro, tomado por um anjo, era, de fato, um espírito desencarnado e de alta hierarquia que veio até Cornélio para lembrá-lo de que estava na hora de se integrar à missão evangélica e nos trabalhos de propagação da doutrina do Cristo.

1.4. A conversão de Saulo.

Saulo, mais tarde Paulo, nasceu em Tarso, na Cilícia. A

Cilícia era uma região da Ásia Menor, entre a Panphilia e a Síria. No tempo de Saulo, era um protetorado romano e seus portos abertos às mais diversas influências, principalmente a grega, tornaram possível ali a criação de um centro cultural cosmopolita e refinado. Em Tarso fermentava um caldo de culturas formado por judeus da Diáspora que haviam estabelecido naquelas terras as suas colônias; gregos que vinham abrir escolas de filosofia ou

18

de retórica; saltimbancos de origem etrusca contorcendo nas praças seus corpos flexíveis; autoridades romanas marchando orgulhosas e prepotentes como é próprio dos conquistadores nas terras conquistadas; perfumistas sírios misturando essências exóticas nas suas tendas cor de palha; árabes montados em grandes e vagarosos camelos. Tudo isso Saulo deve ter visto e, de algum modo, influenciado em sua formação.

Como todo judeu ortodoxo, porém, Saulo foi educado aos pés dos rabinos, ouvindo as palavras do Tora e mergulhado nos estudos do Velho Testamento. Aos trinta anos, vamos encontrá-lo em Jerusalém como um judeu reacionário e radical, zeloso da lei como qualquer fariseu da época. Tinha ouvido falar das comunidades cristãs e formulara sobre elas o pior juízo possível.

Depois da morte de Estevão, um dos sete diáconos escolhidos pela Igreja de Jerusalém, por sugestão dos apóstolos, para presidirem o serviço dos pobres (Atos .4:5. Saulo, tomado de injustificada ira contra os cristãos, resolve acabar de uma vez por todas com aquela pavorosa heresia que, de seu modo de ver, ameaçava os fundamentos do Judaísmo. Para melhor cumprir a sua missão, Saulo apresentou-se ao Pontífice para que este conseguisse cartas para a Sinagoga de Damasco, pois ali viviam alguns membros da seita nefanda que deveria ser erradicada a qualquer custo. Comprometia-se Saulo a trazer a Jerusalém todos os cristãos que encontrasse em Damasco.

No caminho para Damasco, inesperadamente, Saulo viu um grande clarão e caiu por terra. Ouviu, então uma voz que lhe dizia: "Saulo, Saulo, por que me persegues?" Saulo, sem saber quem lhe falava, pergunta: "Quem és, Senhor?" A voz, em meio ao clarão, respondeu: "Sou Jesus a quem persegues. As pessoas que acompanhavam Saulo ficaram muito admiradas pois ouviam a voz mas nada viam. Saulo levantou-se do chão, mas estava cego. Os seus companheiros o tomaram pela mão e o levaram até Damasco. Enquanto essas coisas aconteciam, Jesus apareceu para um homem chamado Ananias, que pertencia à Igreja de Damasco, e lhe diz que deverá auxiliar Saulo de Tarso que se encontra na

19

casa de um certo Judas. Ananias fica surpreso, pois conhecia Saulo

e o tinha como o maior perseguidor dos apóstolos e do povo cristão em geral. Jesus, contudo, lhe diz que aquele homem fora escolhido por ele próprio para levar a sua palavra aos gentios, aos reis e aos filhos de Israel:

Dixit autem deum Dominus: Vade, quoniam vasa electionis est mihi iste ut portei nome meum coram gentibus et regibus et filiis Israel.

Mas o Senhor lhe disse: Vá, porque este homem é um instrumento escolhido por mim para levar meu nome aos gentios, aos reis e aos filhos de Israel.

(Atos. 9:15.)

Esta passagem é bastante interessante do ponto de vista do nosso trabalho. Em primeiro lugar há um fenômeno luminoso bastante intenso (photismo) e um auditivo assaz claro. Estes fenômenos, tomados em conjunto, não são raros na Bíblia. A visão de Saulo, por exemplo, tem bastante semelhança com a teofania de Moisés no Monte Horebe Êxodo. 3:1-22. Em ambos os casos, há uma forte luminosidade e uma voz que fala de dentro de um foco de luz; nos dois casos, dois espíritos que deveriam exercer na Terra uma missão específica são chamados à responsabilidade e, a partir de então, assumem a tarefa que lhes é imposta e a executam com grande eficiência.

Voltemos, todavia, ao caso de Saulo de Tarso. O homem que pretendia acabar com os cristãos de Damasco está caído no chão, sem compreender muito bem o que lhe acontecera.

Reconhece, porém, alguém no foco de luz a quem chama de Senhor. Como acontece em muitos fenômenos espíritos, o médium (no caso Saulo) participa mais intensamente do que as outras pessoas presentes nas quais a mediunidade é apenas latente ou pouco exuberante.

No contato de Jesus com Ananias, o Cristo faz uma revelação:

Saulo é o Vaso Eleito, o espírito escolhido para a missão de levar ao mundo gentio a mensagem do Evangelho. Esta afirmação

20

de Jesus demonstra com grande clareza a preexistência do espírito e os compromissos por ele assumidos no Plano Espiritual antes de reencarnar. Assim, o encontro de Jesus com Paulo tem sabor de um reencontro. Ao que parece e tudo faz crer, Jesus havia planejado com Saulo a parte dele (Saulo) nos trabalhos do Evangelho. Paulo, como vimos, reencarnou em um lugar propício, culturalmente privilegiado onde poderia preparar-se com mais facilidade para a sua tarefa. Sua mente adormecida, porém, pela educação que tivera, o estava desviando dos compromissos firmados.

O encontro entre esses dois espíritos é o momento de Saulo despertar para o trabalho que deveria realizar em favor da implantação do Reino dos Céus entre os homens.

Saulo de Tarso, quase que no mesmo momento, compreende que deve colocar a mão no arado sem olhar para trás. Vê claramente, então, que é tempo de trabalho, de viver o Cristo, de sofrer pelo Evangelho, de queimar todos os navios e destruir todas as pontes que o pudessem fazer voltar ao Judaísmo. Naquela hora, ainda sobre a areia quente do deserto, prepara-se para a grande caminhada na direção de Jesus que o fará dizer um dia cheio de júbilo: *Já não sou mais eu quem vive, é Cristo que vive em mim.*

1.5. A História de Simão, o Mago

A primeira parte desta história se encontra no *Livro dos Atos* (At. 8:8-25.) e a segunda parte em livros apologéticos como *A História Eclesiástica de Eusébio de Cesaréia* e *A Constituição Apostólica*. Vejamos, primeiramente, o *Livro dos Atos*.

Depois que as perseguições contra a Igreja primitiva aumentaram, alguns apóstolos resolveram deixar Jerusalém e levar a palavra do Reino a outros lugares. Felipe, então, dirigiu-se a Samaria onde começou a pregar. Muitos vieram ouvi-lo e traziam para que ele as curasse, muitas pessoas vítimas de espíritos infelizes. Rapidamente, a fama do apóstolo cresceu.

Havia, naquela cidade, um homem chamado Simão que exercia a magia e, com isso, assombrava o povo. Ao saber do sucesso da atividade apostólica de Felipe, aproximou-se dele e

21

pediu para ser batizado no que foi prontamente atendido. Aconteceu, então, que o Colégio Apostólico de Jerusalém, tomando consciência do que acontecera na Samaria, mandou que Pedro e João para lá seguissem. Assim que chegaram, os dois apóstolos fizeram orações pela comunidade samaritana recém convertida para que recebesse o Espírito Santo, pois os neófitos haviam sido batizados (inclusive Simão) apenas em nome de Jesus sem a recepção do Santo Espírito.

Assim, à medida que os apóstolos (Pedro e João, faziam a imposição de mãos, os membros da comunidade recebiam o dom

do Espírito Santo. Vendo aquilo maravilhou-se Simão, o Mago e propôs a Pedro que lhe vendesse aquele dom de convocar o Espírito Santo sobre as pessoas. Pedro repeliu a proposta do Mago com extrema veemência. Simão, assustado, pediu desculpas ao apóstolo por sua atitude impensada. Foi em razão desta passagem que se cunhou o termo "simonia" com o qual se designa o comércio com as coisas santas.

Neste trecho, um outro aspecto que se pode ressaltar é o do

sentido da palavra Espírito Santo. Vimos que, no dia de Pentecostes, foi a manifestação do Espírito Santo que provocou o fenômeno mediúnico da xenoglossia. Assim, o que se pode depreender

desta passagem é que o dom do Espírito Santo e o dom Mediúnico, no texto dos Atos, são a mesma coisa. Esta hipótese é reforçada pela reação do mago que fica a tal ponto maravilhado que quer comprar ao apóstolo aquele poder.

A resposta de Pedro também é muito precisa e esclarecedora, Não se pode comerciar com as coisas do espírito (mediunidade).

Petrus autem dixit ad eum: Pecunia tua tecum si t inperditionem, quoniam donum Dei existmastapecunia possideri! Non est tibi para neque sors in sermone isto; cor enim tuum nom est rectum coram Deo, Poenitentiam ttaque age ab hac nequitia tua; et roga Deum si forte
22

remittatur tibi haec cogitatio cordes tui; infelle enim amaretudims it obligatione iniquitatis vídeo te esse.
(Atos. 8:19-24.)

Pedro lhe disse: Fica com teu dinheiro para a tua perdição porque pensaste que o dom de Deus se consegue com dinheiro. Tu não tens parte nem herança nisto porque o teu coração não é reto diante de Deus. Arrepende-te, pois, desta maldade e roga ao Senhor que, se possível, te seja perdoado este pensamento de teu coração. Porque te vejo cheio de amarguíssimo fel e entre os laços da iniquidade.

É famosa a frase de Jesus Cristo: "Dá de graça o que de graça recebeste. Isto se aplica perfeitamente à mediunidade. Os médiuns insensatos que fazem da mediunidade meio de vida ou a exploram no sentido de ganharem poder aos olhos dos homens, pagam um preço demasiado grande por esta desmedida; quer por caírem no descrédito quer por se tornarem vítimas de processos obsessivos já que, por esta conduta imprudente, perdem a assistência dos bons espíritos.

Vejamos, agora, a outra parte da história de Simão, o Mago. Simão nasceu em Gille, na Samaria e teria sido discípulo de um certo Dorsiteu. Parece ter sido uma pessoa que possuía acentuados poderes mediúnicos, mas os exercia de um modo indisciplinado e imoral procurando tirar proveito de suas faculdades mediúnicas. Tudo indica também que fosse uma pessoa com problemas psíquicos, resultado de obsessões ou mesmo vítima dos próprios desequilíbrios. Após os acontecimentos com Pedro em Samaria, Simão perdeu grande parte de seu prestígio e, envergonhado, deixou sua terra empreendendo uma longa viagem. Esteve na Ásia Menor e Alexandria, grandes centros culturais da época, onde fez prodígios, curando pessoas e pregando o

Reino do Céus do qual ele próprio era o Messias.

Simão, em suas viagens, era acompanhado de uma antiga

prostituta natural da cidade de Tiro, na Fenícia. Chamava-se Helena e, possuindo poderes psíquicos, auxiliava bastante os

23

trabalhos de Simão relativos ao trato com os espíritos e nas práticas da mediunidade curativa. Simão achava que a sua relação com Helena, aproximava-o de Jesus que havia resgatado Madalena do pecado (Madalena também era prostituta) tornando-a uma servidora fiel.

O Mago, entretanto, achava-se diferente de Jesus porque Helena não era como Maria Madalena, uma prostituta comum; mas a encarnação do Espírito Divino Ennóia ou Epinóia. Contava Simão que, um dia, Ennóia foi aprisionada pelos anjos maus e impedida de voltar ao Pai. Depois de muitas peripécias, os anjos negros conseguiram aprisionar o puro espírito em um corpo feminino.

Desde esta época, o Pensamento Divino teve várias encarnações, sendo uma delas como Helena, filha de Zeus e Leda, e causadora da Guerra de Tróia.

Com o passar do tempo, de encarnação em encarnação, Ennóia foi se degradando até que, na cidade de Tiro, encarnou-se como prostituta. Simão, ao encontrá-la, faz uma espécie de hierogamia pois ele próprio se considerava a encarnação do Nous ou Espírito Divino conforme o pensamento gnóstico.

Segundo os escritores cristãos Justino e Eusébio, Simão, de uma certa feita, elevou-se no ar na presença dos apóstolos de Jesus. Vamos ler este acontecimento tal como se encontra nas *Constituições Apostólicas* (Liv.VI.cap,IX. Esta narrativa é atribuída ao próprio Simão Pedro.

Encontrei Simão, o Mago, em Cesaréia e, em uma disputa pública, obriguei-o a dar-se por vencido. Partiu, a seguir, para Roma onde começou a se mover contra a Igreja, a debilitar a fé e a corromper os pagãos com as suas artes mágicas.

Certo dia, convidou o público para ir a um anfiteatro e levou-me a mim também, prometendo que voaria pelos ares. Todos os olhos estavam fixos nele. Eu rezava no interior do meu coração. Os demônios tomaram-no. Vou subir aos céus, dizia ele "e de lá derramarei sobre vós bênçãos e graças. A multidão o aplaudia e o festejava como se fosse uma divindade. Eu, com o coração e as mãos erguidas ao céu, suplicaba a Deus, pelos méritos de Jesus Cristo, que abatesse o

24

orgulho daquele impostor, quebrantasse o poder dos demônios que pervertiam os homens, derrotasse o ímpio com uma queda afrontosa e lhe partisse os membros sem lhe privar da vida. Feita essa oração, exclamei, olhando para Simão: "se

eu sou um verdadeiro apóstolo do Cristo, e mestre da piedade sincera e não um impostor como tu, miserável Simão, ordeno às potestades cúmplices de tua impiedade. que soltem as tuas mãos e que caias dessas alturas e venhas recolher os prêmios de teus embustes.”

Mal eu havia falado, Simão, abandonado pelos demônios, veio a terra comum estrondo, caindo no meio do anfiteatro, rompeu um músculo e deslocou os dedos dos pés. A multidão exclamou: "O Deus de Pedro é o verdadeiro Deus. Muitos abandonaram Simão e se converteram; outros perseveraram nessa ignominiosa seita.

(Apud. Enciclopédia de Ciências Ocultas e Parapsicologia. Vol. II. p.99.)

A narração é bastante esclarecedora, sendo o seu ponto alto, o espetáculo da levitação dado pelo mago samaritano e interrompido pela prece de Pedro. Possivelmente uma narrativa deste tipo poderá ser considerada maravilhosa (tomo aqui esta palavra no sentido de irreal) por muitas pessoas. Não pretendo aqui, discutir a historicidade do relato. O que, contudo, não se pode negar tão facilmente é o inquietante fenômeno da levitação.

Vamos abrir um espaço aqui para fazermos algumas considerações históricas sobre a Levitação. Philostrato em sua *Vida de Apollonius de Tyana*, tratando dos sábios da Índia, escreve: Damis os viu elevarem-se ao ar, na altura de dois côvados, não para causarem admiração (pois que eles se abstêm desta pretensão, mas porque, em sua opinião, tudo o que fazem em honra do Sol, a alguma distância da Terra é mais digno deste deus.

(Apud. De Rochas. Levitação. p.21.)

A propriedade de ficar suspenso no ar, desafiando a lei da gravidade, era bastante conhecida na Índia onde era considerada

25

como um aspecto distintivo dos deuses e dos ascetas. Luís Jacolliot, em um livro notável - hoje raro - intitulado *Voyage au Pays des Fakirs Enchanteurs*, faz um relato em que o protagonista: era um faquir chamado Covindassamy, que vinha de Frivanderam, perto do Cabo Comarim, no extremo Sul do Índustão e estava somente de passagem por Benares. Fora encarregado de trazer para ali os restos fúnebres de um rico malabar, e habitava provisoriamente na margem do Ganges, em lugar pouco distante da casa alugada pelo Sr. Jacolliot. Havia vinte dias que se entregava ao jejum e à oração quando se produziram, entre outras cenas prodigiosas, as duas seguintes, que copiou textualmente da obra do magistrado francês. Tendo ele pegado numa bengala de pau-ferro que eu trouxera do Ceilão, apoiou a mão no castão e, com os olhos

fixos no solo, pos-se a pronunciar conjurações mágicas e outras momices com que se esquecera de mimosar-me nos dias precedentes. Com uma das mãos apoiada na bengala, o faquir elevou-se gradualmente cerca de dois pés do chão, com as pernas cruzadas, à moda oriental, ficou em uma posição assaz semelhante a desses budas de bronze que todos os turistas trazem do Extremo Oriente.

Procurei, durante mais de vinte minutos, compreender como Covindassy podia derrogar as leis ordinárias do equilíbrio. Não o pude conseguir; apenas a palma de sua mão direita estava em contacto com a bengala. Nenhum apoio aparente havia para o seu corpo.

Cumprer notar que a cena se passava no terraço superior da casa do Sr. Jacolliot e que o faquir estava quase inteiramente nu. Da mesma maneira sucedeu com este outro fenómeno. No momento em que ele me deixava para ir almoçar e fazer a sesta durante algumas horas, o que era para ele a mais urgente necessidade, pois havia vinte e quatro horas que nada comera nem descanso algum tivera, o faquir parou no vão da porta que dava do terraço para a escada de saída, e, cruzando os braços no peito, elevou-se ou pareceu elevar-se, pouco a pouco, sem apoio aparente a uma altura de cerca de vinte a

26

vinte e cinco centímetros. Um ponto que, durante a rápida produção do fenómeno, eu marcara com segurança, fez com que eu fixasse a distância exata. Por detrás do faquir achava-se uma tapeçaria de seda que servia de reposteiro, com as cores vermelha, ouro e branca em tiras iguais. Notei que os pés do faquir estavam na altura da sexta tira.

(De Rochas, op. cit. p.25.)

O Sr. Jacolliot ficou muito admirado com as proezas realizadas pelo faquir e lhe perguntou se ele poderia elevar-se a qualquer altura. Covindassy respondeu-lhe que, se desejasse, poderia alçar-se até às nuvens. Jacolliot, então, lhe perguntou como conseguia levitar. O faquir respondeu que costumava orar fervorosamente até que um espírito superior vinha prestar-lhe ajuda.

A história da Igreja Católica é bastante rica em casos de Levitação. São Bernardo de Clairvaux, santo medieval que viveu entre 1090 e 1153, cujo verbo inspirado e grande eloquência, levantou a França e a Alemanha no tempo da Segunda Cruzada; costumava erguer-se no ar enquanto pregava, conforme atestam alguns de seus biógrafos. Domingos Gusman (1170-1221, fundador da ordem dos pregadores e que participou com muito entusiasmo e zelo na erradicação da heresia albigense no Languedoc França; foi encontrado por seus irmãos de Ordem pairando

no ar como se fosse feito de pluma. São Francisco Xavier (1506-1552, normalmente caía em êxtase e, neste estado, elevava-se do solo a alturas consideráveis. As pessoas presentes ficavam atemorizadas por causa do brilho que, nessas ocasiões, envolvia o rosto do santo.

Um caso não menos interessante é o de Santa Teresa (1515-1582.

Certo dia ela estava conversando com San Juan de la Cruz sobre o mistério da Santíssima Trindade, quando o santo ascendeu, arrastando consigo uma cadeira. No mesmo momento, a santa sentiu também o seu corpo elevar-se. No excelente trabalho de Clovis Tavares ao qual já fizemos referência, lê-se:

São muitos também os casos de levitação em que São Pedro de Alcântara atravessa, como se pisasse em terra

27

firme, a superfícies de rios. Algumas vezes, sem dar ele mesmo conta do prodígio, por ir absorto em altíssima contemplação, como lhe aconteceu ao se dirigir de Alcântara a Garrovilhas, quando cruzou, dessa maneira, o rio Tejo num local de grande perigo.

(Tavares, Mediunidade dos Santos, p.134.)

Os casos de levitação, porém, não são um privilégio dos santos católicos, pois, fora da Igreja, encontram-se vários relatos muito semelhantes àqueles que se passaram com os chamados santos.

Um dos exemplos mais interessantes de levitação fora dos arraiais eclesiásticos foi acontecido com o famoso médium Daniel Dunglas Home. Home nasceu na Escócia, em uma aldeia por nome Curie, nas proximidades de Edinburgo. Deixou a Escócia com nove anos na companhia de uma tia que o havia adotado e foi viver na Inglaterra. Aos 13 anos começaram a aflorar as suas faculdades mediúnicas que o tornaram, mais tarde, um dos maiores médiuns do Ocidente.

Os casos de levitação em que Home foi envolvido foram notáveis, quer por sua objetividade, quer pelo grande número de testemunhas qualificadas e idôneas que a eles presenciaram. Lord Lindsay em uma das sessões com Home, diz que, em um certo momento, ouviu a janela ser aberta e viu o corpo do médium flutuando no ar. Lord Adore que também tomava parte nesta experiência, voltou à sala e verificou que os vidros da janela estavam levantados apenas cerca de dezoito polegadas 45,7 cm.

O observador achou estranho que uma pessoa adulta pudesse ter passado por uma abertura tão pequena. O médium, ainda em transe, disse: vou lhe mostrar como foi possível. E repetiu a experiência perante o boquiaberto Lorde Adore.

Estes acontecimentos aconteceram no dia 13 de dezembro de 1868, no terceiro andar de um edifício situado em Londres, para ser mais exato, no número cinco de Buckinham Gate, Ashley

Place. A manifestação foi realizada na penumbra. Muitos dos detratores do Espiritismo dizem que os fenômenos mediúnicos exigem certas condições, como a ausência de luz, o que favorece

28

e incentiva a produção de fraudes. No caso de Home, por exemplo, este argumento é inconsistente, uma vez que ele (Dunghas lome) costumava levitar em plena claridade.

Não se deve, entretanto, confundir as levitações verdadeiras ou objetivas com as falsas ou subjetivas. Os casos mais comuns de levitação são os que aconteciam com as bruxas, cujas imagens, voando em cabos-de-vassouras tornaram-se tradicionais nas iconografias demonológicas. A maioria dos estudiosos de bruxaria costumava atribuir o vôo das feiticeiras a fenômenos alucinatórios, provocados por unguentos friccionados no corpo ou pela ingestão de ervas que possuíam poderes alucinógenos.

Jean Nyaud, autor de um trabalho clássico sobre feitiçaria, intitulado *La Licantropie, Transformation et Êxtase des Sorcieres* *A Licantropia, Transformação e Êxtase das Feiticeiras*, publicado em 1615, explica que existem dois tipos de unguentos: um para conseguir transportes aéreos (levitação) e outro capaz de produzir a transformação de seres humanos em animais (licantropia). entre as ervas que podem conseguir tais efeitos estão a erva-mora, acônito e a cizânia.

Pierre Gassendi (1592-1625), famoso filósofo francês, conta que, certo dia, encontrou um grupo de camponeses que havia capturado um bruxo. Gassendi propôs ao feiticeiro a troca de sua liberdade pelo segredo de se deslocar pelo ar. O prisioneiro aceitou.

Depois de algumas negociações com os camponeses, Gassendi conseguiu que o feiticeiro fosse libertado.

Livre, o homem mostrou ao seu libertador uma bolinha gordurosa garantindo-lhe que o mistério dos vôos estava ali. O feiticeiro convidou Gassendi, então, a acompanhá-lo em uma de suas viagens. O filósofo aceitou. O bruxo deu-lhe uma das bolinhas, colocou outra na boca e começou a mastigar vagarosamente.

Gassendi guardou a sua. Não demorou muito e o bruxo começou a se contorcer, a estrebuchar e passou toda a noite em delírio. Ao voltar a si, fez minucioso relato sobre o seu vôo e a respeito do Sabá de que havia participado a muitos quilômetros dali.

29

Giam batista de La Porta 1540-1615, em trabalho hoje clássico chamado *Magia Natural*, narra que, certa vez, uma velha bruxa consentiu em ser observada:

Viram, então, como a velha se untou e caiu no chão adormecida. Entraram no quarto onde jazia a desgraçada e deram-lhe uma boa dose de açoites sem que a velha desse

mostras de dor. Depois da cruel experiência, deixaram-na como estava até voltar a si. Ao despertar, a bruxa contou que havia atravessado mares e montanhas, narrando com todos os detalhes os fatos mais importantes apesar de lhe terem dito que permanecera naquele local e lhe mostrarem as equimoses e contusões como provas irrefutáveis; ela, porém, continuou a insistir nas suas extravagâncias.

(Enciclopédia de Ciências Ocultas e Parapsicologia. V. II. p. 39)

Viajam as bruxas e bruxos de um ponto de vista objetivo?

Naturalmente que não, contudo, dizem eles que voaram e são capazes de relatar tais viagens com riqueza de detalhes: Vale a pena, porém, abrir aqui um parêntese para fazer uma ligeira referência sobre dois livros modernos; um chamado *Beyond the Body An Investigation of Out-of-the-body Experiences*, da pesquisadora Susan J. Blackmore, e o outro intitulado *The Projection of Astral Body*, de Muldoon e Carrington.

Nesses dois livros há um grande número de relatos nos quais pessoas contam suas experiências fora do corpo; em outras palavras: pessoas existem que, através de técnicas especiais, podem deixar seus corpos físicos e viver temporariamente em seus corpos etéreos ou duplos fluídicos. Essas pessoas, ao narrarem as suas experiências contam que se sentiram levitando sobre o corpo físico que continuava deitado e sem movimento. Alguns falam que, nessas experiências, sentiram-se levitando à altura do teto e outros mesmo que afirmam ter deixado suas casas e "voador" por longas distâncias.

Se tais fatos são verdadeiros (e a maioria deles foi realizada em condições de controle bastante rígidas, é possível que os

30

Bigüentos de ervas que os bruxos esfregavam em seus corpos como se possuíssem alguma propriedade química que lhes facultasse uma espécie de êxtase com a projeção do corpo astral. Deste ponto de

10
vista. as feiticeiras iam de fato aos sabás, não com seus corpos de carne, mas com suas vestes espirituais.

Qual é, porém, a explicação para os casos de levitação obidiva, semelhantes as dos santos ou a de Home? No caso relatado por Pedro, nas Constituições Apostólicas, fica claro que na opinião do apóstolo, Simão, o Mago, era sustentado por demônios (espíritos) interessados na destruição do trabalho evangélico, A icona de que o levitante é amparado no ar por espíritos inferiores (demônios) foi muito utilizada pelos teólogos tradicionais a ponto de a levitação ser considerada como um sintoma característico da possessão demoníaca.

A interpretação de Pedro não é isolada. Há um relato citado

por De Rochas (Op. cit. p.27-28) sobre um caso de levitação provocado por uma forma espiritual. A história é assinada por um certo Bavadjé D.Natts e datada de 1885. Conta o narrador que, em certa ocasião, viajava com um "biragi" (asceta) quando chegaram perto de uma "ashrma", uma espécie de loja pertencente a uma confrariuzinha mística do sul da Índia. Havia, perto da loja

11

um pequeno bosque e o narrador decidiu passar a noite ali junto com o seu companheiro. Deitaram-se e, mais ou menos às oito horas da noite, o asceta afirmou que havia recebido um aviso psíquico no sentido de se afastarem dali o mais rápido possível. O asceta, entretanto, desobedecendo ao aviso, resolveu ficar, acontecesse o que acontecesse. No fim de alguns minutos, o asceta, sentiu-se agarrado por uma enorme e vigorosa mão. Em meio minuto, foi transportado para fora do bosque, até a margem do rio, e atirado sem sentidos no chão. Ao acordar, o asceta explicou que a causa de seu vôo fantástico foi um elemental.

Antes de prosseguirmos neste assunto, creio valer a pena explicar ao leitor não familiarizado com a religião da Índia, o conceito de elemental. Conforme a tradição teosófica indiana, os elementais ou devatas são gênios ou demônios a quem a tradição

31

ocultista do Ocidente deu o nome de guinomos, sílfides, ondinas e salamandras conforme o seu habitat seja a terra, o ar, a água e o fogo. Os elementais possuem uma natureza totalmente diversa da alma humana e por isso não podem ser confundidos com ela. Os "mahatmas" ou iniciados, graças a certos processos a que chamam em sânscrito, Yalastambah, conseguem evitar que os elementais possam ter domínio sobre eles, causando-lhes dificuldades.

Deste modo, o "Bustambah" ou arte de repelir os elementais da terra, permite a certos iogues enterrarem-se vivos durante alguns meses sem que isso lhes cause maiores prejuízos.

De modo semelhante, o "Vaju Stambah, técnica para controlar os elementais da água, permite ao iniciado flutuar sobre os lagos e rios, inteiramente nu, durante várias semanas. Assim, os espíritos da natureza, se controlados pelos processos adequados, podem prestar serviço aos que com eles sabem lidar; entretanto, ao se aproximarem de pessoas inexperientes com relação ao Mundo Etéreo, podem causar enormes dificuldades.

Alberto de Rochas, no livro que já citamos, oferece uma explicação menos mística da levitação. Na página 31 desta obra, lê-se.

A levitação, em desacordo com a lei de gravidade estabelecida pela ciência moderna, só pode ser explicada pela teoria da atração e repulsão universais. Se os médiuns se elevam, isso deve-se a, durante algum tempo, adquirirem um

caráter completamente positivo em relação ao magnetismo da Terra a que se convencionou chamar positivo. Em cada organismo humano há, como no resto da Natureza, os dois magnetismos, o positivo e o negativo. O que chamamos vida, não é mais do que o resultado da ação e da reação constante dessas forças positivas e negativas. A cessação ou equilíbrio dessas forças é a morte. Esta observação, todavia, não se aplica aos iogues. Os ocultistas podem, a sua vontade, produzir esse equilíbrio sem morrerem, fato este que já se dá com os faquires indianos que podem ficar enterrados durante quarenta dias. Se fôssemos de natureza inteiramente negativa, estaríamos enraizados como árvores. Se fôssemos completamente positivos, não poderíamos estacionar um só momento no

32

chão e seríamos sempre repelidos de sua superfície porque as forças positivas se repelem. Quando, por nossa vontade, saltamos, momentaneamente tornamo-nos positivos; quando ficamos no chão ou ali nos sentamos tornamo-nos inteiramente negativos em relação a Terra. Como a nossa força de vontade não é desenvolvida, não é tão forte como a de um ocultista, não podemos ser levantados; e, se nos conservamos em pé ou ficamos demasiado tempo sentados, sobrevém o cansaço e somos obrigados a mudar de posição.

(De Rochas. Levitação. p.31)

Essas interpretações e teorias, a nosso ver, ainda são insuficientes para explicar, de modo definitivo, o fenômeno da Levitação. As pesquisas, entretanto, se encontram em curso, apesar dos preconceitos com que tais assuntos têm sido encarados pela ciência oficial.

33

PARTE II

A Reencarnação.

2. A Reencarnação na Igreja Primitiva

Na aurora da Igreja, as idéias sobre a possibilidade das vidas sucessivas eram mais ou menos comuns e defendidas por alguns padres de grande importância. Tais idéias tinham origem nos pensamentos neopitagóricos e neoplatônicos que dominavam, então, os centros culturais mais importantes, principalmente a cidade de Alexandria. Vejamos em seqüência alguns exemplos que respaldam as nossas afirmações.

Flávio Josefo, um judeu romanizado, dirigindo-se a alguns soldados que se mostravam dispostos a se suicidarem para não cair nas mãos dos romanos, disse:

Os corpos dos homens são realmente mortais e criados de material corruptível; a alma, porém, é para sempre

imortal e parte da divindade que habita nosso corpo. Não vos lembrais por acaso que todos os espíritos puros, ao partirem desta vida ganham um lugar, o mais sagrado no céu, de onde, nas revoluções das idades, são novamente enviados para corpos puros, enquanto as almas que cometeram autodestruição são condenadas às regiões trevosas do Hades? (Apud.Santesson. Reincarnation, 1969.)

Note-se que, no texto de Flávio Josefo, há não só uma afirmação tácita da volta do espírito a assumir um corpo físico, como uma alerta aos candidatos ao suicídio, lembrando-lhes as dificuldades que seu gesto tresloucado lhes acarretará no outro lado da vida Hades; o que se encontra em perfeita consonância com a Doutrina Espírita.

34

Um dos primeiros padres a defender de modo claro a teoria Da reencarnação foi Clemente de Alexandria. Embora tenha sido um escritor fecundo e uma figura importante no contexto da igreja nascente, pouco se sabe sobre a vida deste padre. Os breves traços biográficos que possuímos de Clemente são os seguintes: Titus Flavius Clemente nasceu em Atenas no ano 150 d.C. na cidade de Péricles, deve ter tido início a sua formação. Foi convertido ao Cristianismo, mas não se sabe a época, o lugar ou o motivo de sua conversão. Depois de convertido, fez algumas viagens pelo sul da Itália, Síria e Palestina com o objetivo de aprender com os mestres mais eminentes da fé cristã.

Em Alexandria, onde fixou residência, matriculou-se na Hscola de Catecúmenos dirigida por Panteno. Em razão de sua inteligência e gosto pela erudição, tornou-se um dos alunos favoritos de Panteno, herdando, mais tarde (possivelmente no ano 200, o cargo de seu mestre. Algum tempo depois da ascensão de Orígenes à liderança da escola, houve a perseguição de Septimo Severo, o que obrigou Clemente a abandonar o Egito e a se refugiar na Capadócia em companhia do seu discípulo Alexandre, que, mais tarde, seria bispo de Jerusalém. Clemente morreu um pouco antes do ano 215 sem ter podido voltar ao Egito.

Clemente de Alexandria tem uma idéia bastante clara da reencarnação e parece, neste caso, compartilhar das idéias dos pitagóricos. No seu livro *Exortação aos Pagãos*, escreveu: Existimos muito antes da fundação do mundo; existimos aos olhos de Deus, pois é nosso destino nele viver. Somos as criaturas mais dotadas de razão do mundo divino; por conseguinte, existimos desde o início, pois no início havia o verbo. não pela primeira vez, ele demonstrou compaixão por nós em nossas perambulações. Condoeu-se de nós desde o próprio início. Filolau, o pitagórico, ensinou que a alma era lançada ao corpo, como castigo, por transgressões

que havia cometido; e a sua opinião foi confirmada pelos mais antigos profetas.

35

Lactancio, filho de Constantino, O Grande, em livro notável chamado *Divinarum Institutionem*, afirmou convictamente que só seria possível a imortalidade da alma se ela houvesse existido antes do corpo. Gregório de Nissa (237-332), refletindo sobre a necessidade de que a alma seja purificada e, vendo a impossibilidade de realizar-se a purificação em uma só vida, admite a possibilidade das vidas sucessivas como o único modo da alma elevar-se nas sendas da evolução. Santo Agostinho (354-430) mostra-se angustiado em suas Confissões e pergunta a Deus:

Dize-me, Senhor. dize-me, minha infância sucedeu a outra idade minha que morreu antes dela? Foi ela que passei no ventre da minha mãe? E novamente antes daquela vida? Ó Deus, minha alegria, estava eu em alguma parte ou em qualquer outro corpo? Pois, para saber, ninguém há para dizer-me, nem pai, nem mãe, nem experiência dos demais, nem minha própria memória.

O campeão, porém, dessas idéias sobre as vidas sucessivas foi Orígenes, Nasceu Orígenes, provavelmente em Alexandria, no ano 185 depois do nascimento de Jesus Cristo. Seu pai chamava-se Leônidas e era cristão convertido. Tendo notado a inteligência precoce de seu filho, Leônidas procurou lhe dar uma educação esmerada, tanto no conhecimento das Escrituras como no saber profano.

Após a morte de seu pai (Leônidas morreu em 202 durante a perseguição de Septimo Severo), o Estado confiscou os bens da família de Orígenes, deixando em penúria a mãe do filósofo e seus diversos irmãos. Orígenes teve, então, que se dedicar ao magistério para prover o sustento próprio e o de sua família.

Por esta época, com a fuga de Clemente para a Capadócia, a Escola de Alexandria ficou sem direção. O bispo Demétrio confiou, então, a Orígenes, embora ele contasse apenas dezoito anos, a direção da Escola. Eusébio, o principal biógrafo de Orígenes, diz que ele atraiu para a Escola de Catecúmenos um grande número de discípulos que vinham atraídos não só pela erudição de Orígenes como pela inteireza de seu caráter. Orígenes tinha o

36

Dom da eloqüência, entretanto, não era um retórico vazio, mas um homem inteiro que sabia combinar as palavras com a prática dia-a-dia. Falava como vivia e vivia como falava. Ouçamos, porém, o próprio Eusébio:

Perseverou durante muitos anos neste gênero de vida, o mais filosófico, ora exercitando-se no jejum, ora dificultando

as horas dedicadas ao descanso que ele passava deitado não em uma cama, mas no chão duro. Antes de tudo achava que deveria observar aquelas palavras do Senhor no Evangelho que recomenda não ter vestes, nem levar sandálias, nem se preocupar com o futuro.

(Eusébio. História Eclesiástica. 6:3.9-10)

Na Escola de Alexandria, Orígenes começou por se encarregar dos cursos preparatórios de dialética, física, matemática, geometria, e astronomia, assim como filosofia grega e teologia especulativa. Todo este trabalho era uma carga muito pesada mesmo para um homem do porte de Orígenes. Assim, ele convidou um seu discípulo, por nome Heracles, para se encarregar da reurte propedêutica enquanto ele ficava incumbido dos cursos para os estudantes mais avançados aos quais ensinava hermenêutica das Sagradas Escrituras e Teologia. Mesmo com todo esse trabalho, Orígenes ainda encontrou tempo para assistir às aulas de Amônio Sacas, o fundador da Escola Neoplatônica de Alexandria. Foi, muito provavelmente, a partir dessas aulas que Orígenes entrou em contacto mais acentuado com as doutrinas sobre transmigração das almas.

Foi mais ou menos por esta ocasião que Orígenes, lendo *O Evangelho Segundo Mateus* e interpretando-o literalmente, castrou-se, acreditando em que, deste modo, agradava a Deus. O texto provocador foi o seguinte:

Porque há eunucos que nasceram assim do ventre de sua mãe, há eunucos a quem os homens fizeram tais e há eunucos que a si mesmo se fizeram eunucos por amor ao Reino dos Céus.

(Mat. 19:12.)

37

Depois de uma vida laboriosa dedicada ao ensino da Sagrada Escritura e à parte permanente da piedade cristã, Orígenes desencarnou na cidade de Tiro, na Fenícia, no ano 253. Tinha, então sessenta e oito anos de idade. Estava doente, alquebrado, consumido por uma vida dedicada ao labor intelectual aos trabalhos do Evangelho.

As idéias de Orígenes sobre a reencarnação foram bastante claras: no *De Principiis*, escreveu:

Todas as almas. chegam a este mundo fortalecidas pelas vitórias ou debilitadas pelas derrotas de sua vida pregressa. O seu lugar neste mundo, como um vaso destinado a honrar ou desonrar, é determinado pelos seus méritos ou deméritos prévios. O trabalho neste mundo determina o lugar no mundo que se seguirá a este.

(Apud. Santesson. 1969. p. 125.)

No *Contra Celso*, fala sobre a reencarnação com muito

mais clareza:

Não está mais de conformidade com a razão que todas as almas, por algumas razões misteriosas (falo agora de acordo com as opiniões de Pitágoras, Platão e Empédocles, que Celso freqüentemente menciona, sejam introduzidas em um corpo de acordo com seus méritos e antigos atos? Não é racional que as almas que usaram seus corpos para fazer o maior bem possível tenham direito a corpos dotados de qualidades superiores aos corpos dos demais?

A alma, cuja natureza é imaterial e invisível, não existe em local material sem ter um corpo apropriado à natureza do lugar; conseqüentemente deixa um corpo que lhe era necessário antes, mas que não é mais adequado ao seu "status" modificado e troca-o por outro.

E interessante notar que, àquela época, os ensinamentos de Orígenes eram considerados evangélicos e, portanto, aceitos pela Igreja. Assim, o insuspeito S. Jerônimo apoia Orígenes na interpretação de uma frase de Paulo aos efésios: "Quem nos escolheu

38

milhares da fundação do mundo. (Ef. 1:4.) Vejamos o que escreveu o autor da *"Vulgata"* sobre esta questão:

Uma habitação divina, um verdadeiro repouso no alto, segundo penso, deve ser entendido como o local onde criaturas racionais habitaram e onde, antes de sua descida para uma posição inferior e transferência do invisível, da queda à Terra e da necessidade de corpos grosseiros, desfrutaram de antiga bem-aventurança onde Deus, o criador, para ela fez corpos apropriados às suas humildes posições, criou este mundo visível e enviou aqui ministros para a sua salvação.

Como se pode ver por esses exemplos, a crença na reencarnação não era estranha à Igreja Primitiva; mais tarde, contudo,

A doutrina das vidas sucessivas foi colocada fora da Igreja e considerada herética. Como aconteceu isto? Foi por ocasião do rolamento da Igreja ao Estado que esta crença começou a ser combatida e por razões puramente políticas. O anátema contra a reencarnação e, por extensão, contra o pensamento de Orígenes, : constatou a vitória do dogma monofisista ao qual o imperador Justiniano e a imperatriz Teodora haviam aderido.

Os monofisistas defendiam a tese de que o corpo físico de Jesus Cristo era totalmente divino e que jamais se haviam reconhecido naquele corpo atributos divinos e humanos, materiais e espirituais.

Daí o nome monofisismo (mono + physis, única natureza).

Ora, Orígenes ensinava exatamente o oposto. Dizia ele que o corpo de Jesus era material e semelhante ao de qualquer ser humano e que fora santificado pelo Logos ou verbo divino que habitara nele.

Assim, no dia dois de junho do ano 553, foi reunido o Concílio Ecumênico, com a presença de cento e sessenta e cinco bispos dos quais apenas seis pertenciam à Igreja do Ocidente. Neste Concílio foram decididos quinze anátemas propostos pelo imperador contra o origenismo e outras heresias. O primeiro desse anátemas dizia o seguinte: "Todo aquele que defender a mística da preexistência da alma e a absurda idéia do seu regresso a um corpo, será anatematizado"

39

Deste modo, no Concílio de Constantinopla, esmagava-se por completo a teoria da reencarnação, pois o anatematizado assim como os seus familiares tornavam-se objeto de duras perseguições. Em lugar da doutrina consoladora das vidas sucessivas que explica com considerável dose de lógica as desigualdades sociais e a origem do sofrimento, foi colocada uma doutrina confusa e irracional, que transforma a morte, não na libertação do espírito, mas em uma ameaça tão cruel que o simples ato de pensar na possibilidade da morte apavora o cristão. Em vez de se conservar a doutrina de que a vida continua e de que cada espírito progride à proporção que vivência as experiências do corpo, a Igreja ofereceu a doutrina das penas ou dos gozos eternos, carente de bom senso e incompatível com a noção de um Deus justo e amoroso.

2. Apolônio de Tiana

Apolônio de Tiana é um desses personagens que habitam a região nebulosa, fronteira entre o mito e a realidade. Misto de filósofo e taumaturgo, viveu na época do apóstolo João Evangelista. Seu lugar de nascimento, Tiana, era um centro comercial, religioso e intelectual da Ásia Menor. Nas proximidades de Tiana ficava Eges, uma cidade menor, onde vivia um filósofo pitagórico por nome Euxino. Apolônio tornou-se discípulo de Euxino, tendo sido iniciado por este na Filosofia de Pitágoras. Terminado este aprendizado, Apolônio foi viver em um templo dedicado a Esculápio, o deus da Medicina na mitologia helênica. Ali, na companhia de sacerdotes-terapeutas, entre cantos de pássaros e o som melodioso dos regatos, Apolônio desenvolveu a sua mediunidade e aprendeu as artes médicas. Muito cedo começa a ser procurado por pessoas doentes que vinham até ele buscar lenitivo às suas dores.

Apolônio de Tiana praticava em sua vida uma espécie de disciplina quase ascética. Não comia, por exemplo, qualquer alimento de origem animal, não bebia vinho, vivendo apenas de frutas e ervas. Philostrato, seu principal biógrafo, diz que Apolônio era conhecedor profundo de todas as religiões e que era, com

40

freqüência, consultado sobre matéria religiosa. O filósofo - diz

Philostrato - atendia aos seus interrogantes com extrema paciência e grande simplicidade.

Terminado o seu retiro no Templo de Esculápio, Apolônio decidiu sair pelo mundo ensinando a sua doutrina, misto de unitagorismo, Platonismo e Cristianismo. Pregava a existência de um Deus e ensinava que esse Deus era amorosíssimo e muito sensível, detestando, por isso, os sacrifícios sangrentos cuja violência é incompatível com o espírito divino. Possuía absoluta certeza na imortalidade da alma. Em uma carta escrita a Valério, afirmou:

Ninguém morre a não ser em aparência, do mesmo modo que ninguém nasce a não ser em aparência. Com efeito, a passagem da essência à substância é aquilo que se chama nascer; e morrer é o contrário, passagem da substância à essência.

(In. Historiário Ocultismo. Idade Média, p.39.)

Para ele, a vida no corpo físico era uma espécie de prisão da alma:

Todos nós, tantos quanto somos, estamos na prisão durante o tempo a que chamamos vida. A nossa alma, amarrada a este corpo perecível, sofre numerosos males e é escrava de todas as necessidades da condição humana

(Op. cit.p.38.)

Conforme a biografia escrita por Philostrato, Apolônio, ao longo de sua vida, produziu uma série de eventos que poderiam ser chamados maravilhosos, se tomarmos esta palavra no sentido de extraordinário. Conta Philostrato que, certo dia, Apolônio viu passar um cortejo fúnebre. As pessoas caminhavam chorosas, levando para o seu sono final uma bela jovem. Apolônio ordenou às pessoas que levavam a jovem que parassem e aproximou-se com passos graves. Pediu para ver o cadáver. Os parentes mostraram a ele o corpo da moça. Ele examinou o rosto dos presentes, sentiu a angústia expressa em cada face; por fim perguntou como a jovem se chamava. Chamou-a pelo nome. A moça abriu os olhos como se acordasse de um sono profundo. Os pais da

41

moça, para demonstrarem a sua gratidão, deram a Apolônio 150.000 dracmas, mas ele, tomando o dinheiro, deu-o a jovem para que ela o usasse como dote.

De outra feita, um jovem possuído por espíritos obsessores foi levado ao taumaturgo. O rapaz urrava, fazia caretas, dava grandes cambalhotas e contorcia o corpo. Apolônio, em pouco tempo, libertou o rapaz do espírito que o subjugava.

Um dos seus feitos mais fantásticos, porém, foi um caso de visão a distância telescópica. Conta-se que, certa ocasião, estando em Efeso, Apolônio fazia uma conferência pública. De repente, parou e, parecendo estar em êxtase, gritou: Morte ao tirano! Naquele mesmo instante, em Roma, o imperador Diocleciano

estava sendo assassinado.

Apolônio de Tiana prosseguiu produzindo fenômenos incríveis, mesmo depois de sua morte. Flávio Vopisco, na sua biografia de Aureliano, conta o seguinte: no tempo em que Aureliano cercava a cidade de Tiana decidido a destruí-la, apareceu-lhe a figura de Apolônio quando o imperador ia para a sua tenda. O espírito lhe disse, então, em língua panônia:

Aureliano, se queres fazer conquistas, renuncia aos teus maus desígnios contra os meus concidadãos; se queres mandar, abstem-te de derramar sangue inocente; e se queres viver, não cometas injustiças.

(Apud. H.P. Blavatsky. 1980. V. IV. p. 140.)

O imperador romano Aureliano ficou assombrado com aquela visão, pois conhecia Apolônio de retratos, em templos erigidos em honra ao grande taumaturgo. Ainda sob o impacto de forte emoção, mandou que se levantasse o cerco e pensou em mandar erguer uma estátua e um templo para aquele espírito fantástico. Assim foi Apolônio de Tiana, um homem de formidáveis poderes mediúnicos que, na sua época, foi considerado como um deus por seus admiradores e como um demônio por seus adversários. Ele, entretanto, foi um homem, apenas um homem que conseguiu

42

desenvolver potencialidades paranormais e as colocou a serviço de seu próximo.

2.2. Philon de Alexandria

Philon nasceu em Alexandria em uma família aristocrática de origem sacerdotal. Sempre esteve interessado no destino e nas lutas do povo judaico ao qual pertencia. Em uma obra chamada *Adversus Flacum* (Contra Flaco) defendeu os judeus contra as arbitrariedades do prefeito Flaco, homem vaidoso e autoritário. No ano 39 DC, Apion ordenara a colocação de uma estátua do imperador no interior da sinagoga, insulto insuportável a um judeu.

As comunidades judaicas de Alexandria resolveram mandar a Roma uma comissão de notáveis para levar até ao imperador Calígula os protestos judaicos contra o ato arbitrário e violento de Apion. Esta Embaixada foi chefiada por Philon. O encontro com o imperador foi frustrante porque Calígula, após ouvir as explicações de Apion, despediu os judeus sem ouvi-los.

Philon escreveu em grego, língua que ele dominava perfeitamente.

Muitas dessas obras se perderam. As obras de Philon que possuímos estão escritas em latim e armênio. O estilo de Philon um tanto prolixo e pesado. Lendo-se esses textos, encontramos algumas incongruências e contradições; entretanto, pode-se surpreender, sem muitas dificuldades, sob um fundo judaico, elementos justapostos de origem pitagórica, platônica, estóica e aristotélica.

A sua Antropologia está inspirada em parte no Platonismo

e, em parte, no Estoicismo. Para ele, o homem possui um corpo e uma alma. O corpo procede da matéria e é um invólucro grosseiro que serve de prisão para a alma. A densidade da matéria impede ao espírito encarnado - diz Philon - perceber com clareza as coisas divinas.

Naturalmente que, no sistema de Philon, o corpo é uma coisa má e, por conseqüência, más são todas as coisas dele derivadas mesmo aquelas que os homens consideram como prazer.

Em Philon, a alma possui dupla natureza; uma parte dela é material, tem sua origem na terra e está misturada com sangue; a outra é originada

43

nas esferas divinas do próprio Logos e é uma espécie de sopro divino (pneuma) ou emanção (apo spasma) da divindade. Nesta parte nobre da alma, encontra-se a inteligência e a vontade livre. Consoante o pensamento de Philon, as almas não são todas iguais. Algumas, muito evoluídas, habitam planos superiores onde vivem em estado de perpétua felicidade; outras, mais inferiores, estão destinadas a viver em corpos materiais. Neste caso, há duas possibilidades, os espíritos bastante materializados, depois da morte, desejosos de continuarem a gozar dos prazeres materiais reencarnam para novas experiências na matéria; os espíritos evoluídos ou menos materializados, reconhecendo que a vida do corpo é mera ilusão dos sentidos, não desejam voltar a viver em corpos densos que consideram como uma espécie de prisão. Ao contrário do Espiritismo moderno (Kardecismo) que vê no corpo físico um veículo de progresso do espírito, Philon acha que o corpo é um impedimento deste mesmo progresso. O corpo, com suas sensações características, acorrenta o homem à Terra, a uma ilusão de vida, afastando-o das questões maiores da vida espiritual. Assim, torna-se necessário o ascetismo permanente para que o espírito aprenda a dominar o corpo e não se dê o contrário. É preciso sufocar os gritos da matéria para que se possa ouvir verdadeiramente a voz do Espírito.

2.3. Os Cátaros

2.3.1. Quem eram os Cátaros?

Pode-se dizer que o Catarismo foi uma das principais heresias da Idade Média. Floresceu nos séculos XII e XIII, no Sul da França, em uma região chamada Languedoc. No Sul da Itália e nos Bálcãs, embora em forma diferente do caso anterior, os cátaros também existiam, porém, sob o nome de Albigenses, por causa da cidade de Albi onde viviam alguns desses heréticos.

O Catarismo, sem qualquer sombra de dúvida, era uma heresia cristã. Os cátaros se consideravam verdadeiros cristãos, seguidores autênticos de Jesus Cristo, em oposição à Igreja Católica, tida pelos heréticos como traidora da mensagem evangélica.

44

Na opinião dos cátaros, a Igreja Católica afasta-se tanto da doutrina de Jesus e dos apóstolos que é impossível a um cristão, conviver dentro dela sem conflitos graves.

O estranho, porém, é que os cátaros afastam-se também e bastante do Cristianismo dos Evangelhos Canônicos. Os cátaros, por exemplo, são maniqueístas e, assim, admitem a existência de dois princípios ou deuses - o do Bem e o do Mal - que lutam entre si pelo domínio do Mundo. Ainda em razão desta atitude maniqueísta, os cátaros costumavam dividir os membros de sua seita em dois grupos: os perfeitos e os simples. Os primeiros formam a classe especial dos homens bons e puros, também chamados heréticos. Os segundos são os membros da seita que não passaram pelos rituais que poderiam torná-los perfeitos e, por isso, estacionam na classe dos crentes ou credentes.

De que modo o cátaro da classe dos simples pode tornar-se perfeito? Em primeiro lugar, deve reunir determinadas condições para avançar de uma classe para outra; depois, através de um ritual iniciatório, (rito de passagem) o candidato é batizado pelo livro e pela palavra nunca através da água. Na terminologia catara, este sacramento se chama consolamentum; de um modo geral, entretanto, os cátaros dão a essa cerimônia o nome de heretização.

Terminado o cerimonial heretizante, o perfeito deve reorientar a sua vida no sentido de se manter em estado de pureza e, para isso evitará alimentar-se de carne e ter relações sexuais. A partir de então, o perfeito destaca-se da comunidade. Terá o direito de benzer o pão e o direito ao "melioramentum" ou adoração que passa a receber dos simples.

As pessoas comuns só podem receber a heretização em um caso: nas vésperas de seu falecimento. Esta heretização tardia visa a permitir que as pessoas simples tenham uma vida suportável, sem muitas restrições, pois nem todos são capazes de longos jejuns e outras práticas ascéticas a que os perfeitos devem se submeter.

Mais ou menos por volta de 1200, o Catarismo tinha se espalhado por toda a região do Languedoc que, por aquele tempo, 45

ainda não pertencia à França. A Igreja começa, então, a se preocupar com o crescimento rápido da seita herética. Em 1209, uma cruzada contra os cátaros, liderada pelos barões do norte da França, marcha em direção ao sul para erradicar a heresia conforme os desejos do papa.

Em 1218, morre Simão de Montfort, o líder dessa cruzada do norte; entretanto a luta continua e o rei de França se aproveita do pretexto religioso de combater a heresia para anexar o Languedoc ao território francês. Seis anos depois, 1224, cai a última fortaleza

catara e os hereges, em massa, são levados para as fogueiras de Montseguir ou para as de Bram onde são sacrificados para a maior glória de Deus.

Bem mais tarde, nas montanhas de Haut-Ariege, ressurgem uns restos de Catarismo como um cadáver que teimasse em não ser enterrado. O local desse renascimento foi a aldeia de Montailou, entre 1300 e 1318. Quem combate os cátaros de Montailou é Jacques Fournier, bispo de Pamiers e mais tarde papa em Avignon. Exercendo o papel de inquisidor, entre 1318 e 1325, Fournier, com rara perícia e grande dose de energia, destruiu por completo os últimos sinais do Catarismo, que não mais ressurgiu em parte alguma.

2.3.2. Os Cátaros e a Metempsicose.

De acordo com as informações colhidas por Jacques Fournier durante o processo inquisitorial a que os habitantes de Montailou foram submetidos, os cátaros acreditavam na metempsicose, isto é, na crença de que, depois, da morte, os espíritos transmigram para corpos humanos ou de animais.

Quando um homem destrói ou rouba os bens de outro

ou procede mal, esse homem está possuído por um mau espírito: esse espírito leva-o a trocar uma vida boa pela má.

Há almas por todo lado, o ar está cheio de bons e maus espíritos.

Salvo no caso excepcional em que um espírito residiu no corpo de um defunto que, enquanto por cá andou foi bom e justo (neste caso voltará para o céu) o espírito que acaba de

46

sair do corpo vai reencarnar-se. Porque os espíritos que pairam no ar molestem esses espíritos quando se encontram no meio deles; eles forçam-no a enfiar-se em um corpo qualquer, quer seja de homem ou animais; porque, enquanto um espírito estiver dentro da carne, os espíritos demoníacos não têm possibilidade de o molestar nem de o atormentar.

(Ladurie, 1975. p.356.) |

A crença na metempsicose levava os cátaros a ter uma relação bastante interessante com os animais, os quais, não raro, eram tidos como portadores de espíritos ou eles próprios espíritos disfarçados.

Quando Geoffroy d'Abilis, o Inquisidor de

Carcassonne morreu, conta Guilherme Maury, ninguém testemunhou o seu falecimento noturno mas, no dia seguinte, as pessoas

que descobriram o cadáver encontraram junto a sua cama dois gatos pretos, um em cada ponta do leito. Tratava-se de espíritos inferiores que acompanhavam o Inquisidor.

Os cátaros não possuíam uma teoria muito coerente que explicasse a reencarnação, seus objetivos e modus operandi.

Assim, as idéias cátaras sobre as vidas sucessivas nos parecem

estranhas e pouco coerentes. Vejamos mais uma passagem do livro de Ladurie sobre os Cátaros: os espíritos, diz Belisarte, quando saem de uma túnica, quer

dizer, de um corpo (após o falecimento deste, correm apressadamente, receosos e assustados. Correm de tal maneira que, se em Valencia (Espanha, um espírito tivesse saído de um corpo (morto) e tivesse de se integrar num outro corpo (vivo) no Condado de Foix e se chovesse fortemente, apenas três gotas o esperariam.

Correndo deste modo, o espírito assustado (e torturado, por outro lado, pelas chamas metidas pelos diabos que andam no ar) enfia-se no primeiro buraco que se encontra

disponível ou seja, dentro de qualquer animal que tenha acabado de conceber um embrião, ainda sem alma; esse animal pode ser uma cadela, uma coelha, uma égua. Ou mesmo dentro do ventre de uma mulher.

(Op. cit. p.358-59).

47

As crenças na metempsicose entre os cátaros, muitas vezes, beiravam ao anedótico, como o caso de um homem que, em sua vida anterior, havia sido um cavalo:

Um homem havia sido mau e assassino. Quando morreu o seu espírito entrou no corpo de um boi; este boi teve um dono severo que o alimentava mal e o ferroava intensamente.

No entanto, o espírito do boi lembrava-se de que havia sido homem. Após a morte do boi, este senhor foi atacado pelos inimigos, subiu para o cavalo e cavalgou pelos penhascos. A um dado momento, o cavalo ficou com o casco preso em duas pedras; com muita dificuldade, conseguiu retirá-lo, mas a ferradura ficou no meio das pedras. Em seguida, o senhor continuou a sua cavalgada durante a noite.

Quanto ao espírito do cavalo, este continuamente se lembrava de que tinha estado num corpo humano.

Depois da morte do cavalo, o seu espírito entrou no corpo de uma mulher grávida e se incorporou no embrião da criança que trazia no ventre já crescida; esta criança alcançou o entendimento do bem (a fé catara. Em seguida, tornou-se perfeito. Um dia, passou, juntamente com seu companheiro, pelo local onde o cavalo tinha perdido a ferradura. Então esse homem, cujo espírito havia estado dentro de um cavalo, disse ao seu companheiro: "Quando eu era cavalo, uma noite perdi a ferradura no meio de duas pedras e andei desferrado toda a noite." Então, os dois homens passaram a procurar no meio das pedras, descobriram a ferradura e a levaram com eles. (Op. cit. p.360.)

Naturalmente a metempsicose não é uma idéia incorporada pelo Espiritismo Moderno (Kardecismo) que não admite possa um espírito reviver no corpo de um animal irracional. Conforme o Espiritismo, o espírito, embora possa estacionar, não regride; por outro lado, pode-se considerar a metempsicose como uma

idéia paralela à doutrina dos espíritos, uma vez que defende a preexistência do espírito e a possibilidade deste ocupar, ao longo de sua história, outros corpos.

48

2.3.3. Os Cátaros e os Espíritos.

Uma das crenças mais interessantes dos habitantes de Montailhou era a de-que os espíritos não ficavam isolados no céus ou no inferno, pelo contrário, prosseguiram vivendo na Terra onde poderiam ser vistos por determinadas pessoas. Interrogado por Jacques Fournier, Guillaume Fort, criador de gado e cultivador em Montailhou, explica:

Houve tempo em que eu não acreditava na ressurreição dos corpos humanos depois do falecimento, se bem que eu tenha ouvido pregar isso na igreja. Ainda hoje não acredito porque o corpo do defunto desfaz-se e se transforma em terra ou cinza. Em compensação, acredito na sobrevivência da alma. as almas dos maus irão para os penedos e para os abismos; e os demônios do alto dos penedos precipitarão essas almas nos precipícios.

- Por que acredita nisto? Perguntou Fournier.

- Porque se diz vulgarmente que, nas regiões de Aillom e na de Sault, Arnaude Rives, uma mulher que vive em Belcaire, na Diocese de Alet, vê as almas dos maus serem conduzidas pelos demônios que depois as atiram penedo abaixo. Arnaude vê essas almas. Elas têm carne, ossos e todos os membros: cabeça, pés, mãos e todo o resto; possuem, pois, um corpo próprio; são atiradas pelos demônios; e gemem muito; estão muito mortificadas. E, no entanto, nunca podem morrer.

(Op. cit.p.431.)

Em razão da presença de espíritos tão próximos dos homens tornava-se necessária a existência, nas comunidades

cátaras, de pessoas que tivessem a faculdade de mediar as relações entre vivos e mortos. A esses médiuns, os cátaros chamavam *Armaries*, ou mensageiros das almas. Tais pessoas eram consultadas com relativa constância. Uma mulher, natural

de Pamiera, diz a Amaud Gélis:

Vós que estais com os mortos perguntai a minha filha se o meu filho Jean, que abandonou nossa casa, morreu ou ainda está vivo. Já há muito tempo que não tenho notícias dele.

(Op. cit.p.433.)

49

O Mundo dos Mortos para os cátaros era uma réplica bastante próxima do Mundo dos Vivos. Do outro lado da vida, consoante ao Catarismo, muito pouca coisa se altera. As mulheres

poderosas e belas, acostumadas a serem transportadas em carroças, prosseguem no outro mundo os seus passeios; ali, entretanto, não são animais que puxam as carretas, mas demônios pavorosos. Tais senhoras, continuam vaidosas, usando vestidos de punho de renda. Soldados mortos em combate caminham exibindo seus ferimentos que ainda sangram. Os assassinados são vistos com o corpo marcado pelos ferimentos que lhes causaram a morte. No outro mundo, caminham religiosos com seus capuchos escuros, médicos que continuam a andar em meio ao leprosário local. Do outro lado da vida, os mortos sentem frio. Por isso quando o vento sopra forte e com seu hálito gelado bafeja os homens, os espíritos procuram as casas onde há muita lenha. Se os moradores estão dormindo e a lareira apagada, eles vão mexer entre as brasas e, encontrando lume, acendem o fogo para se aquecerem. Os mortos, segundo o Catarismo, não costumam comer, mas bebem vinho. Em algumas narrativas, chegam a beber vários barris de vinho. Em outros relatos, diz-se que os espíritos, por mais que bebam, não conseguem afetar a quantidade do líquido. É como se bebessem apenas a essência do vinho. Amaud Gélis, o médium, bebe bastante e, por isso, costumam chamá-lo de *"bouteiller"* (garrafão).

A situação do morto, todavia, não é agradável. Não tem direito à sexualidade nem à vida em família. Os mortos não possuem casa. Vivem, portanto, vagando pelas casas dos vivos e, principalmente nas casas em que viveram. Assim, não tendo onde morar e necessitando formar comunidades fixas, os espíritos vão morar nas igrejas; daí se dizer que os paroquianos mortos são melhores que os paroquianos vivos.

Normalmente, porém, os mortos passam todo o tempo que possuem, vagando de um lado para o outro. Andam pelos campos, vales e penedos, mas, como já o dissemos, a sua preferência maior é pelas casas dos vivos. Muitos dos mortos costumam

50

procurar as igrejas para fazerem penitências. Os usurários se esforçam neste sentido, mais do que qualquer outro espírito. Muitos fazem suas penitências nas igrejas locais; outros, porém, preferem ir mais longe para fazerem suas obrigações. Há mesmo casos de espíritos que fazem peregrinações no Santuário de São Tiago de Compostela.

Assim são os cátaros e suas crenças que procuramos resumir neste trabalho. O leitor espírita, por certo, não encontrará a menor dificuldade para detectar, nos exemplos que coletamos, idéias bastante comuns à doutrina dos espíritos. Encontramos, portanto, entre os cátaros a noção de transmigração da alma, a presença do médium na sua tarefa de estabelecer contacto entre os dois planos da existência (espiritual e material) e uma descrição

bastante rica e curiosa sobre o outro lado da vida. Não devemos, pois, nos esquecer de que os cátaros de Montailou (objeto principal de nossas considerações nesta seção) viveram na Idade Média e que deveríamos esperar muitos séculos para que Alan Kardec reencarnasse com o objetivo de retomar todas essas idéias esparsas e transformá-las num corpo doutrinário extremamente lógico e consolador que se tornou conhecido como Doutrina Espírita.

k

51

PARTE IV

O Druidismo.

Havia entre os celtas uma classe de homens doutos, muito bem organizados que se chamavam druidas. Os autores antigos já costumavam fazer alusões a eles. Em sua *"Vitae Philosophorum"*, Diógenes Laércio compara-os aos magos caldeus e aos gimnosofistas (sábios nus) da Índia. Amiano Marcelino, citando Timágenes, diz que os druidas eram os educadores dos povos da Gália. Diodoro Sículo fala deles como teólogos, filósofos e adivinhos. Segundo o testemunho de Júlio César, os druidas eram sacerdotes que gozavam de grande prestígio entre os gauleses.

Os druidas se ocupavam do culto divino e do modo adequado de se oferecer sacrifícios públicos ou privados e da solução de todos os problemas relacionados com os rituais. São eles que resolvem as querelas e, se uma pessoa agravada se recusa a aceitar suas decisões, as prescrevem do sacrifício, o que constitui, para elas, castigo duríssimo. Os que são assim punidos passam a ser considerados ímpios e marginais. Todos se afastam de seu caminho, negam-se a falar ou tratar de negócios com eles porque se tornaram impuros. Ao prescrito, negam-se as posições de honra e se lhe dá um tratamento de fora-da-lei. César prossegue dizendo que os druidas não levavam armas e que estavam isentos de pagar impostos. A sua formação profissional e religiosa era obtida, em escolas especiais em que permaneciam, às vezes, por cerca de vinte anos. (Ryan, *Religião dos Celtas in Cristo e as Religiões da Terra*. Vol. II. p.245.)

A doutrina principal do Druidismo era a reencarnação. Para elei, depois da morte, o espírito, considerado imortal, ocupava

52

outro corpo em busca de novas experiências úteis ao seu progresso.

Os druidas davam grande importância à doutrina das vidas sucessivas, pois acreditavam que essas idéias tinham a virtude de libertar os homens do medo da morte, tornando-os mais fortes, sábios e justos.

Os druidas também se mostravam interessados na observação

dos astros. Examinavam o curso dos planetas e das estrelas, calculavam as suas proporções e estudavam as influências que os astros exerciam em nosso planeta. Preocupavam-se ainda com a existência dos deuses imortais e com a atuação deles na vida dos homens. Todas essas doutrinas, segundo César (De Bello Gallico. VI, 14) eram transmitidas oralmente.

Muito pouco se sabe dos druidas individualmente. A história, porém, registrou o nome de um desses homens. Chamava-se Diviciacus e era amigo do grande advogado romano Marco Túlio Cícero. Assim que os romanos entraram em relações mais profundas com os celtas e conheceram melhor as doutrinas druídicas, consideraram-nas politicamente perigosas e trataram de suprimilas, eliminando os homens que as praticavam. Sabe-se que, quando S. Patrício iniciou a evangelização da Irlanda, teve nos druidas os seus principais opositores.

A teologia dos druidas repousa em um fundo panteístico, característico da religião dos celtas. Admitem um grande número de espíritos (deuses) que tanto podem fazer o bem como o mal. O centro dessas crenças, contudo, era a idéia da imortalidade da alma. Autores antigos como Hipólito, Timagenes, Clemente de Alexandria e Diodoro Sículo costumavam aproximar as doutrinas druídicas do pensamento pitagórico sobre a transmigração das almas.

Valério Máximo conta-nos que os druidas tinham tamanha certeza de que a vida continuava depois da morte que costumavam emprestar grandes somas em dinheiro para serem pagas "posterior a morte. Outras práticas além do pagamento póstumo das dívidas, apontam com extrema clareza para o fato de que, para os druidas, a vida não passava de uma simples página no grande livro da eternidade. Nascer, viver, crescer, envelhecer, morrer e renascer, este é o destino dos homens.

53

A ética dos druidas pode ser considerada como um tipo de ética cavaleiresca que não diferia muito da que encontramos lendo os poemas de Homero. Os celtas cultivavam valores como coragem pessoal, o orgulho, o sentimento de honra, etc. Tais elementos éticos foram um sério obstáculo para que o Cristianismo introduzisse entre esse povo o seu código moral. Aspectos da ética cristã como a humildade, a mansuetude, o amor ao inimigo e o perdão puro e simples das ofensas, soavam para a sociedade céltica como verdadeiros absurdos.

As relações entre homens e mulheres estavam também regidas por este mesmo tipo de ética. Os homens deveriam respeitar as mulheres, evitando, frente a elas, tomar atitudes grosseiras ou licenciosas. Por outro lado, podiam repudiar suas mulheres e delas se divorciarem, mesmo por motivos fúteis.

Os homicídios, as ofensas às pessoas e à propriedade

eram consideradas mais como ofensas individuais do que como agressões morais em sentido amplo. Nos casos que acabamos de citar, o tipo de reparação era sempre econômico, ou seja, o ofendido exigia do ofensor uma reparação monetária proporcional ao dano que recebera. Por outro lado, todavia, os celtas admiravam a piedade, a generosidade e principalmente, a justiça. As mais antigas tradições costumavam afirmar que estes princípios morais haviam sido transmitidos aos celtas pelos deuses em tempos imemoriais.

Como todos os povos que acreditavam em divindades regentes do destino dos homens, os celtas desenvolveram um sistema oracular ou adivinhatório para que pudessem saber quais eram os desígnios da divindade com respeito às suas vidas. Os deuses, porém, não eram tão avaros desses mistérios por isso deixavam no mundo dos homens diversos sinais que aqueles competentes nas coisas sagradas e versados nas várias maneiras existentes (os druidas) poderiam reconhecer e interpretar. Estes sinais estavam no vôo dos pássaros, no modo como as nuvens se apresentavam no céu, nas entranhas dos animais sacrificados e assim por diante. Além desses sinais os deuses ainda se manifestavam por meio de profetas (médiuns) que emitiam seus oráculos depois de

54

caírem em estados próximos do êxtase. Para conseguir este estado semidelirante, valiam-se de um processo bastante primitivo que consistia em encher o estômago de alimentos de difícil digestão e, em seguida, adormecer. Durante o sono proferiam palavras que eram tidas como provenientes dos deuses.

Em regra geral, os druidas eram homens, mas há notícias da existência de mulheres druidas (druidesas. A História Augusta, citada por Ryan (op. cit. p.246) conta que, no ano 235 da nossa era, o imperador Alexandre Severo preparou-se para fazer uma expedição contra os germanos. Quando estava a caminho, uma druidesa gritou-lhe em língua gaulesa: "Vai, porém, não esperes a vitória e não confies nos teus soldados. Outras referências às mulheres druidas existem, entretanto, não se tem certeza de que formassem uma corporação como no caso dos homens. Talvez, as druidesas fossem mulheres que exercessem a sua mediunidade de um modo mais ou menos indisciplinado. Sobre esta questão, a única prova que podemos arrolar é a existência na Irlanda de uma corporação de sacerdotisas, chamada Ben-Fathe, fundada, possivelmente por mulheres nascidas na misteriosa Avalon e que a tradição e a narrativa popular conservaram sob o nome de fadas.

55

PARTE IV

Os Germanos e as Suas Crenças.

Durante muito tempo, os romanos tiveram que lutar contra Os belicosos germanos que, em ondas sucessivas, ameaçavam as fronteiras do Império. No final do século IV e início do século V, os germanos conseguiram se estabelecer em territórios até então pertencentes ao Império Romano. Os germanos estavam incluídos entre aqueles povos que receberam, historicamente, a denominação de bárbaros. Para os romanos, bárbaros eram todos os povos não submetidos ao seu império, que não falavam grego ou latim e cujas normas jurídicas eram diferentes do Direito Romano.

Os germanos pertenciam aos povos chamados indo-europeus, aparentados, portanto, aos gregos, hititas e aos próprios romanos.

4. O Culto da Terra-Mãe.

Uma das primeiras idéias religiosas dos germanos foi a de cultuar a Terra como uma grande deusa: Magna Mater. Este culto nasceu, por certo, da observação do renovar anual da vegetação e do germinar perpétuo da semente. Aos seus olhos a Terra parecia ser o ponto crucial do ciclo da existência, pois tudo vem da Terra e para ela volta. Os antigos saxões, por exemplo, quando iam enterrar seus mortos costumavam dizer: "Volta à Terra que é tua mãe. Ela transmitia a tudo um poder misterioso, uma espécie de energia; por isso, os mortos nela depositados poderiam voltar à vida. Consoante Eugen Mogr (Mitologia Nórdica p.31, quando dois germanos queriam se tornar irmãos de sangue, feriam-se misturavam seu sangue à terra e juntos bebiam esta mistura.

56

Desde este momento, são filhos da mesma mãe e, portanto, irmãos. Deveriam, desta hora em diante, ficar unidos indissoluvelmente; se algum deles recebesse morte violenta, caberia ao outro vingá-lo; e, mutuamente, comprometiam-se com os deveres funerais que o morto reclamava.

O historiador romano Tácito, autor de uma obra chamada *Germânia*, nos fala de uma deusa-terra cujo nome era Nerto. Não se tem uma explicação definitiva para o nome da deusa, contudo, a hipótese mais provável é a que interpreta o nome Nerto como A Subterrânea. O santuário dessa deusa ficava em um bosque sagrado situado em uma das ilhas dinamarquesas. Segundo Tácito, nesse santuário, ficava uma carroça coberta de panos. Quando chegava a Primavera, época do ano em que se acreditava que a deusa voltasse de sua longa viagem ao Mundo das Sombras, então, os sacerdotes descobriam a carroça, atrelavam a ela bois brancos e faziam uma caminhada pelo campo. Por todos os lugares por onde passava a carroça, havia festas e regozijo. Ao final, os jovens que participavam desta cerimônia eram consagrados à deusa em um lago. Este culto a Nerto não desapareceu, antes continua a

existir e pode ainda ser encontrado nos verdes campos da Suécia, embora não mais nos moldes descritos pelo velho historiador romano.

4.1. Antropomorfização das Forças da Natureza.

Como todos os povos antigos, os germanos personificavam as forças da natureza. Para eles, todos os acontecimentos naturais, notadamente os mais espetaculares, eram vistos como sendo produzidos por deuses ou como sendo eles próprios deuses.

Assim, o relâmpago que rasgava o céu escuro e ameaçador nas noites de tempestade; o raio que caía, fendendo ao meio a árvore gigantesca ou aniquilando a vida humana; o trovão que roncava no fundo da noite com a voz poderosa de um gigante formidável e a chuva que caía como lágrimas benéficas, fertilizando a terra e enchendo o corpo líquido dos rios; tudo isso não existia em si mesmo, eram deuses violentos cuja cólera se deveria aplacar por meio do culto, e as boas graças captar através de oferendas.

57

Os germanos, em seu animismo primitivo, em tudo viam deuses. Consideravam as águas, principalmente as dos mares, e dos rios, como "habitat" de forças sobrenaturais; para eles, nos rios e nos mares, existiam seres fantásticos com forma humana ou de animais. Assim entre aqueles povos havia a crença em um espírito aquático chamado Nixe. Em alguns lugares esses espíritos apareciam com forma masculina e, em outros, na forma de uma mulher. Tais espíritos eram, em geral, muito feios, apresentando os cabelos e os dentes verdes. Eram perigosos para os seres humanos porque costumavam arrastar os homens para o fundo das águas, quer por uma espécie de fascínio que exerciam sobre suas vítimas, quer por um ato de violência gratuito.

Quando um homem morria afogado, a sua alma continuava vivendo no mar onde havia uma região semelhante ao Mundo dos Mortos, existente em outras culturas. Assim, na maioria das vezes, os espíritos aquáticos eram as almas dos homens que morreram afogados. Normalmente, como já o dissemos, os espíritos aquáticos eram perigosos, mas havia exceções. Os Nixes, em algumas ocasiões, se apresentavam como seres simpáticos e benéficos que auxiliavam os homens através de conselhos úteis e profecias que sempre se realizavam.

Os espíritos aquáticos, exclusivamente femininos, chamavam-se nixinas e eram muito parecidos com as ondinas e com as sereias. Estes seres possuíam voz maravilhosa e cheia de magia. Com o seu canto doce e sedutor atraíam os homens, principalmente, os pescadores e os marinheiros. Estes espíritos admiravam os homens e, não raro, por eles se apaixonavam. Há, inclusive, relatos de pescadores que se casaram com esses seres maravilhosos. Ao lado dos espíritos das águas, estavam os silfos. Viviam esses espíritos nas florestas, nos bosques, na beira dos lagos, nos

campos, nos prados, nos vales, nas montanhas e nos arredores das casas dos homens. A imaginação popular lhes deu as mais diferentes formas, apresentando-os, algumas vezes como gigantes e em outras como anões. Em certos momentos, manifestam-se como seres feios e disformes, em outras ocasiões aparecem

58

como espíritos belos e gentis. Nas suas relações com os seres humanos, os silfos poderiam ser agradáveis e úteis (se bem tratados mas se fossem aborrecidos, tornavam-se perigosos e vingadores. Os silfos, como as ninfas da Mitologia Grega, possuíam noites especiais, conforme o território que ocupavam. Deste modo, os anglo-saxões falava-se em Lamdylfe (silfos da Terra, Wates (silfos das águas, Seeylfe (silfos do mar) e assim por diante. Nos tempos pré-cristãos os silfos eram vistos como seres capazes de praticar boas ou más ações. Os povos nos quais estas crenças estavam enraizadas, prestavam, a esses seres especiais, no qual em determinados dias se oferecia um banquete especial aos silfos denominados Alfablot. A tradição germana apresentava os silfos, às vezes, como espíritos responsáveis por doenças, epidemias e tempestades. Por esta razão, em algumas regiões, os silfos apareciam associados às bruxas. Relacionados com os silfos estavam os anões. Estes personagens que povoam o folclore europeu são criações do imaginário popular, difundidos pelos bárbaros nas canções de gesta. Não se pode, entretanto, descartar a possibilidade de tais lendas um fundo de verdade. Espíritos levianos existem que tomam formas exóticas com a finalidade de assustar os encarnados que se divertem bastante. Os anões, como os silenos gregos, apresentavam, em geral, aspecto desagradável, mas expressão bondosa. Viviam nas altas montanhas e, por isso, na Germânia do Norte, o eco era considerado como vozes de anões. As antigas lendas os representam como seres discretos vivendo em sociedades organizadas desde as sociedades humanas. Possuíam reis e rainhas que viviam em cortes, em tudo semelhantes às cortes dos reis da Terra. Entre os anões distinguem-se os ferreiros, verdadeiros artistas nos trabalhos com metais. Foram os anões-ferreiros que, segundo tradição épica, forjaram a armadura dos deuses, o martelo de Thor, a espada de Odim e o javali de Freya. Ao grupo dos silfos pertenciam também os espíritos da Terra. São desta classe os kaboldos, pequenos duendes ou

59

fantasminhas que vivem no interior das casas junto da lareira ou próximos ao madeirame. Estes espíritos tinham por hábito ajudar os criados nos seus afazeres em troca de pequenos favores; entretanto, não deveriam ser irritados para que não se transformassem

em seres rancorosos e prejudiciais. Um outro espírito deste tipo era o klabanterman, isto é, espírito do barco. Esta entidade ajudava os marinheiros em suas navegações, mas apressava-se a fugir se pressentisse que o barco estava indo a pique.

Também a vegetação estava cheia de espíritos. Tácito faz referência ao temor e respeito com que os germanos entravam nos bosques. No meio da mata, pensavam eles, existiam espíritos sílficos em forma masculina ou feminina. Quem se arriscava a entrar numa floresta, estava certo de poder encontrar um desses espíritos, por isso, os viajantes costumavam levar consigo alimentos e oferendas para não serem importunados por tais seres.

As casas dos germanos também possuíam espíritos encarregados de protegê-las. Perto de suas casas costumavam plantar árvores nas quais habitava o espírito protetor da família. Estas árvores eram cuidadas com zelo extremo e especial carinho. Delas não se poderiam cortar os galhos nem ferir o tronco, pois os espíritos das árvores possuíam corpo material (acreditavam inclusive que essas árvores se cortadas, poderiam sangrar, o que justificava que se evitasse magoar esses vegetais.

4.2. A Feitiçaria.

É natural que em um universo dominado pelo sagrado em suas mais variadas formas, os magos e os feiticeiros ocupem um espaço destacado. Entre os germanos, a magia poderia ser praticada por qualquer pessoa e até coletivamente, mas a feitiçaria, ao contrário, só poderia ser praticada por pessoas especializadas que tivessem poder de influenciar nos elementos naturais e no mundo dos espíritos. Nos tempos históricos, a feitiçaria germânica era, quase sempre, exercida por mulheres que eram chamadas bruxas ou lobas; entretanto, em tempos mais remotos, havia homens (seidman) que se dedicavam às práticas da feitiçaria.

60

Nos tempos primitivos, (pré-cristão) a feitiçaria dividia-se em dois momentos: a ação (sudr) e a fórmula (spell). Os feiticeiros, a grosso modo, usavam seus poderes indiferentemente para o bem ou para o mal. O critério para um caso ou outro, era o interesse do feiticeiro ou do consulente. /

O feiticeiro podia, ainda, exercer a função especificamente mediúnica. Isto acontecia quando lhe era solicitado que esultasse o espírito dos mortos. As almas eram convocadas pelos bruxos para fazerem previsões ou para D'Arcm informações sobre regiões distantes. /

Uma outra arte típica dos feiticeiros era o poder de deixarem seus corpos e assumirem uma outra forma com o objetivo de causar prejuízo a alguém. Nessas metamorfoses, as mais comuns eram as de animais. O interessante é que neste caso, acontecia algo semelhante à projeção do corpo astral dos esotéricos e a

bicorporeidade dos espíritos, pois o feiticeiro não se transformava fisicamente em animal, o seu espírito era que tomava esta forma enquanto o corpo físico permanecia adormecido.

Os feiticeiros podiam ainda agir sobre os elementos da natureza, provocando tempestades, borrascas, ventos fortes, raios e trovões. Esta é a razão porque se usava, em alguns lugares da Europa, durante as tempestades, atirar contra o ar pedras e pedaços do pau com a intenção de espantar as bruxa que provocam esse fenômeno. Não se deve esquecer de que Heinrich Kramer e James Sprenger, autores do *Malleus Maleficarum* (*O Martelo das Bruxas*) contam alguns casos de feiticeiras que produzem geadas e granizo com a intenção de prejudicar *as colheitas de seus inimigos*. O poder das feiticeiras estava, em muitos casos, centrado nos olhos. Os germanos acreditavam que algumas pessoas possuíam olhos maus e, através do olhar, poderiam secar uma planta, causar uma doença em uma criança ou mesmo matar um pequeno animal. As pessoas a que se *atribuíam tais poderes eram consideradas* feiticeiras, mesmo que *não se dedicassem a esse mister*.

61

4.3. Adivinhação

Não possuindo, como os gregos, os oráculos, os germanos deixavam aos feiticeiros a função de predizer o futuro. O trabalho destes médiuns, ao adivinhar, era muito complexo e demandava um ritual bastante curioso. Uegen Mogk (op. cit. p.58) faz referência a uma dessas pitonisas, chamada Bárbara. A narrativa se passa na Groelândia, habitada por islandeses:

Como houvesse muita chuva e ventos fortes naquela região, um rico senhor procurou uma adivinha e lhe pediu que dissesse quando tais calamidades iriam passar. A mulher se apresentou toda ataviada. Seu vestido era cravejado de pedras preciosas; do colo pendia um colar de finas pérolas; na cabeça, um gorro de pele de carneiro e na mão uma pequena vara. Pendurada na cintura havia uma bolsa na qual estavam os instrumentos próprios para os exercício de sua arte. Depois de ser saudada respeitosamente foi levada para um assento mais alto onde recebeu o alimento ritual das bruxas: a sêmola com leite de vaca e o coração de animais sacrificados. Somente no dia seguinte, porém, é que a feiticeira deu início à sessão. Para que os trabalhos começassem, tinha que se encontrar uma pessoa para cantar os hinos (*vandlokkur*) com os quais se atraíam e se subordinavam os espíritos. Depois de algum tempo, foi encontrada uma jovem que havia aprendido com sua mãe os cantos adequados para a ocasião. O homem que consultou a adivinha conseguiu que a mocinha cantasse; então a feiticeira apresentou-se e começou a

invocar os espíritos.

Em geral, naquelas culturas, as feiticeiras tinham um contato quase que permanente com os espíritos desencarnados. Uma delas conta que aprendeu muitas coisas com o seu espírito protetor.

Em linhas gerais, poder-se-ia consultar um espírito de adivinhação a qualquer momento, entretanto, a hora mais adequada era a que precedia à morte, porque, nos dias, subseqüentes ao desencarne, o espírito continuava rondando a casa onde vivera, vagando pelas montanhas ou perambulava solitário nas proximidades de seu sepulcro.

62

4.4. As Fílgias.

Uma das crenças mais comuns entre os antigos germanos era a seguinte, no ser humano existe um segundo "eu" que acompanha o corpo, embora, em determinadas circunstâncias, possa abandoná-lo. A este outro "eu" os germanos do Norte chamavam fugias. A fugia não pode ser confundida com o espírito, pois o espírito é incorpóreo e imaterial enquanto que a fílgia é corpórea é material. A fílgia vive dentro do corpo, sendo companheira inseparável do homem e sua benévola conselheira. As fugias podem abandonar o corpo e se manifestarem objetivamente *em* alma humana ou animal. Libertar a sua fílgia é uma capacidade que alguns homens possuem. Tais homens costumam ser chamados de "Elge Cinharna, palavra que se traduz por Pessoa dupla". A relação entre a fílgia e o corpo físico é tão estreita e, íntima que aquilo que acontece com o corpo de carne, nela se reflete. A tradição germânica está grávida de lendas que comprovam esta afirmação. Deste modo, por exemplo, se a fílgia de uma bruxa for ferida, a bruxa receberá um ferimento semelhante ao que a fílgia recebeu. Normalmente, quando uma pessoa morre, sua fílgia escapa-lhe pela boca. Na iconografia medieval existem várias representações de pessoas agonizantes, vendo-se as filgias na forma de ave ou de algum animal pequeno, abandonando o corpo pela boca.

As fílgias das feiticeiras são sempre más, entretanto, as fílgias das pessoas comuns podem se tornar espíritos benévolos e protetores e, neste caso, geralmente tomam a forma de mulheres que se colocam ao lado dos homens para ajuda-los nas suas dificuldades.

Possivelmente, foi a crença nas filgas que deu origem entre os povos germânicos à lenda dos "werwolt" ou "boexenwolf", isto é, homens que assumem a forma de lobos e como esses animais, causam grandes estragos aos rebanhos. Crença semelhante é a dos "bersiker" homens que se transformam em ursos.

63

As filgias, embora deformadas pela tradição e pelas interpretações de que foram objeto, guardam grande analogia com noção kardecista de perispírito. Como este, ela é um duplo do corpo físico, não se confunde com o espírito e abandona o corpo na hora da morte. Além disto, ao contrário do espírito, as filgias o perispírito possuem certa textura material que lhes possibilita a execução de tarefas próprias do corpo.

4.5. A vida depois da morte

O ser do homem não termina com a morte e, assim, quando o corpo combalido pelas doenças, carcomido pelo tempo ou vítima da violência, sofre a injúria da morte, sua fílgia continua desfrutando um tipo de vida em tudo semelhante a que vivia quando estava no corpo físico. Liberta, a fílgia continua vivendo com o seu poder de metamorfosear muito mais aumentado. As fílgias dos homens importantes: reis, príncipes, nobres e guerreiros, permanecem atuando para garantir a prosperidade de seu povo.

Esta crença determinava que o lugar onde se enterrassem os homens ilustres fosse considerado sagrado e a presença do cadáver ali santificava a terra. Conta-se que o cadáver do príncipe Halfdam foi esquartejado para que os seus despojos, espalhados pelo país, trouxesse felicidade ao povo. Em virtude dessas crenças, os mortos recebiam da parte do povo um respeitoso culto, sendo em alguns lugares adorados como verdadeiros semideuses, protetores da região e aos quais todos acorriam nos momentos de angústia ou nas grandes calamidades.

Do mesmo modo, as fílgias dos feiticeiros, dos ladrões, dos assassinos e dos viciados continuavam, depois da morte, a fazer o que lhes era próprio. Por isso, de um modo geral, entre os antigos germanos, os mortos inspiravam grande terror. Vários espíritos, inferiores eram necrófagos; outros atacavam os seres vivos causando-lhes graves problemas; outros ainda, manifestavam-se à noite, nas casas das pessoas, fazendo muito barulho, roubando-lhes o alimento, assustando os animais, coalhando o leite ou azedando o vinho; fazendo, enfim um grande número de estrepolias, próprias de espíritos levianos.

Tais espíritos possuíam uma força incontrolável e, para evitar a sua ação nefasta e para que não aparecessem depois da sua morte, perturbando os vivos, empalavam ou queimavam aqueles que, por seu tipo de vida, poderiam, depois da morte, tornarem-se "poltergeist". Talvez estas convicções tenham contribuído para o costume de se queimarem as bruxas depois de julgadas pelo Santo Ofício.

O momento mais propício para aparição dos espíritos desencarnados era à noite, notadamente a grande noite invernal quando a própria natureza, mergulhada em trevas, parece morta. A noite tem sido, nas mais variadas culturas, o espaço dos espectros, o momento dos mistérios identificado como o sobrenatural.

Era à noite de Hécate, a cadela das trevas, saía acompanhada de Gorgo e Empusa, percorrendo as encruzilhadas gregas em busca de oferendas ali colocadas por seus adeptos; era à noite, por fim, que os vampiros esvoaçavam tetricos em busca de suas vítimas. A luz do Sol expulsa esses espíritos trevosos e instaura o dia, espaço do homem e da vida dinâmica e criadora.

A crença na sobrevivência da alma propiciou, entre os germanos, o culto dos mortos. Nessas comunidades era uma questão prioritária enterrar os mortos

conforme a sua dignidade. Faziam-se, então, belos sepulcros para abrigar os corpos de seus mortos. Na hora de depositar o cadáver na terra, não esqueciam de colocar no túmulo os pertences do morto: armas para os homens, enfeites para as mulheres e brinquedos para as crianças.

Entre muitos povos germânicos, principalmente entre os hérulos, era comum que a mulher fosse enterrada com seu marido. Frequentemente também, no caso de um grande guerreiro, sacrificava-se o cavalo com que participara das batalhas. De um modo geral, porém, o que os arqueólogos têm encontrado com mais frequência nas sepulturas germânicas, é uma grande quantidade de cadáveres de animais, notadamente cães e aves.

Entre os deveres principais para com os mortos, estava a alimentação. Durante trinta dias se guardava luto fechado e não se tocava em nada que pertencesse ao defunto. O quarto do dono da casa quando ele morria, ficava vazio e nem mesmo os parentes mais íntimos tinham liberdade de ali entrar. Findo este prazo, realizava-se um banquete. A este banquete fúnebre acreditava-se em que o morto estivesse, presente, por isso, lhe era reservado um lugar à mesa com o seu alimento preferido. Quanto maior fosse a importância social do morto, maior e mais suntuoso era o banquete que lhe ofereciam. Outro dever dos parentes do morto era, no caso deste ter sido assassinado por um rival, o de vingá-lo. O direito de vingança pertencia, primeiramente ao filho do morto ou ao seu irmão de sangue; depois à parentela de um modo geral. Todos esses deveres, além das festas propiciatórias, mostram o quanto os germanos estavam comprometidos com as crenças na sobrevivência da alma. Para eles a vida não se extinguia como um clarão de um fósforo aceso na escuridão, mas continuava sempre como um farol inextinguível apontando para a eternidade.

4.6. Para onde vão os mortos.

Nos primórdios da cultura germânica se acreditava que, se a fílgia estava ligada ao corpo, era natural que ela permanecesse no túmulo onde o corpo estava enterrado. Por esta razão, havia túmulos particulares em que se procurava reproduzir as comodidades das habitações humanas, colocando-se, inclusive, os objetos indispensáveis à vida em uma situação normal. Mais tarde, entretanto, aparece a idéia de uma região dos mortos chamada Hell. Inicialmente a palavra Hell tinha uma significação meramente tópica; tempos depois, a palavra passou a indicar também o nome de um deus a quem competia a direção do Mundo dos Mortos. Hell (O Hades germânico) conforme a tradição mitológica dos germanos, era filho de Loki e Angrboda. Sua morada, chamada Nastron, ficava nas margens do Rio dos Mortos ou

por baixo das raízes da Árvore Iggdrasil. Assim, como se vê, o Mundo dos Mortos dos germanos ficava por baixo da terra e era

banhado pelo rio Guiai, corrente de águas negras, semeada de espadas ponteadas. Conforme estas idéias religiosas, os malfeitores, ao morrer, deveriam vadear este rio, enquanto que os homens de bem passavam por uma ponte que se chamava Gulalarbru. Esta região, em virtude da influência do Cristianismo, transformou-se em local de sofrimento semelhante ao Inferno. Além do Mundo dos Mortos para onde iam as almas, havia ainda outros lugares a elas destinados. Os germanos do Norte, que viviam em regiões junto ao mar, colocavam no fundo das águas o Reino das Sombras. Neste reino governava Ram, uma deusa conhecida como A Roubadora de Homens e suas nove filhas, personificações das ondas tempestuosas. Para este tipo de lugar, iam as almas dos que pereciam afogados. Entre esses povos marítimos, também havia a idéia de que, depois da morte, as almas seguiam para uma ilha sombria e distante...Por fim, ainda se acreditava em que, depois da morte, as almas iam viver nas montanhas. A lenda do Walhall ou Wahalla, palácio de Odim para onde vão os guerreiros que morrem em combate, deve, por certo, a sua existência à crença de que os mortos prosseguem vivendo no alto das montanhas. Assim, no fundo do Hell, no Reino Líquido de Ram, nas Ilhas Sombrias além do Oceano ou no alto do Wahalla, a vida continua e os chamados mortos prosseguem buscando a cada existência os caminhos da evolução, deixando-nos a certeza de que só existe vida, vida em abundância como nos prometeu Jesus em seu Evangelho.

67

PARTE V

Maomé o Profeta de Alah.

Maomé nasceu na cidade de Meca, ao redor do ano 570 da era cristã. Seu pai, Abd Alah, morreu quando regressava de uma viagem de negócios, antes do nascimento de seu filho. Com a morte do pai, o pequeno Maomé foi confiado a seu avô paterno Abd Al - Muttalib, chefe do clã Hassim. É possível que Maomé tenha passado os seus primeiros anos com sua mãe Amina que pertencia a um outro clã. Conforme a tradição de sua tribo, ela teria enviado seu filho para longe de Meca onde foi cuidado por uma mulher pertencente a uma tribo de beduínos. Quando Maomé estava com seis anos, morreu sua mãe e ele passou para a tutela de seu avô. Dois anos mais tarde, com a morte deste, a guarda do menino passou para o tio Abu Talib que se tornara chefe do clã Hassim. Maomé, segundo a tradição islâmica, teve o seu nascimento envolto em acontecimentos maravilhosos: o corpo era limpo e sem manchas, o corte do cordão umbilical e a circuncisão foram feitos por um espírito que se apresentou sob o nome

de Ogebrail e que assistiu Amina durante o parto. Conta-se que Maomé, ainda muito pequeno, mostrava-se extremamente inteligente e com tamanho senso de justiça que, certo dia, quando mamava no seio direito de sua ama, recusou o esquerdo para deixá-lo ao seu irmão de leite.

A lenda de Maomé continua exaltando o seu personagem principal. Conta, por exemplo, que a própria natureza se preparou para receber o profeta: o gado que estava abatido por uma seca prolongada recuperou-se como que por encanto; a erva na terra cresceu viçosa; as cabras encheram-se de leite e as flores

68

alegres desabrocharam em cor e perfumes. Era como se a Natureza se alegrasse com a encarnação de Maomé.

O filho de Amina cresceu em sabedoria e destacava-se nitidamente das crianças de sua idade. Um dia um fato insólito aconteceu com o pequeno Maomé. Estava ele com seu irmão de leite cuidando do rebanho de cabras. Soprava uma brisa leve que acariciava as folhas das grandes árvores e fazia curvar mansamente as florinhas do campo. De repente, apareceram-lhe dois espíritos tão parecidos com pessoas comuns que o irmão de Maomé os tomou por dois ladrões. Os espíritos se aproximaram, tomaram Maomé, abriram-lhe o peito e tiraram-lhe um coágulo de sangue (operação mediúnica?).

Muitos casos semelhantes aconteceram e as pessoas que cuidavam do menino começaram a se inquietar. Julgava-se, por exemplo que ele fosse epilético. Naquele tempo, entre os árabes, a epilepsia era uma espécie de mal sagrado e o epilético era considerado como uma pessoa possuída espiritualmente. Assim, a cada dia, cresciam as dificuldades para lidar com o menino.

Quando Abu Talib tomou para si a custódia do sobrinho decidiu dar a ele a profissão de mercador, tida, então, como uma atividade rendosa e de algum respeito, e, por isso, colocou o menino em sua caravana para que fosse se acostumando. Mais ou menos por esta época, um santo monge, chamado Bahira, estava no deserto esperando por um sinal que lhe indicaria a vinda do profeta para resgatar seu povo.

Certo dia, estava o anacoreta em suas meditações, quando ouviu um barulho de vozes de homens, latidos de cães, sons de flautas; por certo era uma caravana que se aproximava. O monge atirou o olhar no caminho e viu uma caravana passando lenta. Apurando a sua visão espiritual o solitário notou que havia na caravana um menino sobre o qual pairava uma nuvem que parecia posta ali para protegê-lo da inclemência do Sol. O coração bateu-lhe mais apressado. Achegou-se ao menino. A caravana parou. Com as mãos trêmulas e os olhos marejados de lágrimas, o santo homem examinou a criança. De repente, entre

69

maravilhado e assustado, descobriu entre os ombros dela, um pouco abaixo da nuca, no lugar indicado pelos textos sagrados, o sinal da profecia. Chamou, então, Abu Talib e lhe disse: "Vela por esta criança que um dia ela será chamada a exercer na Terra um papel de profunda importância."

A caravana seguiu seu caminho e o velho monge orou a Deus agradecendo por tê-lo deixado viver até ver o seu profeta reencarnado e preparando-se para dar início a sua missão.

Maomé continuou na caravana de seu tio. Há tempo para tudo em baixo do Sol, não era a sua hora ainda de se revelar aos homens como o Profeta de Alah. Era tempo de meditação, tempo de espera pela voz de Deus que, por certo, um dia o chamaria. O tempo passou como as chuvas de março, as águas de um rio, e Maomé continuou com o seu trabalho, conduzindo a caravana sob o rigor do sol causticante.

Aos vinte e cinco anos, Maomé casou-se com uma viúva chamada Kadidja, mais velha que ele cerca de quinze anos. Deste casamento, teve sete filhos - três rapazes e quatro moças - e a vida prosseguiu calma como se Deus se houvesse esquecido da missão de seu profeta.

O tempo da tarefa, entretanto, aproximava-se. Maomé começa a sentir a convocação para o trabalho. Às vezes, na hora de dormir, vê clarões ofuscantes mesmo estando com os olhos fechados.

Em outras ocasiões, em plena luz do dia, ouve vozes que o chamam pelo nome e, julgando tratar-se de um conhecido volta-se e nada vê. Maomé teme que os ataques da infância tenham voltado.

Não quer se tornar um daqueles miseráveis adivinhos que dizem prever o futuro e tratar com os espíritos. Esta possibilidade o apavora.

Estava, então, com quarenta anos. Há muito tempo aqueles estranhos apelos vinham se tornando cada vez mais insistentes. Escolheu, assim, a gruta de Hira, a poucos quilômetros de Meca, para fazer as suas meditações. Maomé preocupava-se cada vez mais. Quais eram os desígnios de Deus a seu respeito? Aquilo tinha de ter um fim. Algumas vezes as manifestações mediúnicas vinham acompanhadas de fortes dores de cabeça e ruídos insistentes

70

nos ouvidos. Outras vezes, em dias muito frios, quando as manifestações aconteciam, as pessoas viam grossas bagas de suor em sua testa.

Assim, em sua caverna, presa de grandes sofrimentos, alimentando-se de bolachas e água, Maomé passava os dias à espera de que Deus lhe dissesse o que desejava dele. Deus, entretanto, teimava em retardar a convocação do seu profeta. Um dia, contudo, no ano 611 chegou a hora e a vez de Maomé. Ouçamos, porém, o relato do próprio profeta:

Tinha adormecido na Gruta de Hira quando o anjo Agebrail me apareceu e, desenrolando diante de meus olhos, uma grande peça de seda bordada com caracteres de escrita, disse-me:

Toma e lê.

- Não sou daqueles que lêem. Respondi.

No mesmo instante, agarrou-me, fechou os meus membros, a minha boca e as minhas narinas nas pregas desse pano com tal violência que senti a respiração suspensa e pensei ter chegado o momento de minha morte. Depois, tendo-me libertado, o anjo disse:

-Lê.

- Não sou daqueles que lêem. Respondi uma vez mais.

Ele apertou-me de novo e senti o meu último sopro preste a escapar-me do peito. Então, o anjo deixou-me e repetiu pela terceira vez:

-Lê.

- E que devo ler? Perguntei temendo uma terceira prisão à qual, por certo, não resistiria.

Então ele me disse:

- Lê, em nome de teu Senhor que criou tudo - que criou o homem de um coágulo de sangue. Lê. O teu Senhor é o mais generoso - Ele ensinou o uso do cálculo e ensinou ao homem aquilo que ele conhecia

(Apud. História do Ocultismo, p. 119.)

71

Maomé, tomado de violenta emoção saiu da gruta e do alto uma voz gritou-lhe "Maomé, tu és o profeta de Alah e eu sou Agebrail.

A voz calou-se e o anjo desapareceu. Maomé estava ofegante, suava frio, as mãos estavam trêmulas, os olhos dilatados, os cabelos desgrenhados. Maomé correu para casa e contou o que lhe acontecera à esposa. Estava com medo de que tivesse tido uma alucinação. Um primo de Kaddidja, homem versado nas coisas sagradas, interpretou-lhe a visão. Maomé ficou mais calmo.

Que teria, entretanto, acontecido naquele dia na caverna de Hira? Teria sido de fato uma alucinação?

Segundo os historiadores árabes, o anjo Agebrail que foi procurar o profeta em Hira, é o mesmo anjo Gabriel que apareceu a Daniel e a Maria, mãe de Jesus, mas não se assemelha à imagem que os cristãos fazem dele. Era um puro espírito que, por vezes, se manifestava em Maomé com sons estranhos que o faziam sofrer. Quanto à revelação, foi uma radiação divina e deve ser considerada como o grau mais sublime de uma força exterior ao indivíduo, independente de

sua vontade, que poderíamos chamar de inspiração.

(Op. cit. p.118)

A partir de então, começa o trabalho do profeta. O seu caminho é amargo como o de todos os espíritos que vêm a este mundo com uma proposta de mudança e de renovação, de ruptura com o passado. As idéias que ele *trazia* foram colocadas, primeiramente, no seu círculo familiar mais íntimo. De sua tribo apenas o seu tio Abu Talib acreditava nele. Maomé, contudo, continuava a sua pregação com renovado ardor. As pessoas que o ouviam acusavam-no de espalhar cizânia e de atirar pai contra filho e o filho contra pai. A hostilidade crescia rapidamente e todos se afastavam dele. As crianças motejavam abertamente do profeta e os adultos colocavam lixo na sua porta.

Maomé, entretanto, com a obstinação própria dos predestinados, continuava incansável. Pouco a pouco, porém, a doutrina do Islã foi se impondo contra os preconceitos e as velhas superstições,

72

A palavra inspirada do médium conquista novos adeptos e Maomé começa a ser acatado como um enviado dos céus, o profeta que Deus havia mandado aos homens para lhes indicar um novo caminho.

Depois de uma longa vida de lutas, renúncias e abnegações,

Maomé percebe que havia palmilhado um longo caminho.

Está exausto. Sente que as forças o abandonam. Prepara-se para voltar ao Plano Espiritual. Um discípulo, soluçando, lhe pergunta:

”Por que não nos é possível dar as nossas vidas para resgatar a sua?” O profeta responde: ”Toda alma deve saborear a morte. Deve voltar para junto de Deus como um dia todos voltarão.”

No dia de seu passamento, Maomé sente-se debilitado quer entrar no seu quarto, mas sente-se muito fraco, tem uma síncope, procura levantar-se; não consegue.

Mandou chamar por duas vezes sua filha Fátima e segredou-lhe ao ouvido. Da primeira, o rosto de Fátima inundou-se de lágrimas; da segunda, foi iluminado por um sorriso.

Mais tarde, quando lhe perguntaram o que o profeta lhe havia dito, contou que, inicialmente, avisou-a de que estava morrendo; depois que ela seria a primeira da família a ir ao seu encontro no outro mundo.

(op. cit. p. 178.

Assim morreu o profeta de Alah; morreu com a sensação do dever cumprido; morreu com a certeza de que havia levado a cabo a missão que lhe fora confiada por Agebrail. O campo estava arado, a semente lançada, cabia ao homem cuidar da terra; mas os homens, ao longo do tempo, não têm se mostrado bons agricultores das terras do espírito.

73

PARTE VI

Cristianismo, Magia e Supertição.

Nos primórdios do Cristianismo, os pregadores da nova doutrina tiveram de enfrentar o Mundo Pagão onde pululavam necromantes, astrólogos, adivinhos, feiticeiros, magos, charlatães, neuróticos, obsidiados que, no Mundo Antigo, possuíam um espaço bem maior do que nos dias de hoje em que esse tipo de pessoa foi marginalizado sob rótulos jurídicos e psiquiátricos. A luta do Cristianismo contra o Mundo pagão era uma questão de vida ou de morte. Os cristãos acreditavam que não lhes era possível conviver com as religiões dos gregos, dos romanos e dos bárbaros. Diziam os Evangelhos: "Não se põe remendo novo em roupa velha, nem vinho novo em odre velho. Assim, ao que nos parece, os primeiros cristãos desejavam uma revolução integral e uma ruptura total com o passado. Deste modo, os oráculos foram fechados, os feiticeiros perseguidos, os necromantes cassados, as divindades pagãs foram assimiladas ao Cristianismo e transformadas em santos e as que resistiam ao processo de assimilação, foram convertidas em demônios. Em uma palavra: tudo o que não estivesse em acordo com a nova fé era perigoso e demoníaco. Santo Agostinho, um dos campeões do anti-paganismo, dizia que os deuses antigos eram tão frágeis, que não foram capazes de defender os seus fiéis de Tróia ao ataque dos aqueus: Em *A Cidade de Deus*, Santo Agostinho, em seu ferrenho combate ao paganismo, mostra a fragilidade dos deuses pagãos, incapazes de defender a própria cidade e proteger aqueles que neles acreditavam. Mesmo aqueles que se esconderam nos templos

74

e nos altares, buscando a proteção das divindades tutelares, foram cruelmente dizimados pelos gregos sedentos de sangue. Diomedes e Ulisses se apoderaram da estátua de Palas Atená sem que a deusa faça algo por ela própria. Em um certo momento, ele diz veemente:

Não eram as estátuas que velavam pelos homens, mas os homens que velavam pelas estátuas. E o culto público punha a pátria sob a guarda dessa deusa impotente para guardar seus próprios guardas.

(Santo Agostinho. *A Cidade de Deus*.

Cap.III.p.56-57.

Não há comparação possível - pensa Agostinho - entre os deuses falsos e os verdadeiros. As estátuas dos deuses pagãos têm olhos, mas não vêem, boca e não falam, ouvidos e não ouvem. São coisas mortas obras das mãos dos próprios homens. O Deus de Jesus Cristo, embora invisível, é um Deus vivo que ama, vela e cuida de seu povo. Um Deus que amou o Mundo de tal maneira,

que deu seu filho amado, para aquele que nele cresse, não percesse, mas tivesse vida eterna.

Apesar dos esforços dos primeiros padres e dos primeiros imperadores cristãos para erradicar a magia e outras manifestações consideradas demoníacas, pouco se consegue, pois as idéias e os costumes pagãos tinham fincado as suas raízes muito profundamente na consciência popular. Nas Gálias, como já vimos, a magia era praticada desde tempos imemoriais. Os druidas de Autum, por exemplo, usavam ovos de cobra para espantar maus espíritos. Pomponius Mela, historiador romano, afirmava que os druidas tinham o poder de provocar tempestades terríveis.

Os gauleses convertidos ao Cristianismo, mesmo com a proibição dos padres, continuavam a invocar os espíritos dos mortos por motivos frívolos ou mesmo para causar prejuízos a seus inimigos. Esta prática obsessiva da mediunidade a que chamamos mediunismo, é bastante perigosa, uma vez que é realizada sem método, sem uma teoria norteadora e, o que é mais grave, 75

com finalidades egoísticas. Ao apelo desses médiuns acorrem espíritos zombeteiros, pseudo-sábios que facilmente dominam esses médiuns incautos que os invocam tornando-se seus cruéis obsessores.

Em razão disto, no mundo antigo eram freqüentes os casos de possessão. São Germano de Auxerre e São Martinho praticavam exorcismo com o fim de retirar espíritos sofredores que subjugavam pessoas. A fama desses homens santos e de sua habilidade em lidar com os espíritos obsessores cresceu tanto que, praticamente, não tinham descanso. Eram muitos os que lhes traziam os filhos possuídos; maridos que vinham de longe com esposas possesas, camponeses que vinham implorar aos exorcistas que expulsassem os maus espíritos que perturbavam as colheitas ou faziam o gado adoecer. A todos esses pedidos os santos padres atendiam com paciência, esforçando-se, nem sempre com bom sucesso, para afastar esses espíritos chamados por eles de demônios.

No final do século VI, surgiram muitos charlatães, falsos médiuns que se aproveitavam da credulidade popular para retirar vantagens pecuniárias, entre eles um certo Didier, por esta época em Paris, dizendo-se dono de poderes maravilhosos, principalmente no que dizia respeito à cura dos paralíticos. Muitos se aproximaram desse homem na esperança de cura para os seus males; mas Didier nem sempre conseguia curá-los e, não raro, seus pacientes morriam. Era um tipo estranho e, como todo vigarista que se pretende místico, tinha hábitos insólitos. Costumava, por exemplo, andar vestido de peles de animais e jamais era visto comendo. Os padres, entretanto, descobriram as trapaças, denunciando

às autoridades e ele foi expulso da cidade.

Uma outra prática muito comum, que a igreja procurou combater com grande energia, foi o oráculo através de uma vela. Esta prática, em resumo, era a seguinte: acendia-se uma vela na intenção de um santo que se quisesse consultar e ficava-se olhando para a chama onde, segundo se acreditava, aparecia a resposta desejada. No Concílio de Orléans, as autoridades eclesiásticas consideraram esse oráculo como uma atividade diabólica e

76

anatematizaram pessoas que foram apanhadas consultando as velas.

O interessante, porém, é que a proibição, ao invés de eliminar essa prática, tornou-a mais ativa e mais difundida. Assim, o oráculo da vela de São Antão (tal como ficou conhecido) continuou a ser praticado até ao século XVI.

Corriam, então, de boca em boca, relatos fantásticos produzidos, pela imaginação popular. Contava-se, por exemplo, que S. Euxer, bispo da cidade de Orléans, na França, foi, um dia, durante o sono, levado por um espírito às regiões trevosas onde as almas infelizes expiam suas faltas. S. Euxer, na região de sofrimentos, viu Carlos Martel que na Batalha de Poitiers (732) deteve o avanço dos turcos sobre a Europa. Carlos Martel morrera em 741 e teve seu corpo enterrado na Basílica de S. Denis.

Depois desta visão sobre o estado espiritual de Carlos Martel, S. Euxer procurou o capelão de Pepino o Breve, filho do vencedor de Poitiers, a fim de conseguir permissão para abrir o túmulo do rei com o objetivo de ver se o seu corpo ainda ali se encontrava. A permissão foi dada e o túmulo aberto. Para espanto geral, o caixão estava vazio, com o fundo queimado e, em lugar do cadáver, havia uma grande serpente.

Todas essas histórias provocaram uma espécie de histeria coletiva. Por todos os lados viam-se espíritos. Mesmo os padres, às escondidas, consultavam espíritos. O povo dava largas a sua imaginação.

Muitos, ao passarem pelas florestas, viam guinomos de aspecto horrível; nas beiras dos rios e nos lagos eram vistas ninfas cujo canto sedutor era um perigo para os passantes; entre as folhas das grandes árvores ouviam-se vozes de fadas conversando; nas casas das fazendas os espíritos estragavam o vinho ou coalhavam o leite; todas essas coisas favoreciam o clima de misticismo e superstição.

No tempo de Carlos Magno, baixou-se um decreto no qual taxava-se o povo com um dízimo que se destinava à igreja. O povo não pareceu dar grande importância ao novo imposto, e por isso, não cuidou de pagar o dízimo exigido. Os monges, então, desejosos de receberem o dinheiro, forjaram e publicaram uma carta escrita por Jesus. Na carta, Jesus se mostrava entre irado,

77

.” :” . |” .

entristecido com o seu povo e afirmava, com toda a severidade que os feiticeiros e todos os que não se mostrassem dispostos a pagar o dízimo teriam dificuldades com as colheitas aquele ano. Havia nesta carta passagens incríveis. Em um certo momento "Jesus" dizia que enviaria, contra os rebeldes, serpentes voadoras que devorariam os seios das mulheres.

A grande fome de 793, parecia comprovar a veracidade da carta. Os campos perderam o seu manto verde. Homens e animais morriam de fome. O leite secou no seio das mulheres. O povo, diante daquela calamidade, acreditou que os demônios enviados por Jesus Cristo tinham devorado as colheitas, produzido a fome e as doenças que dizimavam o povo e, apavorado, decidiu pagar o imposto decretado pelo rei.

No reinado de Luís II, o Gago, um espírito perturbador passou a se manifestar em uma quinta. O espírito não era visto, mas todos o ouviam claramente. Ele perseguia particularmente um dos trabalhadores da quinta, não o deixando sossegar por um momento.

A narrativa dá a entender que o homem era um médium, pois os aldeões, com medo do espírito, quiseram matá-lo. O pobre, entretanto, protestou sua inocência em altas vozes e pediu que lhe trouxessem uma relíquia de um santo para afastar o espírito. Quer pela ação da relíquia, quer por outro motivo qualquer, o espírito abandonou sua vítima e não mais se manifestou naquele lugar.

Ainda na corte de Luís II, durante uma reunião política, um espírito se manifestou, apossando-se do filho do rei. Sob o domínio deste espírito, o jovem príncipe tinha a sua energia multiplicada a tal ponto que vários homens não conseguiam dominá-lo.

O obsessivo abandonou o obsidiado depois de muitos exorcismo e banhos de água benta.

Como já o dissemos, o Cristianismo teve que esmagar todas essas manifestações para que pudesse se firmar como a grande religião do Ocidente. Embora com dificuldade, o Cristianismo conseguiu em parte os seus objetivos; entretanto, o seu erro foi a não separação do joio e do trigo. Os primeiros padres cristãos, com o auxílio dos reis, condenaram de um modo geral todas

78

essas práticas consideradas luciferinas sem atentar para o exercício saudável da mediunidade. Foi por esta época que a igreja marginalizou e manteve estigmatizado o contato com os espíritos através da mediunidade.

Torna-se, então, um ponto doutrinário da Igreja, a negação da possibilidade de contacto entre o plano material e o espiritual. A concessão é feita apenas ao milagre, acontecimentos excepcionálíssimos em que alguns santos se manifestam ou mesmo a virgem Maria. Qualquer outro caso deve ser explicado pela ciência

humana (teoria das alucinações) ou por artimanhas do capeta. Em um livro notável, *O Homem Procura Sua Alma*, C. G. Jung, criticando os psicólogos materialistas, diz que a Psicologia é uma ciência sem objeto, uma vez que se propõe, etimologicamente, a estudar a alma embora nela não acredite. A situação da Igreja é bem semelhante pois ela, que deveria ser a guardiã das verdades espirituais, nega essas mesmas verdades, mergulhando em uma espécie de materialismo disfarçado que em nada tem auxiliado a evolução espiritual da humanidade.

79

PARTE VII

As Crenças Religiosas dos Tupinambás no Brasil do Século XVI.

A área cultural dos tupinambás, no século XVI, quando da descoberta do Brasil, abrangia quase toda a extensão da costa oriental do continente americano, da embocadura do Amazonas à foz do Orenoco. A cultura tupinambá estava dividida em diversos grupos ou nações que apresentavam grande identidade lingüística e analogia de costumes. Estes grupos estavam sempre lutando entre si como se a guerra, entre eles, exercesse uma função social determinada. O nome tupinambá, do ponto de vista histórico, não deveria ser aplicado a todos esses grupos, mas apenas aqueles localizados no Rio de Janeiro e em regiões da Bahia e do Maranhão.

7. Os Misteriosos Seres da Floresta.

A mata, para os tupinambás, não era só o espaço da caça e da guerra, mas, também, era um espaço sagrado, lugar do mistério onde habitavam gênios e potências malévolas para o homem. O principal desses espíritos era Jurupari ou Yurupari que os primeiros missionários associaram ao diabo, mais por suas estrepolias e maldades do que por um papel metafísico na obra da criação. As informações dos primeiros jesuítas, historiadores e cronistas a respeito desse espírito não são muito claras. Um mito diz que, no Tempo das Origens, Yurupari era amigo de Deus, convivendo em companhia dele; mas, por sua maldade, acabou sendo expulso da presença do deus e exilado na Terra. No mundo dos homens passou a prejudicar a vida humana em todos os sentidos:

80

impedindo que a chuva caísse, fazendo secar as fontes, rareando a caça e causando toda a espécie de dissabores e perturbações para os índios, agindo mais ou menos como um "poltergeist" da tradição européia. Conforme lembra Alfred Métraux (*A Religião dos Tupinambás* p.46) Yurupari é um espírito solitário, único de sua espécie; entretanto, há testemunhos históricos sérios que indicam ser a palavra Yurupari um nome genérico, aplicado a todos os demônios. Estudando os textos de Claud dabbeville e de Yves

d'Evreux que tratam deste assunto, tem-se a impressão de que se pode, sem prejuízo da verdade, associar Yurupari com a alma dos mortos. Conta-se, por exemplo, que esse espírito perverso (ou espíritos perversos) costumam habitar as aldeias abandonadas, notadamente em locais onde existem sepulturas.

O segundo gênio da floresta é Agnam ou Anhangá. Os relatos existentes sobre esta entidade, aproxima-o bastante de Yurupari, sendo, inclusive, como este, associado ao diabo do Catolicismo. A sua atividade, todavia, parece ser mais sensacional e intensa do que a de Yurupari, pois os índios vivem apavorados com a possibilidade de entrarem em contacto com esse espírito e serem vítimas de suas estrepolias. Normalmente, Anhangá não é visível em sua forma essencial; entretanto, pode ser visto na forma de ave ou de outro qualquer animal.

Anhangá ama a escuridão e, assim, é tido como companheiro da noite; por isso os índios tupinambás - nas suas excursões noturnas (coisa que só fazem em momentos de extrema necessidade, costumam levar um archote para espantar o espírito maléfico. André Thevet, citado por Metraux (op. cit. p.48) diz que Anhangá costuma permanecer por muito tempo junto às sepulturas recentes, esperando para devorar as carnes dos cadáveres ou os alimentos ali colocados pelos parentes do morto.

Havia, além desta, uma relação maior entre Anhangá e as almas dos mortos, pois, conforme a tradição desses índios, as almas dos preguiçosos e dos covardes são condenadas, depois de deixarem seus corpos, a caminhar ao lado de Anhangá pelas ermas florestas nas horas solitárias da noite.

81

O terceiro espírito da floresta é o Curupira de quem já falava José de Anchieta, em 1560, como sendo um duende que atacava e matava os índios. Estudando os mitos brasileiros, anotou Luís da Câmara Cascudo, a respeito do Curupira:

Curupira é o deus que protege as florestas. As tradições representam-no como um pequeno tapuio, com os pés voltados para trás e sem os orifícios necessários às secreções indispensáveis à vida, pelo que a gente do Pará diz que ele é muciuço. O Curupira ou currupira, como nós o chamamos no Sul, figura em uma infinidade de lendas, tanto no Norte como no Sul do Império. No Pará quando se viaja pelos rios e ouve-se alguma pancada longínqua no meio do bosque, os remeiros dizem que é o curupira que está batendo nas sapupemas, a ver se as árvores estão suficientemente fortes para sofrerem a ação de alguma tempestade que está próxima. A função do curupira é proteger a floresta. Todo aquele que derruba ou por qualquer modo, estraga inutilmente uma árvore, é punido por ele com a pena de errar tempos imensos pelos bosques

sem poder atinar com o caminho de casa ou meio algum de chegar entre os seus.

(Cascudo. Geografia dos Mitos Brasileiros, p. 84)

O Curupira com o Yurupari e o Anhangá formam uma espécie de trio espiritual com que os índios têm extremo cuidado.

Eles são parentes muito próximos das ninfas, dos sátiros, dos faunos, das ondinas, dos elfos e outros seres sobrenaturais que as mitologias antigas colocaram nas florestas para protegê-las e manter-lhes o equilíbrio. Costumam fazer maldades com os homens, mas essas maldades jamais são inteiramente gratuitas.

7.1. O Mundo dos Espíritos.

Os Tupinambás, como já o vimos antes, acreditam que nas matas, nas ocas, nas margens dos rios e dos lagos, nas praias, nas lapas sombrias, nas grandes montanhas e nos outeiros desertos, existem espíritos, a maioria perigosa e ameaçadora e contra a qual se deve tomar especiais providências. Dentro deste universo de

82

seres mágicos e sobrenaturais, o Espírito dos Mortos, ocupa um lugar de destaque. Muitos desses espíritos, consoante essas crenças, ao abandonarem os corpos físicos não vão para lugares especiais esquecidos dos homens que ficam na Terra; pelo contrário, permanecem nas aldeias, estragando os alimentos, causando doenças, interferindo na incidência de chuvas, provocando derrotas nas guerras, doenças nas crianças, dificultando os partos e assim por diante. Não é incomum que se apoderem de pessoas e as maltratam, de todos, os modos possíveis. Tais espíritos vivem de preferência, junto às sepulturas como se desejassem tomar conta de seus despojes ali enterrados ou conseguir o alimento ritual que costuma ser posto nos túmulos em determinadas ocasiões.

Muitas vezes, os índios, em grupo, tomam as suas canoas e descem os rios em busca de pesca farta ou de inimigos a combater.

Se, nessas ocasiões, acontecer do céu tornar-se ameaçador e armar-se uma tempestade, relacionam essa alteração climática com a atividade de parentes a amigos mortos; jogam, então, objetos nas águas com a intenção de aplacar a ira desses espíritos.

Os espíritos dos mortos costumam se materializar, mas nem sempre assumem a forma humana. Em suas manifestações aparecem como animais estranhos ou bizarros, como pássaros negros, salamandras e morcegos. Na forma de salamandras procuram mulheres para ter com elas intercurso carnal.

Nem sempre, porém, os espíritos aparecem em formas tão grotescas e materiais. Muitos espíritos são notados apenas pelas cores cambiantes que possuem ou por certos ruídos que produzem no mato. Se um necromante invoca os espíritos, eles chegam salivando e assoviando. Suas vozes, em alguns casos se assemelham a dos morcegos e, em outras, pelo timbre agudo, lembram

as vozes das crianças.

Nem todos os espíritos do universo metafísico dos tupinambás são maléficos e perigosos. Há os chamados "apoiaueué" que se comportam de um modo benévolo. Se aparecem para alguém, não tomam formas bizarras que possam provocar medo. Não se apossam de seu corpo, nem lhes batem; mandam-lhes a chuva no tempo oportuno e zelam por suas colheitas.

83

Os espíritos podem habitar certos objetos rituais como as cabaças. Não se trata, porém, nesses casos, de qualquer cabaça, mas de um objeto mágico feito pelo feiticeiro e que procura reproduzir uma cabeça humana. Yves d'Évreux fala de uma dessas cabaças - cabeça tão aperfeiçoada a ponto de possuir um maxilar móvel. (Apud. Metraux. p.59. Essas cabaças funcionavam como oráculos e eram consultadas pela tribo em momentos difíceis. Outro elemento relacionado com o culto dos espíritos era o maracá. Segundo Metraux (op. cit. p.60) era o maracá um instrumento musical formado por uma cabaça na qual se introduziam sementes ou pequenas pedras; ao balançá-la, produz-se um som semelhante ao do chocalho. Os indígenas consideram esse barulho feito pelo maracá como sendo as vozes dos espíritos ali aprisionados. O maracá não era, por sua própria natureza, um objeto mágico. Para que os espíritos se manifestem através dele, era necessário que fosse "preparado" por um feiticeiro que, por meio de um determinado ritual, passava para o instrumento as suas virtudes mediúnicas. Em geral, o trabalho com os maracás se passa do modo seguinte:

Há, na comunidade, indivíduos que são chamados "paigys" os quais possuem a força necessária para consagrar os maracás. Tais indivíduos costumam, em certas épocas do ano, percorrer a região, indo de aldeia em aldeia, visitando todas as ocas e afirmando aos presentes que estão em contacto com espíritos vindos de lugares distantes. Estes espíritos forasteiros é que dariam aos "paigys" o poder de insuflar aos maracás a sua força mágica. Cada índio tem o seu maracá e ansiosos levam esses instrumentos aos "paigys" para que possam ser imantados. Faz-se, então, uma grande festa na qual os maracás são consagrados por meio de ritos especiais.

7.2 O poder dos Feiticeiros

Na cultura tupinambá, o indivíduo não se torna feiticeiro por meios práticos iniciatórios, mas pela inspiração. Uma pessoa para conseguir nestas comunidades, o "status" de feiticeiro, deverá se apresentar, com provas adequadas, que demonstrem o seu

84

poder mágico. Os testes mais comuns eram os das profecias que se realizavam e dos doentes que eram curados. Se, por exemplo,

o candidato a feiticeiro afirmasse que iria chover em um determinado lugar e tal acontecesse, ou se soprasse sobre um enfermo e ele ficasse bom, teria passado na prova e seria considerado feiticeiro de grande prestígio.

A figura dos feiticeiros entre os tupinambás era respeitadíssima. Os feiticeiros bem sucedidos que tinham os seus poderes sobejamente comprovados, granjeavam grande reputação e recebiam o nome de pajé ou assou ou caraíba, termos que se podem traduzir mais ou menos como homem santo. Os feiticeiros que conseguiam bom sucesso procuravam afetar um comportamento externo que acreditavam ser compatível com a dignidade de sua função. Viviam, assim, afastados do vulgo, solitários, preferindo a companhia dos maiores da tribo que os tratavam com grande respeito e consideração especial. Para aumentar a impressão de afastamento, os feiticeiros costumavam armar suas choças distante das choças dos índios comuns, os quais acreditavam que eles precisavam desse afastamento para entrar em contacto com os espíritos. Os poderes dos feiticeiros lhes vinham sempre do contacto que mantinham com os espíritos. Conta d'Evreux que um desses feiticeiros, mais tarde convertido ao Cristianismo, narrou-lhe que, no tempo em que se ocupava de feitiçaria, encontrava-se com espíritos quase sempre, e estes conversavam com ele, acompanhavam-no em suas caminhadas sem lhe fazer o menor mal; eram como se fossem pessoas amigas, com as quais estivesse acostumado. A relação entre os feiticeiros e os espíritos torna-se, às vezes, inacreditável. Um deles conta que convivia com um espírito desencarnado que trabalhava com ele em seu roçado e dava-lhe conselhos sobre o que deveria ou não fazer, em situações aflitivas (Apud. Metraux. p.69.) Um outro fala de um espírito que lhe fazia companhia, dormindo na mesma rede e alimentando-se de sua mesa como se fosse uma pessoa encarnada. Um terceiro, fala

85

de um espírito que se manifestava na forma de um morcego falando como uma criança e que lhe mandara fazer-lhe um ninho junto de sua choça. O ninho foi feito e o espírito passou a dormir ali todas as noites.

No caso de o feiticeiro ter de consultar um espírito em situação especial, usa-se um cerimonial bastante complexo. A. Thevet nos fala de um desses cerimoniais:

usam os indígenas de certas cerimônias e inovações diabólicas, a saber: levantam, primeiramente, uma choça nova, jamais habitada, armando dentro dela uma rede branca e limpa; em seguida, transportam para a referida oca uma grande quantidade de viveres, inclusive o cauim (que é a sua bebida ordinária, mas fabricada por uma donzela de dez ou doze anos; finalmente, depois de tudo assim preparado, o

povo reunido conduz esse gentil profeta à cabana onde o mesmo permanece sozinho, depois que uma das moças lhe der água para se lavar. É preciso notar, entretanto, que, antes do mistério, o pajé deve se abster de manter relações sexuais com sua esposa; isso pelo espaço de nove dias. Em seguida, quando fica só na cabana e, quando todo o povo já se tem afastado do local, estende-se o feiticeiro na rede e invoca o espírito maligno. A invocação dura toda uma hora, havendo ainda outras cerimônias do costume, mas que não podem ser vistas, de tal modo que, no final do rito, o espírito acaba por chegar silvando e assoviando, como dizem. Afirmam mesmo esses índios que alguns desses espíritos aparecem em certas ocasiões na presença de toda gente. Ninguém o vê, mas se percebe qualquer coisa semelhante a um ruído ou um uivo. Ao que todos exclamam a uma só voz: "rogamos dizer a verdade ao nosso profeta que te aguarda lá dentro. As perguntas, com as respectivas respostas, dizem respeito aos seus inimigos, a saber, o que pensam eles, quem terá a vitória, quem será aprisionado e devorado pelos contrários ou ferido por algum animal feroz, etc.

(Métreaux. p.70)

Do mesmo modo que os xamãs siberianos, os feiticeiros tupinambás podem possuir poderes de visitar o Mundo dos

Mortos. Neste momento, os feiticeiros passam longo tempo conversando com os espíritos dos antepassados. Do mesmo modo que os pajés visitam os mortos em seu reino, estes também costumam visitar o pajé em sua choça.

7.3 A Morte e o seu Mistério

Quando um índio se encontra doente e incurável, sem que possa ter qualquer chance de vida, os índios costumam abandoná-lo à sua própria sorte. O doente fica então sozinho, solitário, sem o carinho ou atenção da comunidade. É como se acreditassem no destino e na inutilidade de se lutar contra aquilo que está determinado.

Vagarosamente, entretanto, à medida que a morte se aproxima e o doente começa a dar sinais de estar em agonia, os parentes se aproximam dele, dando mostras de grande sofrimento. Morto, o indivíduo deve ser enterrado. É ainda uma vez mais Thevet que, com seu modo detalhado, nos descreve um desses funerais:

Quando o marido, ou a esposa, ou outro qualquer parente - pais, mães, tios ou irmãos - morre, os selvagens curvam-no dentro da própria rede onde falece, dando-lhe a forma de uma criança no ventre materno; depois, assim envolvido, ligado e cingido com cordas de algodão, metem-no em um grande vaso de barro, cobrindo-o com a gamela onde o defunto costumava se lavar, receando, segundo dizem, que o morto ressuscite se não estiver bem amarrado, temor, aliás,

muito grande pois crêem que isso já aconteceu aos seus avós, motivo pelo qual convieram tomar tal precaução.

Isso feito, deitam o cadáver em uma determinada cova, redonda como um poço, pouco mais ou menos da altura de um homem, pondo-lhe junto fogo e farinha, pois temem a aproximação de espíritos malignos. Julgam também que, se a alma tiver fome, não lhe faltará comida. Em seguida, cobrem tudo com a terra tirada do fosso. Em se tratando de um chefe-de-família, enterram-no em casa, no próprio local onde costumava dormir; se é uma criança, o morto é sepultado fora e por trás da oca. Alguns o são, nas plantações e outros nos sítios de sua preferência.

(Apud. Metraux. p. 108)

87

Junto aos mortos, enterram também seus objetos de uso pessoal porque, na outra vida, por certo, a alma vai precisar deles. Se o morto houver em vida presenteado alguém, este deve devolver o presente já que, se não o fizer, a alma do falecido irá procurá-lo para que devolva o objeto.

Como entre os gregos, romanos e outros povos das culturas antigas, os tupinambás costumavam alimentar os seus mortos. As razões, entretanto, não eram as mesmas. Os índios levavam alimento para as sepulturas pensando que, se essa prática não fosse feita, Anhangá viria e, não encontrando alimento, desenterraria o cadáver para o devorar. O alimento, contudo, em alguns casos, poderia se dirigir ao próprio defunto para que, sentindo fome, a alma não viesse à procura dos vivos para conseguir comida.

O que acontece, porém, com o indivíduo depois da sua morte?

O que espera a alma no Mundo dos Espíritos? Entre os tupinambás a alma ligada ao corpo chamava-se An e, quando estava separada do corpo, passava a se chamar Angouere ou Angueira. Quando o homem morria, sua Angouere partia para uma região de perene felicidade que se situava além das altas montanhas.

Ali vivia com os antepassados, dançando, cantando, caçando e pescando felizes. Quando alguém morria os familiares lhe pediam que desse lembranças aos amigos e parentes que já haviam partido; davam-lhe presentes que deveriam ser entregues a estes no fim do mundo e procuravam animar o morto para que fizesse a viagem sem medo. Era-lhe recomendado que não deixasse o seu fogo extinguir-se, que não passasse pelas terras dos inimigos e que, no caso de se cansar e dormir pelo caminho, reparasse bem ao levantar se não estava se esquecendo de seus machados, lanças, foices e outros pertences.

O caminho para este paraíso não é fácil como se poderia imaginar.

A alma deve passar por locais muito escuros e se arriscar a perder o caminho. Para que não se perca, o morto se utiliza do fogo

que foi deixado em sua sepultura. Muitos são os perigos e os inimigos que espreitam a alma na sua jornada, e só com muito trabalho ela consegue se livrar de todos os obstáculos que se apresentam.

88

E por isso que as almas dos bravos que foram mortos em combate e tiveram sua carne devorada pelo inimigo, conseguem alcançar o paraíso mais facilmente do que as almas dos covardes e dos afeminados. As almas das mulheres dificilmente conseguem alcançar estas regiões. Para lá vão apenas as chamadas mulheres virtuosas, isto é, esposas de guerreiros mortos em combate e devorados por seus inimigos.

Novamente temos de concordar com os espíritos quando eles nos mandam observar os povos ditos primitivos para ali se descobrir a idéia de Deus. Causa-nos pena pensar que os jesuítas e outros religiosos, ao invés de trabalharem para melhor compreensão dessas idéias, esforçaram-se para cobri-las com o manto cinzento do dogma e, com a desculpa de evangelizar o índio, deturparam sua cultura, deformaram-lhe a tradição. Neste sentido, as religiões chamadas tradicionais têm prestado um profundo desserviço à evolução do espírito humano e à busca das grandes verdades.

PARTE VIII

O Império das Trevas e os Demônios

8. Os demônios

Antes de entrarmos no estudo das crenças medievais e renascentistas sobre o demônio, acreditamos ser de extrema utilidade, principalmente para o nosso leitor não espírita, colocarmos nestas páginas o que o Espiritismo ensina a respeito do diabo e de seus anjos. No livro *O Céu e o Inferno* (cap. IX. p. 103. ss.), Allan Kardec faz um minucioso estudo desta questão. Na página 106, apresenta um resumo bastante claro da doutrina católica sobre a existência do demônio e, depois, faz algumas objeções sobre as idéias expostas. Com rigor metodológico, espírito crítico e lógica irrefutável, Kardec mostra a impropriedade de tal doutrina incompatível com a bondade e justiça divinas.

Na página 116, Kardec apresenta o ponto de vista da doutrina espírita. Conforme a Codificação Kardequiana, a criação não possui seres à parte como anjos ou demônios. Deus criou os espíritos simples e ignorantes e lhes possibilitou a experiência em corpos materiais, na Terra e em outros planetas, para que possam avançar na escala espiritual. Ao contrário do que ensina a Igreja Católica (os anjos são criados perfeitos, explica Kardec: Deus os criou perfectíveis, dando-lhes por objetivo a perfeição com uma conseqüente felicidade. Mas não lhes deu a perfeição. Deus quis que eles devessem a perfeição ao seu esforço pessoal, a fim de que tivessem seu próprio mérito.

Desde o instante de sua formação, eles começam a progredir, seja através da encarnação, seja no estado espiritual. Chegados ao apogeu, tornam-se espíritos ou anjos, segundo a
90

denominação vulgar. Desta maneira, desde o embrião do ser inteligente até o anjo, há uma cadeia contínua em que cada elo representa um grau de progresso.

(Kardec. op. cit. p. 116)

Sendo assim, a conseqüência lógica é a de que nem todos os espíritos estão no mesmo grau de adiantamento. Haveria, portanto, espíritos mais ou menos adiantados, moral e intelectualmente de acordo com o esforço que fizessem para avançar na senda do progresso. Diz Kardec que existem espíritos inclinados para o mal e que nisto encontram prazer. São os espíritos que os homens denominaram diabos, capetas, etc. O Espiritismo, entretanto, evita estas denominações.

Se o espiritismo não lhes dá esse nome é para não ligá-los à idéia de seres distintos da humanidade, de uma natureza essencialmente perversa, destinada eternamente ao mal e incapazes de progredir para o bem.

(Op. cit. p. 116)

Conforme a doutrina da Igreja, os demônios são anjos decaídos que, tomados pelo orgulho, tentaram ser iguais ao seu criador e, por isso, foram banidos do céu e colocados em degredo perpétuo. O Kardecismo, todavia, não concorda com essa posição:

Segundo o Espiritismo (os que chamamos demônios) são espíritos imperfeitos, mas que terão de melhorar-se; encontram-se ainda embaixo da escala, mas subirão.

(op. cit. p. 117)

Os espíritos que perseveraram no mal, cultivando os maus pendores e os vícios mais negros, prosseguem rancorosos e aprisionados (por suas próprias criações mentais e não por Deus) em regiões inferiores. André Luiz conta um encontro que teve com espíritos sofredores. André está na companhia de alguns espíritos liderados por um espírito de maior envergadura chamado Silas. Vendo os espíritos inferiores em deplorável condição, Hilário, um membro do grupo de espíritos, pergunta ao mentor:

91

- Mas, toda esta gente parece relegada à intempérie, não seria razoável que a mansão se estendesse, abarcando-a com seu amparo e defendendo-a com seus muros?

- Logicamente, respondeu Silas sem alterar-se, esse plano é o mais desejável; entretanto, estamos à frente de compacta multidão de almas em reajuste. Esse imenso conglomerado de criaturas sem corpo de carne começou num grupo de

seres desencarnados que chamavam pelo socorro da Mansão sem os necessários requisitos para recolher-lhe a assistência. Firme na execução do programa que lhe assiste, nossa Casa não lhes podia abrir a porta de imediato, em face do desespero e da revolta em que se comprazem, mas também não desdenhava a possibilidade de lhes prestar a ajuda possível, fora do campo de ação em que vive sediada. Iniciou-se, dessa forma a presente organização que, contra nossa vontade, é um abismo de sofrimentos. Aqui se reúnem, de maneira indiscriminada, milhares de entidades, vítimas de seus pensamentos desvairados e sombrios. Quando superam a crise de perturbação ou de angústia de que são portadoras, o que pode perdurar por dias, meses e anos, são trazidas à nossa instituição que, tanto quanto possível, evita abrir-se às consciências ainda positivamente encravadas na revolta sistemática.

(André Luiz. *Ação e Reação*, p.59)

Estes espíritos permanecem, entretanto, não eternamente nesta condição deplorável.

Eles estão submetidos à lei do progresso em virtude de sua própria aptidão para progredir, mas não contra a sua própria vontade. Deus lhes concede incessantemente os meios de progredir, mas eles são livres de os aproveitar ou não.

Se o progresso fosse obrigatório, eles não teriam méritos de seus esforços. Ele não eleva ninguém por meio de privilégios, mas o primeiro lugar está sempre aberto a todos e ninguém chega a ele sem os esforços próprios. Os anjos mais elevados conquistaram o seu grau como os outros, passando pela rota comum.

(Kardec. *O Céu e o Inferno*, p. 117)

92

Estes espíritos inferiores não são, portanto, punidos por Deus, mas vítimas de suas escolhas mal dirigidas e do uso inadequado de seu livre- arbítrio. Com o tempo, e de acordo com os esforços que fizerem para domarem as suas más inclinações, os espíritos doentes, segregados nos planos inferiores poderão um dia alcançar a condição angélica.

Assim, como se pode ver, o Espiritismo não aceita nem incorpora à sua doutrina a idéia de espíritos voltados eternamente para o mal. Do ponto de vista do Kardecismo, os espíritos não estão determinados para o bem ou para o mal, mas estão em um certo lugar na escala evolutiva e mesmo aqueles mais impenitentes e perseverantes nas obras malélicas, terão a oportunidade de, se o desejarem, alcançar as esferas crísticas onde se pode dizer como o fez Jesus: *Eu e o Pai Somos Um*.

8.1 Os incubos e os súcubos.

Era crença geral na Idade Média e no Renascimento que o

demônio poderia vir à Terra copular com os mortais. Nesses casos, havia dois tipos especiais de demônios: os íncubos (ou demônios masculinos) e os súcubos (ou demônios femininos). Conforme a opinião de grande parte dos demonólogos, os íncubos e súcubos são encarnações do demônio para o comércio carnal com os seres humanos. O que pretendia o demônio com tais cópulas? Nisso não estão completamente de acordo os demonólogos. Para alguns, o demônio procura sexualmente os seres humanos para dar expansão à sua lascívia ou mesmo para poluir os mortais por pura maldade. Para outros, as relações sexuais entre os demônios e os seres humanos visaria a fazer nascer o Anti-Cristo para a instauração do Reino das Trevas na Terra.

Estas idéias levavam ao seguinte questionamento: como o demônio conseguia um corpo para exercer na Terra a atividade sexual? Pensadores da Igreja como Agostinho e Tomaz de Aquino defendiam a tese de que o demônio tomava a forma material de um cadáver. Dizia-se que, neste caso, o Espírito do Mal se

93

utilizaria dos corpos dos condenados à forca e que, por muito tempo, ficavam expostos a pender dos patíbulos.

A teoria do roubo do corpo de um enforcado *trazia*, um novo problema: sabia-se que o demônio, quando se apresentava à sua vítima, mostrava-se sob um aspecto sedutor; ora, os cadáveres são repulsivos, pouco desejáveis e, portanto, não serviriam como elementos de sedução. O demonólogo Francesco Maria Guazzo, em seu trabalho intitulado *Compedium Maleficarum*, defendeu a tese de que os demônios são assexuados e podem forjar para si próprios corpos humanos ou de animais.

Uma das teorias mais interessantes sobre este assunto oferece-nos o padre Ludovico Sinistrari dAmeno, em um livro chamado *O Livro dos Demônios*. Na opinião de Sinistrari, os íncubos e os súcubos, a rigor, não são anjos nem demônios. Estes espíritos caíram não porque tentassem se igualar a Deus, mas por uma sensualidade desenfreada. A descrição que o padre Sinistrari faz desses demônios é interessante: não possuem natureza divina e suas essências são mais sutis do que a dos homens. Possuem inteligência, capacidade de raciocínio e órgãos como os dos homens; mas destes diferem, principalmente pela matéria de que são feitos, mais leve e rarefeita do que a dos seres humanos.

O que, entretanto, definia mais especificamente os íncubos e súcubos era a sensualidade. No livro do padre Sinistrari dAmeno publicado em francês sob o título *De La Démonialité et des Animaux Incubes et Sucubes*, há um relato minucioso de um caso em que um incubo atua como sedutor de uma mulher casada e de caráter inatacável. Vejamos, porém, a história.

Havia, na cidade de Pavina, na Itália, uma mulher casada

cuja moral era inatacável. Chamava-se Jerônima e era paroquiana da Igreja de S. Miguel. Certa ocasião, a mulher fez um pão de trigo e pediu a um forneiro seu conhecido que o levasse ao forno para assar. O homem concordou. Tempos depois, voltou trazendo o pão assado e um bolo de formato estranho. A mulher disse ao forneiro que o bolo não lhe pertencia e que, portanto, não poderia ficar com ele. O homem, porém, argumentou que, no seu

94

forno, colocara apenas o que lhe havia sido entregue. Se o bolo estava no forno, por certo, era dela. Se ela não se lembrava do bolo, era porque havia alguma coisa errada com a sua memória. A mulher, embaraçada com a argumentação do forneiro, decidiu ficar com o bolo mesmo desconhecendo a sua procedência.

Em casa, comeu-o junto com seu marido, a filha pequena e a empregada da casa.

Aquele dia transcorreu normalmente. À noite, porém, quando dormia ao lado do marido, foi acordada por uma voz muito fina e insistente que lhe segredava ao ouvido:

- Como é? Gostou do bolo? Estava a seu gosto?

A mulher ficou apavorada e, encolhendo-se, fez o sinal da cruz com a esperança de afugentar o intruso; o espírito, entretanto, não se afastou, ao contrário, continuou a falar; a mulher, todavia continuou a fazer preces, pedindo a Deus que afastasse dela aquela influência nefasta; o espírito, contudo, continuava implacável.

Então, Jerônima sentiu no rosto um beijo leve, muito leve.

Era como se alguém lhe tocasse as faces com uma penugem extremamente fina. A pobre mulher voltou a fazer o sinal da cruz. Os beijos prosseguiram ainda por um certo tempo e depois pararam.

O sedutor havia se retirado.

No outro dia, bem cedo, a mulher, muito preocupada, foi procurar o seu padre confessor e contou-lhe tudo. O padre aconselhou-a a manter-se firme, não cedendo em hipótese alguma.

Disse-lhe, ainda, que deveria conseguir alguma relíquia para protegê-la daquele demônio. De nada, porém, adiantaram as relíquias:

o espírito continuou a visitá-la na cama e a lhe fazer propostas indecorosas, beijando-lhe as faces seguidamente. São chamados, então, exorcistas experimentados que vasculham a casa, benzem o quarto de dormir e a cama do casal. Tudo, entretanto, resultou inútil.

Em razão da mulher continuar firme na sua resistência contra o sedutor desencarnado, este mudou de tática. Passou a aparecer para ela chorando e gemendo como se quisesse mostrar a sua

95

amada o estado a que fora reduzido por causa do amor não correspondido. A mulher, todavia, continuava disposta a não ceder.

Assim, o incubo tentou uma nova tática: passou a aparecer para sua amada na forma de um belo rapaz, de barba loura, olhos verdes e elegantemente vestido à espanhola. A partir de então, manifestava-se com maior frequência; chorava, suspirava, jogava beijos como um amante qualquer.

Não obstante o insucesso, o espírito tornou-se mais agressivo e começou por esconder os objetos da casa: velas, crucifixos, relíquias, jóias; tudo desaparecia. De nada adiantava guardar os objetos em cofres ou gavetas pois dali eram retirados facilmente e sem forçar a fechadura. Depois, parecendo tomado de ira incontrolável, cobriu a mulher de pancadas a ponto de deixar-lhe o corpo coberto de equimoses e contusões. As marcas, entretanto, desapareciam do corpo em dois ou três dias.

Uma outra coisa fantástica que o espírito produzia era a seguinte: Jerônima, muitas vezes, sentava-se na sua cama para dar de mamar à sua filhinha. Nessas ocasiões, ele tomava a criança do colo da mãe, alçando-a até ao teto, mas sem lhe provocar mal algum. Em outras ocasiões, de uma hora para outra, sem qualquer motivo, o incubo revirava a casa, quebrava travessas, copos e pratos. Depois, misteriosamente, consertava todos esses estragos e tudo voltava aos seus lugares como estava antes.

Todos esses acontecimentos fantásticos, contudo, não quebraram o bom ânimo da mulher. O espírito, então, decidiu apertar o cerco; assim, uma noite, quando Jerônima dormia com o esposo, o conquistador espiritual entrou no seu quarto e lhe disse:

- Quero que deixes o teu marido.

A mulher resistiu com energia à proposta do espírito. Este, furioso, retirou-se. Pouco depois voltou com uma grande quantidade de pedras com as quais ergueu, em tomo do leito de sua amada, um muro enorme. O muro foi construído sem cal. Os donos da casa derrubaram a parede e empilharam as pedras no quintal, resultando um monte de tamanho razoável. Dias depois as pedras desapareceram como que por encanto.

96

Cansada de tantos ataques da parte do espírito, a inditosa mulher decidiu apelar para o bem aventurado Bernardim de Feltre cujo corpo se venerava na Igreja de S. Thiago, não muito longe dos muros da cidade. Fez, então, um voto de, durante todo um ano, usar capuz de cor cinza e um hábito apertado com um cordão semelhante aqueles que usavam os irmãos menores.

Assim vestida, Jerônima dirigiu-se para o templo. Ao entrar no Átrio da Igreja, soprou um vento forte e frio que arrastou suas roupas, deixando-a inteiramente desnuda. Dois respeitáveis cavaleiros presentes, cobriram-lhe o corpo com suas capas e, colocando-a em um carro, levaram-na para casa. As vestes e os enfeites furtados pelo espírito foram devolvidos seis meses depois.

Como acabou esta história? Vejamos o que diz o próprio Siniestrari d'Ameno:

Breve poderei contar-vos outros fatos e dos mais desafortunados que lhe impôs ainda este incubo, mas tudo tem fim.

Suficiente saber que, durante vários anos, ele ainda persistiu em suas tentações; mas, finalmente, vendo que perdia o seu tempo e trabalho, viu-se forçado a levantar o seu cerco.

(op. cit. p.45)

Jacques Finné (*Erotismo e Feitiçaria*, p. 197) comenta, não sem ironia e fino senso de humor, que histórias como as que acabamos de narrar sobre os amores de demônios com seres humanos, serviriam aos interesses de pessoas inescrupulosas. Assim, alguns homens disfarçados em demônios poderiam causar pânico às mulheres e, dessa forma, conseguir-lhes favores de natureza sexual; e muitas mulheres, principalmente as freiras, poderiam atribuir a incubos situações sexualmente delicadas.

Por outro lado, havia pessoas - teólogos e demonólogos - que consideravam os contactos sexuais entre demônios e seres humanos como algo perfeitamente possível. Estes estudiosos, contudo, enfrentavam, freqüentemente, grandes dificuldades.

Uma delas dizia respeito à possibilidade de o demônio poder efetivamente engravidar uma mulher, e disto resultar uma

97

criança. O problema não era só complexo, como também se desdobrava em diversas outras questões. Leiamos sobre este problema, Jacques Finné:

Um determinado número de perguntas decorrentes aliás, umas das outras, apresentaram-se aos inquisidores que tentavam respondê-las com maior ou menor acerto.

São os demônios férteis? No caso negativo como conseguiriam esperma? Se roubam o esperma aos homens, pode este conservar-se fecundante ou perde o seu valor quando da transferência? Enfim, qual seria o aspecto de uma eventual descendência? Humana ou monstruosa ou híbrida?

Tantas perguntas que suscitaram tantas respostas mais monstruosas que o próprio assunto.

(Finné. op. cit. p.203)

Examinemos, com a ajuda de Finné, as questões propostas.

Entre os demonólogos, poucos são aqueles que defendem a possibilidade dos demônios serem férteis e um deles é o nosso já conhecido Siniestrari d'Ameno. Acredita ele que os demônios da classe dos incubos e dos súcubos são, a rigor, semelhantes a animais e, sendo assim, podem produzir o próprio sêmen e com ele engravidar as mulheres que consentem ou são levadas por embuste a com eles entrarem em relações sexuais.

Os que não concordam com o padre Sinistrari partem do pressuposto de que o demônio, sendo um ser da ordem espiritual, não pode produzir esperma; assim, só resta uma possibilidade: o demônio rouba o esperma dos homens para as suas incursões carnais.

Essa teoria do roubo do esperma deu lugar a extravagâncias às vezes divertidas. Diz o ditado: "a ocasião faz o ladrão, e assim todas as ocasiões são boas para o diabo conseguir o sêmen necessário às fecundações. O diabo, ao se ler os relatórios da Inquisição, dá-nos a impressão de uma espécie de vigia lúbrico, atento aos estupros humanos para precipitar-se e colher a menor gota de esperma perdida, como um mendigo que vigia um banquete na esperança de recolher as migalhas do festim.

Diz-se, também, que os demônios se apresentam nos enforcamentos (tese defendida por Martim DAries) para recolher o

98

sêmen resultante do último gozo dos enforcados. Conforme (Juazzo, o demônio consegue esperma durante as masturbações e as poluções noturnas. Até mesmo os desperdícios dos coitos interrompidos são também cobiçados pelo demônio.

Há aqui uma outra questão: uma vez conseguido o esperma, de que modo os demônios conservam esta substância? A teoria para esse caso, não é menos engenhosa. Segundo os demonólogos, o diabo em forma feminina (como súcubo) copula com um homem e recebe o esperma deste e, através de uma técnica desconhecida dos homens, conserva o esperma intacto; depois, tomando a forma masculina (incubo) corre e vai copular com uma mulher, engravidando-a.

Por fim, cumpre responder a última questão: qual a aparência da prole demoníaca? Aqui, também, domina o fantástico.

Em 1545, conta Finné (op. cit. p.211), na cidade de Eslingem vivia uma jovem por nome Margareth que teve relações íntimas com um incubo. Ficou grávida. Seu ventre cresceu tanto que as pessoas colocadas na extremidade de sua cama, não lhe podiam ver o rosto ou os pés. Auscultando-lhe o ventre, ouvia-se um coro de vozes de animais: galos cantam, galinhas cacarejam, gatos miam, berram bodes, cães ladram, etc. Em Toulouse, em 1275, uma mulher chamada Angela de Labarthe, após um conúbio com o diabo, deu à luz um ser híbrido com cabeça de lobo e cauda de serpente.

Garinet, na sua *História da Feitiçaria em França*, conta um caso de um incubo que se tornou amante de uma dançarina de cabaré. A moça foi fecundada e nasceram dela cacos de garrafa, pedaços de estopas e chumaços de algodão.

Todas essas teorias e relatos maravilhosos sobre os demônios incubos e súcubos revelam o quanto pode ser poderosa a imaginação humana, como pode criar fantasias e produzir mitos; entretanto, a imaginação, por mais poderosa que seja, não cria do

nada. Ela deforma a realidade, combina o que não é combinável e assim cria o efeito fantástico. Tomemos um exemplo. O unicórnio é um animal imaginário e a sua forma é a de um cavalo com um chifre no meio da testa. Nem os chifres nem os cavalos são coisas

99

imaginárias, mas quando se associam as duas em um único ser, cria-se o extraordinário.

A mesma coisa pode-se dizer aqui: como afirma a doutrina espírita, os demônios não existem, contudo, nada impede que os espíritos inferiores tomem a forma criada pela imaginação popular para o diabo e, deste modo se manifestem.

Ao lado do trabalho natural da imaginação humana, laboram os teólogos e demonólogos, homens sábios, versados nas culturas antigas e que tomam para si a lenda popular, imprimindo-lhe uma forma intelectual, articulando teorias eruditas, sustentadas por falácias bem construídas e hipóteses estruturadas com habilidade.

Com isso oficializam o medo (útil aos seus interesses) e, ao mesmo tempo, camuflam a verdadeira causa destes fenômenos: o espírito humano.

8.2 A Hora e a Vez das Feiticeiras.

O que era uma feiticeira? Uma serva de Satã cuja tarefa seria auxiliar o Príncipe da Trevas a estabelecer na Terra o Reino do Anticristo? Uma mulher vítima de doença mental em uma época dominada pela superstição e pelo fanatismo religioso? Um médium desviado, colhido na trama dos espíritos trevosos? Não há uma resposta objetiva para esta questão, pois o conceito de feiticeira foi construído a partir de interesses muito específicos que o amoldavam conforme as circunstâncias. Aqui tentaremos discutir este assunto, embora com as limitações próprias de um trabalho desta natureza.

Desde a Idade-Média, acreditava-se que havia pessoas chamadas feiticeiras que procuravam servir aos demônios e não a Deus.

Em 1260, o Papa Alexandre IV, combatendo as bruxas, indica quais os sinais por que essas pessoas podem ser identificadas. São eles: a negação da crença em Deus, a adoração ao diabo, a entrega de seus filhos a satã, o sacrifício de crianças, o juramento pelo nome do diabo, a prática do incesto, a prática da necrofagia, a capacidade de provocar doenças em pessoas e animais.

100

Todas essas características tornam as feiticeiras pessoas abomináveis, seres malditos, infamantes e infamados contra os quais os verdadeiros cristãos, principalmente os eclesiásticos, devem abrir luta sem quartel. Foi para erradicar as heresias e combater as feiticeiras (o maior e o mais abominável dos heréticos) que o Papa Gregório IX criou o Tribunal da Santa Inquisição da

Fé. Este tribunal vai se incumbir de intensificar a caça às bruxas com o intuito de eliminá-las da face da Terra. Deveria o tribunal, depois de julgá-las dar-lhes morte exemplar para que, vendo-as morrer cruelmente, as pessoas se desestimulassem da prática desta pavorosa heresia.

A condenação das práticas mágicas e das pessoas tidas como possuidoras dos poderes demoníacos (hoje pessoas-psi ou médiuns) era muito antiga. Já os textos bíblicos do Pentateuco lançam terríveis anátemas contra essas atividades:

Não vos dirijais aos magos, nem interrogueis os adivinhos para que vós não vos contamineis por meio deles. (Levitico, 19. Cap.31)

A pessoa que se dirigir a magos e adivinhos e fornicar com eles, eu porei o meu rosto contra ela e a exterminarei do meio do meu povo.

(Levitico, 20. Cap.6)

Homem ou mulher que possuir espírito pitônico ou de adivinho, sejam punidos de morte.

(Lev. 20-27)

Quando tiveres entrado na casa que o Senhor, teu Deus, te há de dar, guarda-te de querer imitar as abominações daquelas gentes. Não se ache entre vós quem purifique seu filho ou sua filha, fazendo-os passar pelo fogo, nem que consulte adivinhos ou observe sonhos e agouros, nem que use malefícios, nem que seja encantador, nem quem consulte necromantes ou adivinhos ou indague dos mortos a verdade. Porque o Senhor abomina todas essas coisas e, por tais maldades, exterminará esse povo à tua entrada. Serás perfeito, 101

sem manchas com o Senhor teu Deus. Estes povos cujo país tu possuirás. ouvem os agouros e os adivinhos; tu, porém, foste instruído de outro modo pelo teu Deus.

(Deuteronomio. 18. 9 14)

Os textos bíblicos deixam-nos uma suspeita de que as práticas mágicas não eram ruins em si mesmas. O motivo principal de sua condenação era o fato de que tais práticas pertenciam a outros povos: egípcios, assírios, persas e babilônios. Se os judeus tornassem parte da atividade mágica de outros povos poderiam, por certo, assimilar as crenças de deuses estranhos ao culto de Jeová, o deus único e condutor do povo. Assim, segundo nos parece, a intenção de Moisés ao legislar de modo tão drástico contra a magia era combater naquele povo ainda bastante bárbaro e supersticioso, o politeísmo grosseiro de outros povos. Desse modo, a magia deveria ser combatida para que não servisse de cabeça de ponte para que outros deuses entrassem em Israel. Cada judeu deveria estar certo de que só Jeová é Deus, só ele é santo; ele é o

verdadeiro Deus, Deus de Abraão, de Isaac e de Jacó; Deus generoso que tirou o povo da servidão do Egito e o está conduzindo para a Terra Prometida. Toda outra forma de culto é abominável e deve ser punida com a morte.

A Igreja Católica, durante a Idade-Média e o Renascimento, retomou o espírito sectário dos judeus no Velho Testamento, incluiu no seu programa de luta uma permanente hostilidade às feiticeiras, magos e adivinhos. As razões da Igreja são muito semelhantes as de Moisés. O líder hebreu desejava defender o culto de Jeová da influência de cultos estranhos, enquanto a Igreja queria esmagar por completo os resíduos da Religião Antiga.

A conversão dos bárbaros fora epidérmica. Os grandes senhores converteram-se ao Cristianismo quase sempre por motivos políticos e o povo se converteu sob pressão ou graças a ação catequética exuberante de um pregador ilustre e de vida exemplar.

A Religião Antiga, que incluía a magia e a comunicação com os espíritos, prosseguiu influenciando poderosamente a vida das pessoas. A feitiçaria era um componente da Religião Antiga

102

que precisava ser destruída para que a vitória de Jesus Cristo fosse completa.

Trava-se, assim, uma guerra, ou mais propriamente, uma cruzada contra os feiticeiros, fossem quem fossem, estivessem onde estivessem. Havia, porém, uma dificuldade: como se poderia saber se uma pessoa era ou não feiticeira? Haveria algum tipo de sinal que indicasse um membro desta confraria maldita? Como posso saber se um meu vizinho ou um membro de minha família é um feiticeiro? De que maneira e com base em que tribunal poderia levar a julgamento uma pessoa acusada de feitiçaria? Conforme Françoise Rabadiou Dumas, os sinais apresentados por um feiticeiro são os seguintes:

I. Faculdade telepática.

II. Inteligência de línguas estranhas sem as ter aprendido.

III. Conhecimento de acontecimentos futuros.

IV. Conhecimento do que se passa em lugares distantes e fora do alcance da vista.

IV. Exaltação das faculdades intelectuais.

VI. Força física superior à normal.

VII. Levitação

Examinando-se com mais cuidado essas características, nota-se facilmente que esses sinais são os mesmos encontrados entre os médiuns modernos estudados pelo Espiritismo. Assim, reforça-se a tese de que uma grande parte dos feiticeiros eram médiuns e que a luta da Igreja Católica contra a feitiçaria, foi, em parte, uma luta contra a mediunidade. É oportuno lembrar que tais fenômenos eram também encontrados no seio da própria Igreja.

A diferença era que, nesses casos, os médiuns eram considerados santos e não feiticeiros e a fonte da comunicação seria Deus e não o diabo. Colocadas estas questões iniciais, penetremos um pouco mais no sombrio mundo dos feiticeiros.

103

8.3 O Sabá e o Esbá.

Quando se estuda com mais "detalhes a feitiçaria, encontra-se, com alguma freqüência, as palavras Sabá e Esbá. No século XIV, os inquisidores acreditavam que as bruxas se reuniam no interior de uma floresta com Diana e Hecata, deusas pagas protetoras dos malefícios. Afirmava-se que a estes locais acorriam milhares de feiticeiros com o objetivo de adorar Satanás e de se entregarem à devassidão e ao sacrilégio.

As reuniões entre os feiticeiros e os demônios possuíam dois nomes: Sabás e Esbás. Os Sabás se realizavam em ocasiões especiais como o Dia da Paixão, a Noite de Valpurgis (30 de abril, a véspera de Todos os Santos (31 de agosto. Comentando essas datas, escreveu Arthur Lyons:

Margareth Murray e outros autores salientam que tais comemorações eram precursoras do Cristianismo e realmente precursores da agricultura em sua origem, devido ao fato de as datas caírem entre maio e novembro, uma divisão de tempo que não corresponde aos solstícios nem a qualquer outra estação do ano. Isto indica a possibilidade de que tais festivais fossem remanescentes das comemorações da fertilidade, realizadas durante a criação do gado a fim de promover a fertilidade entre os rebanhos. Esta hipótese ajudaria também a explicar a presença de grande parte do simbolismo animal nessas comemorações.

(Lyons. Culto a Satã. p. 50)

Conforme a tradição, o demônio comparecia em pessoa ao Sabá. Em verdade, o grande mestre, disfarçado com máscaras e peles de animais, deveria representar o papel satânico.

Assim "o demônio" poderia apresentar-se como um negro muito alto, um carneiro, um cão ou um touro; entretanto, a forma mais comum assumida pelo diabo era a de um bode com uma vela acesa entre os chifres.

Assim que Satã chegava, tinha início a reunião. Sentado no seu trono negro, Satanás, com voz soturna, lia a lista com o nome

104

dos presentes ao Sabá. Cada vez que um feiticeiro ouvia seu nome, aproximava-se do trono e fazia uma espécie de relatório de suas maldades, de seus sucessos e fracassos no esforço para bem servir ao Príncipe das Trevas. Possivelmente, se o número de participantes fosse muito grande, não se lia a lista toda mas selecionavam-se

os testemunhos mais interessantes.

Depois que o diabo lia a lista dos presentes, iniciava-se o processo de admissão dos novos adeptos. Havia, então, quatro etapas. Em primeiro lugar, o neófito deveria abraçar a nova crença de livre e espontânea vontade. Satã não queria entre os seus sequazes pessoas que não estivessem dispostas a lhe entregar a vida com sinceridade total. Em segundo lugar, o candidato deveria romper, por completo, com a sua antiga religião e, por conseqüência, mudar de vida, tornando-se outro. Em terceiro lugar, fazia o pacto, quando, então, assinava com sangue o documento maldito.

Por fim, o demônio punha nele a marca (sinal do feiticeiro) que ficava no corpo do candidato, mas em local pouco visível, principalmente nas axilas e nos órgãos sexuais:

Esta marca não é exclusiva do satanismo, mas tem a sua analogia no mundo inteiro nos ritos de iniciação das sociedades primitivas sendo, ao que parece, a mutilação do corpo do iniciado um símbolo da regeneração ou do novo nascimento.

Antes de renascer para uma nova vida, na qual lhe serão revelados outros mistérios mais elevados, o iniciado deve, primeiro, "morrer, servindo a mutilação, nesse caso, como uma morte parcial.

(Lyons. op. cit. p.66)

Terminada esta parte, a pessoa estava admitida. Iniciava-se, a seguir o serviço religioso propriamente dito. Trazia-se, então, um animal - um bode ou uma galinha (sempre negros) - que eram sacrificados no altar. Depois, formavam uma longa fila para o beijo infamante, isto é, o ósculo que os participantes depositavam nas nádegas do diabo, segundo outros (in culo diabolorum. Alguns estudiosos negam esta parte do ritual, considerando-a como uma invenção dos inquisidores com a intenção de denegrir os

105

seus adversários e, assim, justificar as torturas que lhes infligiam e a morte que lhes impunham.

Consumado o cerimonial do beijo da vergonha, iniciava-se uma paródia da missa cristã a que chamavam de Missa Negra.

Em continuidade, era servido um lauto banquete com carnes suculentas, pão e vinho. Ao final do banquete, havia uma dança orgiástica, frenética e sensual, durante a qual, segundo os inquisidores, as feiticeiras copulavam com o diabo.

Por fim, mal os primeiros raios de sol rasgavam a cortina das nuvens e o dia anunciava-se radioso, o Sabá terminava e as bruxas partiam cansadas dos excessos praticados durante a noite, mas desejosas de voltar no próximo Sabá para novas orgias.

O Esbá é uma reunião mais mágica do que religiosa. Ali o feiticeiro-mor comparece com suas vestes normais, a mesma que

costuma usar em sua vida cotidiana. Não há, como no Sabá, a adoração exclusiva ao demônio; mas apenas a execução de determinadas práticas ritualísticas que visam a conseguir para o consulente o que ele desejava.

Os Esbás eram realizados nas proximidades dos locais onde viviam as pessoas que deles participavam. Em alguns casos, revivendo práticas antigas que eram originárias da Tessália e do culto de Hécate, reuniam-se nos cemitérios e nas encruzilhadas. Não havia, contudo, como nos Sabás, datas especiais para essas reuniões, pois dependia das consultas feitas ou da decisão do Grão-Mestre do culto.

Assim, os Esbás são reuniões nas quais os bruxos procuram atender pessoas que pagam para resolverem problemas pessoais como fechar um negócio, conseguir um amante, vencer uma eleição e assim por diante. Os Esbás aproximam-se, assim, e bastante dos lugares que, em nossos dias, oferecem aos consulentes soluções para as suas dificuldades, naturalmente mediante somas polpudas. E o momento em que se comercia indevidamente com a mediunidade, esquecendo-se de que a mediunidade é um dom que o homem possui e que deve desenvolver em um sentido produtivo do ponto de vista espiritual.

106

8.4 O Malleus Maleficarum.

Na segunda metade do século XV, a feitiçaria apesar das perseguições de que fora objeto, crescia e se alastrava, praticamente, por toda a Europa. A nove de dezembro de 1484, a bula de Inocêncio VIII, intitulada *Summis Desiderantes Affectibus*, dirigia-se a alguns prelados alemães que, em suas dioceses, tinham problemas com bruxas, fixava os poderes repressivos dos inquisidores, ao mesmo tempo que descrevia algumas atividades dos feiticeiros. Diz a bula:

Soubemos recentemente, e com grande dor, que em certas regiões da Alta Alemanha, nas províncias, territórios, localidades e dioceses de Mayence, Colônia, Treveros, Salzburgo e Bremem, certas pessoas, de um e outro sexo, esquecendo a sua própria salvação e afastando-se da fé católica, se entregam a demônios, íncubos e súcubos, e pelos seus feitiços, sortilégios, abjurações, crimes e atos infames, destróem e matam o fruto no ventre das mulheres, do gado e de outros animais; estragam as colheitas e as vinhas, os jardins, os prados e as pastagens, os trigais, os grãos de qualquer outra planta ou legume; atormentam e afligem com males e dores externas e internas, esses mesmos homens, mulheres e gado, rebanhos e animais; impedem os homens de gerar, as mulheres de conceber e a todos de cumprir o seu dever conjugal; renegam com boca sacrílega a fé que receberam do

Santo Batismo, não temem cometer nem perpetrar, sob instigação do inimigo do gênero humano, toda a espécie de excesso e de crimes abomináveis, com perigo de suas almas, desprezo pela divina Majestade e em perigoso exemplo para muitos.

(Apud. J.C. Baroja. As Bruxas e o seu Mundo. p.133-134)

A bula de Inocêncio VIII era um documento extremamente grave sobre a ação criminosa das bruxas. Era necessário, portanto, uma ação conjunta da Igreja, do Estado e da sociedade como um todo para pôr fim ao enorme perigo representado pelos servos

107

de Satã. Dentro desse clima de pânico e histeria coletiva, dois dominicanos, Heimrick Kramer e Jacobos Sprenger, escreveram um livro intitulado: "*Malleus Maleficarum*" (O Martelo das Feiticeiras) que se tornou uma espécie de manual de caça às bruxas e livro de cabeceira dos inquisidores.

O *Malleus* trata exclusivamente, pode-se dizer, do poder que os feiticeiros possuem de causar males a seus inimigos.

Do ponto de vista da Doutrina Espírita, a leitura deste velho livro é bastante interessante em razão de atestar, embora um tanto deformadamente pela imaginação de seus autores, a verdade de alguns fenômenos espíritos, que, necessariamente, envolvem aspectos mediúnicos. O capítulo IV cujo título é "De como as bruxas são transportadas de um lugar para outro, é dos mais interessantes.

Em um dos relatos constante deste capítulo, um grupo de estudantes reuniu-se em uma taverna para tomar cerveja. Concordaram, então, que a pessoa que fosse apanhar a bebida não pagaria a conta. Um deles levantou-se e foi apanhar a cerveja. Ao abrir a porta, viu na sua frente uma nuvem densa. O rapaz fechou a porta e voltou apavorado contando ao grupo o que lhe havia acontecido. Um outro estudante resolveu desafiar o sobrenatural e disse que iria apanhar a cerveja quisesse ou não o diabo. Neste momento, foi elevado ao ar na presença de todos.

Em outro relato, um padre que vivia em Oberdorf, perto de Landshut, afirma que viu um homem ser levado pelo ar por espíritos malignos. O homem ia gritando com os braços abertos, mas não parecia estar sendo molestado. No mesmo capítulo há um trecho que merece citação:

Pois os diabos são de muitos tipos diferentes e alguns que caíram do coro inferior dos anjos, são torturados, por assim dizer, por pecados menores, com punições mais leves além da pena de danação que têm de sofrer eternamente.

E esses não podem ferir ninguém, pelo menos gravemente, mas, em sua maior parte, fazer brincadeiras. E outros, como os incubos e súcubos, que punem a humanidade durante a

noite, levando-a ao pecado da luxúria. E não é de espantar que sejam dados também a esse tipo de brincadeiras brutas.

(Sprenger e Kramer. op. cit. p.47)

Esta passagem lembra um pouco a questão número 100 do *Livro dos Espíritos* que trata da escala evolutiva dos espíritos.

Vejamos o que ali se encontra com respeito aos espíritos levianos:

Os espíritos levianos são ignorantes, maliciosos, irrefletidos e zombeteiros, metem-se em tudo, a tudo respondem sem se incomodarem com a verdade. Gostam de causar pequenos desgostos e ligeiras alegrias, de intrigar, de induzir maliciosamente em erro, por meio de mistificações e espertezas. A esta classe pertencem os espíritos vulgarmente tratados por duendes, trasgos, guinomos, diabretes. Acham-se sob a

dependência dos espíritos superiores que, muitas vezes, os empregam como fazemos com os nossos servidores.

(O Livro dos Espíritos Questão 103. p.91)

Um pouco mais a frente, Sprenger e Kramer são um pouco mais explícitos:

A verdade pode ser deduzida das palavras de Cassiano em *Collationes I*, quando diz não haver dúvidas de que existem tantos espíritos imundos quantos são os diversos desejos do homem. Pois é manifesto que alguns deles, que o comum das pessoas chama de faunos e nós chamamos guinomos e que abundam na Noruega, são tão palhaços e brincalhões que assombram certos locais e estradas e, incapazes de machucar os passantes, contentam-se em caçoar deles, iludi-los e tentar esgotá-los ao invés de prejudicá-los.

(op. cit. p.47)

Assim; fica difícil fugir da hipótese de que os demônios de que nos fala o *Malleus*, e outros livros que tratam do mesmo assunto, bem podem ser espíritos levianos e não diabos no sentido tradicional que a religião imprimiu a esta palavra.

Avancemos, porém, um pouco mais na leitura do livro dos padres dominicanos. Existe nele uma questão que ainda perturba,

109

até mesmo os espíritos pouco informados quando se trata de possessão.

Em resumo a questão é a seguinte: como se pode dar a possessão (incorporação? Poderiam dois espíritos (o do médium e o diabo) habitar ao mesmo tempo um só corpo? Ouçamos os padres doutrinadores:

E quanto à objeção de que dois espíritos não podem existir separadamente no mesmo lugar e desde que a alma existe na cabeça, como pode o diabo também estar ali? Deve-se dizer que se acredita que a alma resida no centro do coração de onde se comunica com todos os membros por uma vertente de vida.

O exemplo pode ser tirado da aranha que sente, no centro da teia, quando qualquer outra parte da teia é tocada.

(op. cit. p. 82)

Logo depois, pretendendo dar uma explicação mais completa e convincente do modo como se dá a possessão, os dominicanos citam o livro de Santo Agostinho (*Tratado de Origine Anima*, escrito por volta de 419).

No entanto. Santo Agostinho em seu livro *Do Espírito e da Alma* diz que o todo está no todo e que o todo está em cada parte do corpo, garantindo que a alma está na cabeça, ainda que o diabo possa ali trabalhar, pois o seu trabalho é diferente do trabalho da alma. A função da alma está no corpo, informá-lo e enchê-lo de vida, de maneira que ela exista não apenas localmente, mas no todo da matéria. Porém, o diabo funciona em determinada parte e determinado lugar do corpo, efetuando suas modificações a respeito das imagens mentais. Portanto, desde que não haja confusão entre suas respectivas operações, podem ambos existir juntos na mesma parte do corpo.

(op. cit. p. 82)

O que a doutrina espírita pensa sobre isto? Em primeiro lugar, na Doutrina Espírita, não há lugar para a palavra possessão, porque tal vocábulo implica a existência de demônios, o que como vimos, já foi descartado e, em segundo lugar, porque traz a idéia de que um corpo humano é possuído por um espírito, no

110

sentido de uma coabitação o que é, positivamente, uma interpretação errônea do fenômeno. Por isso em lugar de possessão o espiritismo usaria o termo subjugação (uma das fases da obsessão; assim, para o Espiritismo não haveria possessão no sentido vulgar do termo, mas obsessões, subjugações e fascinações. Excluindo-se a possibilidade da possessão, mas incluindo a da obsessão, Allan Kardec em *O Livro dos Médiuns*, Cap. XXXIII, descreve nove sinais pelos quais se pode detectar o início e o desenvolvimento do processo obsessivo. Vejamos estes sinais:

1. Persistência de um Espírito em se comunicar bom ou mau grado, pela escrita, pela audição, pela tiptologia, etc. opondo a que outros espíritos o façam.
2. Ilusão que, não obstante a inteligência do médium, o impede de reconhecer a falsidade e o ridículo das comunicações que recebe.
3. Crença na infalibilidade e na identidade absoluta dos Espíritos que se comunicam e que, sob nomes respeitáveis ou veneráveis, dizem coisas falsas ou absurdas.
4. Confiança do médium nos elogios que lhe dispensam os Espíritos que por ele se comunicam.
5. Disposição para se afastar das pessoas que podem emitir opiniões aproveitáveis.

6. Tomar a mal críticas das comunicações que recebe.
7. Necessidade incessante e inoportuna de escrever.
8. Constrangimento físico qualquer, dominando-lhe a vontade e forçando-o a agir ou falar a seu mau grado.
9. Rumores ou desordens persistentes ao redor do médium, sendo ele de tudo causa ou objeto.

Assim, como se pode ver, tanto os fenômenos como as idéias espíritas, não eram estranhas aos teólogos e demonólogos da Idade Média e do Renascimento. Em verdade, o trabalho de Kardec e dos Espíritos que colaboraram na Codificação foi, principalmente, o de retomar essas idéias e discipliná-las de modo a transformá-las em um corpo doutrinário, organizado e lógico.

111

8.5 Joana D'Arc - Feiticeira ou Médium?

Joana D'Arc é, sem sombra de dúvidas, uma das mais belas figuras da Igreja Católica, e, ao mesmo tempo, um dos exemplos mais cristalinos de uma missão mediúnica bem sucedida. Desde menina, na aldeia de Domremy, Joana esteve em contato direto com os espíritos. Diz Jean DEstevet, um dos inquisidores que participou do julgamento da donzela, que Jeannette, ainda criança, costumava freqüentar a fonte maléfica. De que fonte está falando o inquisidor?

Havia em Domremy uma árvore chamada Árvore das Fadas, junto a qual corria uma fonte. Dizia o povo que, nas proximidades daquela árvore, ouviam-se vozes e viam-se clarões misteriosos. Os camponeses costumavam pendurar naquela árvore presentes votivos e pedidos aos espíritos. Acreditava-se que, durante a noite, seres espirituais vinham àquele lugar para recolherem os presentes e os pedidos.

Conforme a tradição, foi ali, no espelho mágico daquelas águas misteriosas banhadas de luar, que Joana ouviu as vozes que lhe incumbiram de salvar a França então ameaçada pela Inglaterra.

Ali os espíritos conversaram com ela, se deram a conhecer e nunca mais a abandonaram. Durante toda a sua vida, curta e atribulada, os amigos espirituais estarão sempre com ela, auxiliando-a nas horas difíceis, amparando-a em suas fraquezas.

Com o passar do tempo, os donos das vozes vão se manifestar concretamente para a pequena Joana. Durante o seu julgamento, conta ela que, aos treze anos, São Miguel lhe aparecera, cercado de anjos e envolto em Luz. Não só Miguel aparece para ela e lhe fala. Gabriel, Santa Catarina e Santa Margarida também costumam se manifestar e prestar-lhe auxílio.

Naturalmente era insuportável para os inquisidores - homens poderosos que se julgavam representantes de Deus na Terra - que aquela camponesa, modesta e humilde, ignorante e iletrada, pudesse ser objeto da atenção de espíritos luminosos e beatificados como aqueles que ela dizia ver e ouvir. Deste modo,

reinterpretavam o que ouviam de Joana, e Miguel, Gabriel e Santa Catarina se transformam em demônios como Satanás, Hclial e Behemot. Esses inquisidores maldosos, perversos e pervertidos, durante os interrogatórios, procuravam embaraçar a menina e lhe perguntavam se os espíritos que ela via se manifestavam nus. Joana, contudo, com a sabedoria dos simples e a tranqüilidade dos grandes espíritos lhes respondia: "Não teria Deus como vesti-los?" De que modo, entretanto, Joana foi inteirada de sua missão? ela conta que, certa ocasião, ao meio dia, com o sol a pino, estava no jardim de seu pai. Soprava uma brisa suave que acariciava as pétalas das flores. Na copa das árvores trinavam pequenos pássaros coloridos.

Foi, então, que ouviu claramente uma voz que lhe dizia: Joana tu és chamada a viver outra vida e a fazer coisas maravilhosas, porque tu és a escolhida pelo rei do céu para dar felicidade à França e para socorrer o rei Carlos. Pega em roupa de homem, arma-te e serás tu o chefe da guerra e tudo se fará conforme quiseres.

(Dumas. Arquivos Secretos da Feitiçaria e da Magia Negra, p.217)

Os inquisidores, porém, como já o vimos, interpretam essa mensagem como sendo originada em Satanás para perder a donzela. Só em um demônio poderia ter origem uma idéia tão escandalosa e herética, como a de vestir uma mulher com roupas masculinas. A espada, sem dúvida, é parte de um ritual de magia negra. Assim, os inquisidores trabalham sempre no sentido de transformar as declarações da acusada em provas contra ela. Fazem grande esforço para confundi-la. Em um certo momento perguntam a ela como vê os espíritos. A resposta de Joana é clara:

Vejo-os com os meus próprios olhos, tanto como vos vejo a vos, e quando se afastam, eu choro e bem gostaria de que me tivessem levado com eles. Foi então que fiz um voto de conservar a minha virgindade, quanto a isso agradeço ao Senhor.

(Dumas. op. cit. p. 218)

Por este depoimento, nota-se que Joana possuía o dom da vidência, ou que os espíritos se materializavam frente a ela. Observa-se ainda a relação amorosa que há entre Joana e os espíritos. Eles se afastam e ela chora, quer acompanhá-los. Era como se sentisse saudades do Plano Espiritual Superior ou intuísse as dores por que iria passar no cumprimento de sua missão e por isso quer ir com eles. Como Jesus, porém, sabe que o cálice não pode ser afastado, o que vai acontecer, terá de acontecer. A França exausta espera por sua donzela. Cumpre, portanto, pôr as mãos no arado e não olhar para trás.

Joana D'Arc tinha uma espécie de consciência profunda

de sua missão. Esta certeza íntima lhe dá um encanto, uma força que seduz a quem dela se aproxima. O duque de Lorena, que desejou vê-la, foi conquistado pela energia que dela emanava. Além disto, corria a profecia sobre uma mulher vestida de homem que salvaria a França.

Assim, armada e vestida de homem, Joana parte para Chinon a fim de se avistar com o rei Carlos VII. Pernoitando em Gien, ela manda uma mensagem ao soberano. E a sua certeza de que levará a sua tarefa a bom termo é tão grande que ela nada pede ao rei, apenas diz imperiosamente que chegará e salvará a cidade de Orléans e o fará coroar em Reims.

Joana chega a Chinon no dia 6 de março de 1429. O rei de França, fraco e indigno da donzela que por ele vai se sacrificar, resolve esconder-se entre os seus pares com a intenção, talvez, de testar as vozes de Joana. Ela entra no salão corajosa e digna e, sem nunca ter visto o soberano, localiza-o e o cumprimenta em nome do rei do céu. Todos ficam admirados. Mais tarde quando lhe perguntaram como reconhecera o monarca, ela disse: "Foi a minha voz que o revelou."

Conseguidas as boas graças do rei, Joana inicia a sua tarefa.

Recebe de Carlos VII o comando de dez mil homens. Jean de Orléans, conde de Dunois, o chamado Bastardo de Orléans, fica indignado com a decisão real. Ele próprio comandara o exército do rei sem, entretanto, conseguir sucesso. Joana, porém, motivada

114

por suas vozes, inicia a luta, vence os ingleses e levanta o cerco de Orléans; o que parecia impossível, foi realizado. A donzela, todavia, não descansa sobre os louros conquistados, pede mais homens ao rei e toma Meung e Beaugency onde aprisiona o conde de Suffolk. Os ingleses ficam apavorados e recuam ao vê-la. Eles não podiam compreender como aquela camponesa frágil e não adestrada nas artes de guerra, conseguia praticar as formidáveis proezas que praticava.

Veio, seguidamente, a cavalgada surpreendente com o rei que ela leva até Reims:

As portas da cidade se abrem a sua frente, indica a crônica. Depois, no domingo, 17 de julho de 1429, o arcebispo Regnault de Chartres coroa e sagra Carlos VII em Reims.

A glória de Joana é incomensurável, os sinos da cidade repicam em sua honra. Precipitam-se em sua volta, tocam no seu cavalo, beijam-lhe as mãos; o clero entra em fúria ao ver esta idolatria. Os ciúmes vão crescendo a sua volta.

(Dumas. op. cit. p.234)

O rei, porém, pouco a pouco, esquece a dívida que contraíra com a donzela de Orléans e se deixa envolver pelos intrigantes da corte. La Trémouille conspira contra ela abertamente, o

arcebispo Regnault procura desacreditá-la publicamente. Joana, entretanto, prossegue incansável e entregam-se ao rei as cidades de Laon, Soissons, Chateau-Thierry, Montmirail, Provins, LafertéMilon, Compiègne, Senlis e Saint-Denis. A guerra contra os ingleses parece caminhar para a vitória final.

Como um astro que corta o céu e mergulha na escuridão absoluta, Joana inicia a sua decadência. É ferida no cerco de Paris derrotada em La Charité-Sur-Loire e, por fim, presa em Compiègne no dia 24 de maio de 1430. Neste dia, a donzela tentara escapar de Compiègne, cercada pelos borguinhões e pelos ingleses. O rei da Inglaterra compra-a a Jean de Luxemburgo por dez mil escudos de ouro. Em dezembro de 1430 foi levada ao conde de Warwick, preceptor de Henrique VI que a encerrou em uma torre.

115

Finalmente, depois de um julgamento rápido e tendencioso, Joana foi condenada sob a acusação de feitiçaria e invocação de demônios (espíritos). No dia 30 de maio de 1431, a donzela foi executada. Quando Joana estava na fogueira e as chamas começaram a crescer e devorar a madeira, alguns esperavam a sua confissão satânica, outros pensavam que ela seria salva pelo demônio e seus anjos; outros ainda aguardavam que os santos do céu, que sempre estiveram com ela, descessem e apagassem as chamas da fogueira, nada disto, contudo, aconteceu.

Joana não era uma pessoa especial, não era uma santa, mas apenas um espírito que reencarnou nas terras de França para acertar contas com a Lei Cósmica que, por certo, infligira em um dado momento de sua trajetória espiritual. Após as chamas devorarem seu corpo, Joana voltou ao Plano Espiritual pois a vida continua e muitas tarefas tinha ainda que cumprir ao longo de sua caminhada evolutiva.

116

PARTE IX

As Ordálias.

A palavra ordália tem a sua origem no anglo-saxão "ordeal" cujo sentido é julgamento. Mais rigorosamente chama-se ordália todo procedimento que visa a convocar seres sobrenaturais para manifestarem sua opinião a respeito de uma determinada questão da qual se pode extrair uma consequência jurídica. De um modo geral, nas ordálias, os seres sobrenaturais são convocados para, de conformidade com algumas regras, determinar o grau de inocência ou de culpabilidade de um acusado.

O princípio das ordálias é o da Justiça Divina pois acreditava-se que Deus não permitiria a condenação de um inocente e, por meio de um milagre, manifestar-se-ia a favor da pessoa acusada injustamente. Os antigos nem sempre acreditavam na eficácia desses julgamentos. Plínio, o Velho, em sua *História Naturalis*, conta o caso da vestal Tucia. Esta mulher foi acusada de quebrar

o voto de castidade próprio das sacerdotisas da deusa Vesta. Para provar a sua inocência, a vestal atirou-se às águas do rio Tibre com um peso preso aos pés. Tucia saiu incólume da prova. Plínio, porém, continua achando-a culpada e atribui a sua salvação não à justiça dos deuses, mas a recursos mágicos da própria vestal. Um outro caso não menos curioso é o de Isolda, esposa do rei Marcos, da Cornualha, e célebre amante do cavaleiro Tristão de Leonis. Acusada de adultério pelos pares de seu marido, a rainha, considerando-se ofendida, prontificou-se a passar pela prova (ordália) da barra de ferro incandescente a fim de provar a sua inocência. A barra foi trazida e a bela Isolda segurou-a firme com

117

suas mãos brancas e suaves. Nada lhe aconteceu, no entanto a rainha era culpada.

Pode-se argumentar, entretanto, que o caso de Tristão e Isolda e o rei Marcos faz parte do Ciclo lendário do Rei Arthur; todavia, apesar de um certo caráter místico, este relato pode mostrar a possibilidade de tais julgamentos acontecerem na realidade objetiva. Os documentos históricos e referências tradicionais sobre este tipo de ordália, existem em relativa quantidade. Muitos demonólogos, por exemplo, afirmavam que algumas feiticeiras, tidas como tal, escaparam da prova do fogo ou da água por meio do auxílio de espíritos trevosos, argumento este bastante semelhante ao de Plínio que acabamos de ver.

Qual era, porém, a opinião da Igreja Católica sobre as ordálias? Ao longo de sua história, a Igreja se mostrou indecisa a este respeito, oscilando entre o combate aberto e uma certa aprovação. C. de Vesme (*Histoire du Spiritualisme Experimental*, p.472, citando o historiador D'Arcsto diz que na Polônia era comum os padres benzerem a água ou o fogo que serviam a essas provas. Em contrapartida, encontramos o arcebispo Agobard, de Lyon, criticando, no século IX, o nome "Juízo de Deus" que se dava a essas provas. O concílio de Latrão (1215) pronunciou-se definitivamente contra as ordálias proibindo os padres de participarem de tais práticas.

O "Juízo de Deus, porém, não foi uma atividade restrita à Idade-Média. Na Índia, no Egito, na Pérsia e no Extremo Oriente encontramos práticas bastante semelhantes. Na Índia, no Khandigya Upanished, no Código de Manu e outros textos sagrados, fala-se claramente de Juízos de Deus por meio do fogo. No Tibé e no Japão, encontram-se também exemplos de ordálias. Os hebreus, inclusive, praticaram esta forma de apelo à divindade para determinar a culpabilidade de alguém. Vejamos a seguinte passagem do *Livro de Números*: (Cap. 5 vers. lia 22).

118

11. Disse o Senhor a Moisés:
12. Fala aos filhos de Israel e diz-lhes: se a mulher de alguém se desviar, pecando contra ele,
13. e algum homem se deitar com ela, sendo isso oculto aos olhos de seu marido e conservado encoberto, se ela se tiver contaminado e contra ela não houver testemunha, por não ter sido apanhada em flagrante;
14. se o espírito do ciúme vier sobre ele e de sua mulher tiver ciúmes, por ela se haver contaminado, ou se sobre ele vier o espírito de ciúme e de sua mulher tiver ciúmes mesmo que ela não se tenha contaminado;
15. o homem trará sua mulher perante o sacerdote e juntamente trará a sua oferta por ela, a décima parte de uma efa de farinha de cevada sobre a qual não deitará azeite nem porá incenso; porquanto é oferta de cereais por ciúmes, oferta memorativa, que traz iniquidade à memória.
16. O sacerdote fará a mulher chegar e a porá perante o Senhor.

17. E o sacerdote tomará, num vaso de barro, água sagrada; também tomará do pó que houver no chão do tabernáculo e o deitará na água.
 18. Então apresentará a mulher perante o Senhor e descobrirá a cabeça da mulher e lhe porá na mão a oferta de cereais memorativa, que é a oferta de cereais por ciúmes e o sacerdote terá na mão a água da amargura, que traz consigo a maldição;
 19. e a fará jurar e dir-lhe-á: se nenhum homem se deitou contigo e se não te desviaste para a imundícia, violando o voto conjugal, sejas tu livre desta água de amargura que traz consigo a maldição.
 20. Mas se te desviaste, violando o voto conjugal e te contaminaste e algum homem que não o teu marido se deitou contigo,
 21. então o sacerdote, fazendo que a mulher tome o juramento da maldição lhe dirá: O Senhor te ponha, por maldição e praga, no meio do teu povo, fazendo-te o Senhor consumir-se a tua coxa e inchar o teu ventre;
 22. e esta água que traz consigo a maldição entrará nas tuas entranhas, para te fazer inchar o ventre e te fazer consumir-se a coxa. Então a mulher dirá amém, amém.
- 119

23 Depois deste momento, o sacerdote dá a água da amargura
24 para a mulher beber e observará os efeitos; se ela, como diz o texto, inchar o ventre e consumir-se a coxa, ela será culpada do adultério e, em caso contrário, considerada inocente.
Prosseguindo as nossas considerações sobre as ordálias,

examinaremos, a seguir, as ordálias de fogo na Alemanha. Anota I De Vesme (op. cit. p.490) que a prova do fogo propriamente dita consistia em fazer passar entre duas tochas ardentes o suspeito que, muitas vezes, era vestido com uma camisa embebida em cera. Há muitos exemplos deste tipo de ordália. Começamos pelo caso de Piero Aldobrandini. Certa ocasião, Piero acusou o bispo de Florença do crime de simonia e heresia. Para mostrar ao povo que Deus estava com ele, Piero atravessou com os pés nus duas vezes por duas piras de madeira de dez pés de comprimento, cinco de largura e quatro de altura. Entre as duas piras havia espaço para passar apenas um homem. Nada lhe aconteceu. Seu corpo e sua camisa ficaram intactos. Em razão deste acontecimento, este homem passou a chamar-se Petrus Ignius ou seja, Pedro de fogo.

Um outro caso não menos interessante, aconteceu durante as Cruzadas com um cidadão chamado Pierre Barthelemy. Este II relato nos faz Joseph François Michaud em sua *(História das Cruzadas. V.I. p.360*. Conforme a narrativa de Michaud, Pierre Barthelemy, padre da Diocese de Marselha, durante o cerco dos cruzados à Antiochia, revelou durante o conselho dos chefes, ter visto Santo André durante o seu sono. O Santo Apóstolo teria dito a Barthelemy:

"Vai a Igreja de meu irmão Pedro em Antiochia. Perto do altar-mor, cavando a terra, encontrarás o ferro da lança que feriu o lado do nosso Redentor.
(op. cit. p.322.

O santo dizia ainda que o ferro da lança, levado a frente do exército dos cruzados, traria vitória para os soldados do Cristo. Na manhã do terceiro dia, foram escolhidos doze cruzados entre os membros mais respeitáveis do clero e dos cavaleiros e se

120

dirigiram ao local indicado por Pierre Barthelemy. Com eles foram também alguns operários com ferramentas próprias para cavar a terra. Começaram a cavar a terra junto ao altar-mor. O silêncio era completo, ouvia-se com nitidez as enxadas batendo no solo compassadamente. O exército, ansioso, esperava que o ferro maravilhoso emergisse do fundo da terra negra. Os trabalhadores incansáveis aumentavam o ritmo de seu trabalho sem que nada fosse encontrado. A noite caiu sem qualquer bom sucesso. Os trabalhadores, porém, prosseguiram. Em um certo momento, o próprio Pierre Barthelemy saltou na cova e voltou de lá com o ferro sagrado na mão. A alegria foi enorme e o brado de "Deus o quer!" se fez cada vez mais alto.

Algum tempo depois, levantou-se a suspeita de que a lança era uma fraude e Pierre Barthelemy, um farsante. O acusado, então, decidiu apelar para o juízo de Deus. O exército que começava a se inquietar, acalmou-se um pouco. Todos os peregrinos foram

convidados a assistirem a grande prova. Em uma sexta-feira santa foi armada uma fogueira formidável com galhos de oliveira. A enorme planície encheu-se de pessoas ansiosas para acompanhar a prova sagrada. Pierre Barthelemy, contudo, custava a aparecer. De repente, ele apareceu acompanhado pelos padres que caminhavam graves. O acusado com o rosto muito sério e a fronte erguida, trazia na mão a lança sagrada envolvida por um tecido muito fino. Ao chegar junto a fogueira, ele parou. O capelão do conde de Saintgilles pronunciou com voz alta as seguintes palavras:

Se este homem viu Jesus Cristo face a face e se o apóstolo Santo André fê-lo encontrar a divina lança, que ele passe são e salvo através das chamas. Se, ao contrário, ele é culpado de mentira, que seja queimado com a lança que tem.

(Michaud. op. cit. p.360)

Ao ouvirem essas palavras, todos os ouvintes se inclinaram e responderam: "Que se faça a vontade de Deus." Barthelemy cai de joelhos e toma Deus por testemunha da sinceridade de seu

121
coração. Começa a orar contato. Pede aos padres e as pessoas presentes que rezem por ele e inicia a sua caminhada através da senda aberta entre as tochas que ardiam. Frente aos olhos atônitos de todos, o fogo envolve Barthelemy mas não o queima. As chamas vorazes não tocam em um fio de seus cabelos ou no finíssimo véu que cobria a lança sagrada.

Outro caso exemplar foi o de São Bonifácio que pregou o Evangelho para os alemães e os russos. Em certa ocasião, Bonifácio foi instado a provar a sua fé entrando em uma fogueira. Bonifácio aceitou o desafio, mas as chamas nada puderam contra ele. Encerramos este pequeno exemplário com o caso de Richardes, a mulher de Carlos, o Gordo. Esta mulher foi acusada de adultério com o bispo de Vercie-Lautard. Submeteu-se, então, à prova do fogo. Foi vestida com uma camisa encharcada de cera. Posta no fogo, as chamas devoraram-lhe as vestes, mas não lhe causaram no corpo o menor dano.

Vejam, agora, uma variante do juízo do fogo: o juízo da barra de ferro ardente. Neste caso, o acusado se propõe ou lhe é proposto, segurar com as mãos nuas uma barra de ferro rubra. Existem vários exemplos deste tipo de ordália. Aqui lembramos apenas o exemplo de Conegundes, mulher de Henrique, duque de Baviera e que, acusada de adultério, apelou para o juízo de Deus e se propôs a enfrentar a prova do ferro incandescente. A prova foi realizada e a inocência de Conegundes, comprovada.

Um outro tipo de ordália que se encontra relacionado com a prova do fogo, é o juízo do líquido fervente. Nesta prova, o acusado deve pôr a mão em um caldeirão com água ou azeite fervente, e dali retirar um objeto.

Como ensina De Vesme (op. cit. p.494) este tipo de ordália é muito antigo entre os povos teutônicos. No Edda Salmundar, conta-se que Gudrune, viúva de Sigurd que havia contraído segundas núpcias com Átila, rei dos hunos, foi acusada de infidelidade por um escravo chamado Erkia. A rainha, protestando inocência, apelou para o juízo de Deus. Foi, então, colocado a sua frente, um vaso com água fervente. A acusada, destemidamente,

mergulhou a mão delicada nas águas borbulhantes, dali retirando uma pedra; o acusador também quis passar pela mesma prova, mas, ao tentá-lo, ficou com a mão horripelantemente mutilada. Um outro tipo de ordália não menos conhecido é a prova da água fria ou banho das feiticeiras, como era chamado, pois, durante as perseguições às bruxas, esta prática era bastante comum. Em regra geral, o juízo de Deus pela água fria era feito do seguinte modo: tomava-se a acusada, atava-se o polegar da mão direita no dedo maior do pé esquerdo e o polegar da mão esquerda no dedo maior do pé direito. Feito isto, dois homens, segurando uma corda, mergulhavam a acusada na água. Se a indiciada boiasse, era considerada inocente e se, pelo contrário, submergisse por um espaço entre dez e quinze minutos era tida como culpada. Havia também a prova em sentido contrário: se o acusado flutuasse era reputado culpado.

No século X, esta prova era bastante usada em grande parte da Europa. Sabe-se que, em 1114, foi usada para descobrir, em Soissons, os membros da heresia maniqueísta. O banho das bruxas alcançou, assim, considerável renome como forma de ordália até que foi abolido pelo Concílio de Latrão.

Os tipos de ordálias na Idade Média eram extremamente variados. Havia ainda a prova da balança, das zonas analgésicas do corpo, das histerias, da eucaristia; nenhum, contudo, era mais estranho e insólito que o julgamento do caixão. Este tipo de ordália era chamado "judicium feretri" ou "barrecht" e baseava-se na crença de que o cadáver de um homem assassinado sangraria na presença de seu assassino.

O julgamento do caixão vinha de tempos muito remotos. Consta que foi usado quando do assassinato do rei Duflus da Escócia em 972. No grande poema épico germânico *O Anel dos Nibelungos* faz-se referência ao "barrecht". A tradição inglesa registra que o rei Ricardo-Coração-de-Leão, revoltado contra Henrique II, aproximou-se do cadáver paterno; de repente, da boca e do nariz do morto, começa a escorrer sangue.

123

Ao terminarmos essas breves considerações sobre o juízo de Deus, resta-nos uma pergunta: o que tornaria uma pessoa insensível

a água fervente, ao fogo, ou capaz de não afundar em um rio, embora com peso nos pés? As respostas a estas questões têm sido tentadas por demonólogos teólogos, sempre dispostos a crer na existência do diabo e na sua atuação na ordem natural; pelos cétricos que reduzem o maravilhoso a simples utilização de truques e por parapsicólogos que acreditam ter o ser humano certas potencialidades ainda desconhecidas que podem produzir fenômenos inexplicáveis para o estágio atual de nossos conhecimentos, mas que não são, de modo algum, sobrenaturais.

O Espiritismo, por seu turno, também oferece uma explicação e a resposta que advoga é a da interferência da mediunidade. Em outras palavras: nos casos das ordálias há espíritos presentes (bons e maus) que, em virtude de interesses maiores ou menores provocam os efeitos notáveis dessas provas. Em verdade, quer seja pela presença de espíritos, quer seja por capacidades anímicas do homem que ainda lhe são desconhecidas, tais fatos aconteceram e se constituem em verdadeiros desafios ao homem moderno que, embora agrilhado nas férreas cadeias do preconceito, terá de enfrentar, mais dia menos dia, as dimensões mais profundas de sua mente para buscar ali a sua própria essência.

124

PARTE X

Os Oráculos

Um oráculo (Manteion, na Antigüidade, era a resposta dada, em regra geral, por uma divindade a uma consulente. Esta palavra (oráculo) também se usava para designar o santuário onde o deus dá a resposta. Daí dizer-se: ir ao oráculo. Nos tempos antigos, os governantes da Hélade, sempre que passavam por uma situação angustiosa, mandavam a Delfos, para consultar o oráculo de Apoio, mensageiros chamados Theores. Os romanos, que não possuíam um oráculo nacional, quando tinham problemas, também costumavam apelar para o deus de Delfos. Durante os primeiros tempos do Cristianismo, imperadores como Vespasiano, Trajano, Septimo Severo e Juliano, o Apóstata, consultavam respectivamente os oráculos de Pafos, Heliópolis, Nekéforos, Júpiter e Delfos. Os oráculos costumavam ter uma linguagem obscura, simbólica e, não raro, anfibológica (com duplo sentido. Conta-se que Pirro, rei do Épiro, ao se preparar para enviar uma expedição bélica à Itália, mandou consultar o oráculo de Dodona. A resposta foi a seguinte: "Aio te Eacida, romanos vincere posse, que significa: tanto tu poderás vencer os romanos como os romanos a ti. Quando os persas, durante as Guerras Médicas, atacaram Atenas, os atenienses pediram auxílio ao oráculo e o deus disse: "Refugia-te nos muros de Madeira. Temístocles, um estratégico grego, interpretou a frase como; "Refugia-te em navios. Sugeriu, então que se embarcasse a população da cidade em navios e, a

seguir, travou uma batalha naval contra os persas na baía de Salamina, da qual saiu vencedor.

125

Os gregos - comenta De Vesme - (op. cit. p.384) explicavam o modo enigmático usado pelos oráculos em um raciocínio metafísico: Dizem que os mortais não podem modificar os fados, por isso davam-se respostas exatas, mas obscuras ou ambíguas para que os homens não pudessem modificar os decretos da Moira.

(Destino Cego.

Bastante conhecida pelos estudiosos de História Antiga é a relação de Creso, rei da Lídia com os oráculos. Narra Heródoto de Halicarnasso que, certo dia, Creso mandou seus delegados consultarem diversos oráculos. A pergunta do monarca era a mesma:

o que Creso, filho de Aliata, fazia no centésimo dia depois da nossa partida? Os representantes de Creso deveriam trazer a resposta por escrito. Heródoto diz não conhecer as respostas de outros oráculos e conserva apenas a do Templo de Delfos; disse a pitonisa de Apoio:

Conheço o número de grãos de areia e a medição do mar, compreendo a língua do mudo, ouço a voz do que não fala, meus sentidos acusam o cheiro de uma tartaruga que está sendo cozida com carne de um carneiro em um caldeirão de bronze. O bronze se estende sobre ela, recobre-a.

(Heródoto. História. V.I. LI. XLVII)

Quando Creso leu esta mensagem, ficou muito admirado, pois a pitonisa acertara em cheio. Em verdade, depois que os seus emissários partiram ao se cumprirem cem dias, Creso imaginara uma coisa bem absurda para testar os oráculos. Por isso, juntara em um caldeirão de cobre a carne de uma tartaruga e de um carneiro, coisa que dificilmente alguém faria. Depois deste fato, conta Heródoto, o rei lídio passou a ter em alta conta o oráculo de Delfos.

Vejamos um outro relato. Creso tinha um filho que era surdo e mudo de nascença. Como todo pai extremado, Creso esforçava-se de todos os modos para curar o filho. Certa vez, recorreu ao oráculo de Delfos. A pítia lhe ouviu a pergunta e respondeu áspera:

126

Lídio, rei de vários povos, insensato Creso, não procureis ouvir em vosso palácio a voz tão desejada de vosso filho, melhor será para vós não ouvi-la jamais; ele começará a falar no dia em que tiver início a vossa desgraça.

(Heródoto. I. LXXXV)

Creso ficou assaz abatido com aquela revelação, mas urgia viver. Tempos depois, quando Sardes, a capital da Lídia era tomada, no calor do combate, um persa que não conhecia Creso, avançou contra ele disposto a matá-lo. O rei Lídio viu o inimigo,

mas nada fez para se defender. Tantas eram as desgraças que sobre ele caíram que o soberano não mais se importava em preservar a vida. O príncipe surdo-mudo, entretanto, que assistia à cena, tomado de incrível desespero, gritou: "Soldados, não matem esse homem, ele é Creso" Desta ocasião em diante, o príncipe não mais parou de falar. O último relato desta série se reporta à derrota de Creso na luta contra Ciro, o rei dos persas. Antes de ser atacado, Creso mandou consultar o oráculo. A resposta foi a seguinte: "Se Creso atacar Ciro, um grande reino há de cair. Creso achou esta resposta ambígua, uma vez que o seu reino e o de Ciro eram grandes reinos; assim o oráculo estaria certo em qualquer dos casos. Mandou de volta ao oráculo os seus mensageiros e obteve uma nova resposta: "Creso só será derrotado no dia em que um asno sentarse em um trono, Creso achou esta resposta mais definitiva e menos ambígua e, por isso, fez guerra aos persas, sendo, todavia, derrotado. O oráculo, entretanto, não havia errado. Vejamos sobre esta passagem o que nos diz Heródoto:

Apoio socorreu-o quando ele ia perecer vítima das chamas. Sobre o oráculo ainda, Creso não tinha razão para lamentar. Apoio predisse-lhe que, fazendo guerra aos persas, destruiria um grande império. Se, ante esta resposta, Creso tivesse demonstrado maior iniciativa, teria mandado perguntar ao deus se se tratava do império lídio ou do império persa. Não tendo ele apreendido o sentido do oráculo, nem interrogado de novo o deus, não deve se queixar senão de si mesmo.

127

Finalmente, Creso também não compreendeu a resposta de Apoio com relação ao asno. Ciro era esse asno, por pertencerem, os autores de seus dias, a nações diferentes, sendo o pai menos ilustre que a mãe: esta, natural da Média e filha de Astiages; o outro, persa e súdito da Média. Embora inferior em tudo, havia desposado a soberana.

(Heródoto. I. XCI)

Conta Macróbio (Saturn. Liv.I) que Trajano, certa ocasião, resolveu pôr a prova o oráculo de Heliópolis. Tomou, então, uma folha de papel (onde deveria haver uma carta com a consulta) fechou com extremo cuidado e selou-a com o selo do imperador. Chamou, a seguir, os seus emissários e ordenou que levassem a carta a seu destino. No oráculo, sem abrir a carta, o deus mandou que seus sacerdotes dirigissem ao soberano, como resposta, uma folha de papel em branco. Os emissários voltaram a corte com a estranha resposta do oráculo. O imperador, porém, maravilhou-se e abrindo a sua mensagem mostrou aos presentes uma folha também em branco. Havia na Grécia um número considerável de oráculos:

Apoio, o principal deus das adivinhações, possuía vinte e dois; Zeus, dois; Hera, Ceres, Plutão e Prosérpina um apenas. Como

funcionavam esses oráculos? Como respondiam as perguntas dos consulentes? Quais os processos usados? Com a ajuda da obra interessantíssima de César de Vesme, tentaremos responder a estas questões. Em alguns santuários as precognições eram feitas através da observação de vasos com água (hidromancia. Narra Pausânias que havia oráculos nos quais os consulentes procuravam observar recipientes com água para ver as imagens que se formavam na superfície do líquido. A se acreditar em Varrão, o resultado das Guerras de Mitrídates foi indicado por um rapaz que predizia o futuro, olhando em um jarro de água. No santuário de Deméter, na Acaia, colocava-se um espelho amarrado por uma corda no meio da fonte sagrada. Os oráculos eram feitos através da interpretação dos reflexos da água no

espelho. Neste caso, teríamos um processo misto no qual se combinavam a adivinhação por meio da água (hidromancia) com a adivinhação por meio de espelhos (cataptromancia. Em muitos lugares, era comum usar-se azeite em lugar de água. A adivinhação por meio do azeite se chama lecanomancia. O escoliasta Lecofron costumava afirmar que Ulisses (Odisséia. C. 11) quando consultou a alma de Tirésias, teria usado este processo. Comentando estes métodos, diz De Vesme que eles possuíam explicação natural, pois, é bastante provável que as pessoas, olhando fixamente para a água ou para um espelho, caíssem em um estado hipnoidal, o que favoreceria a aparição de imagens projetivas. Esta hipótese explica a origem das imagens, mas não o acerto nas previsões.

Um outro modo de consultar o deus para dele obter oráculos, era por meio de uma concha marinha que, colocada junto da orelha, fazia um som mais ou menos impreciso. O barulho ouvido era interpretado como sendo a voz da divindade. Naturalmente esta interpretação era puramente subjetiva e os sons provenientes da concha, provavelmente, eliciava materiais de natureza inconsciente que eram tomados por mensagens divinas. Vejamos, agora, como funcionava o mais famoso dos oráculos gregos - o oráculo de Apoio em Delfos, na Fócida, nos flancos do Monte Parnaso. O local onde ficava a pítia, sacerdotisa de Apoio, era formado por uma espécie de caverna escura no fundo da qual ficava uma trípole em que se assentava a médium do deus. Sob a trípole, havia um buraco profundo e misterioso que se chamava "casca" ou "stomion. Consoante uma antiga tradição, aquele buraco era a origem do próprio oráculo. A lenda era a seguinte: certo dia, um pastor por nome Karethe, observou que as suas cabras, ao se aproximarem de uma certa fenda, manifestavam um estranho comportamento caracterizado por saltos prodigiosos. O pastor aproximou-se da fenda e, ao fazê-lo, ele próprio

entrou em delírio e começou a profetizar. De início, o povo o tomou por louco, mais tarde, porém, como os seus vaticínios se realizavam, todos passaram a acreditar nele. Foi exatamente sobre esta fenda que foi colocada a trípode da pítia.

129

O que produzia tal efeito? Autores antigos como Píndaro e Plutarco falam que desta fenda exalavam vapores ou gases que produziam efeitos de êxtase. Assim, a pítia, ao aspirar esses vapores caía em transe e, neste estado, pronunciava determinadas palavras que eram recolhidas pelos sacerdotes e consulentes. As pítias, (médiuns) normalmente eram mulheres jovens, mais tarde, porém, passaram a ser aceitas para o ofício de Apoio, mulheres com mais de 50 anos.

Uma outra técnica bastante usada, embora não muito freqüente era a dos oráculos oniromânticos, isto é, aquele em que as respostas são conseguidas por meio de um sonho. Tal oráculo era feito do modo seguinte: o consulente levava uma carta com a consulta que pretendia fazer. E o sacerdote procurava adormecer com a carta sob a cabeça. Acreditava-se que ele teria um sonho no qual o deus comunicaria a resposta pedida. Em outros casos, porém, era o próprio consulente quem adormecia esperando a resposta do deus durante o sono.

O processo oniromântico era mais empregado nos oráculos onde havia terapia. Estes oráculos eram muito freqüentados - bem o sabemos - porque temos sobre eles diversas referências. De acordo com alguns testemunhos parecia ser comum, na Antigüidade, verdadeiras peregrinações de pessoas portadoras de doenças físicas e espirituais que buscavam nesses oráculos os lenitivos para as suas dores.

Muitas narrativas interessantíssimas falam de curas extraordinárias, principalmente no santuário de Esculápio em Epidauro.

Vejamos alguns exemplos extraídos de De Vesme (op. cit. p.412).

Herassiop de Kaphies, tendo o ventre sobrecarregado e muito inchado, não conseguia defecar. Indo ao templo, adormeceu e teve um sonho. Neste sonho apareceu-lhe o deus do santuário, Este, após esfregar-lhe o ventre, abraçou-o e entregou-lhe uma garrafa, ordenando-lhe que bebesse o medicamento que ela continha. Depois de beber o líquido, vomitou, sujando toda a sua coberta. Quando acordou, percebeu a sujeira na sua cama e, para a sua alegria, havia ficado curado.

130

Timon foi ferido por uma lança no olho. Adormeceu no santuário e sonhou com o deus que lhe apareceu trazendo consigo uma planta a qual ele comprimiu com suavidade sobre o ferimento. Ao acordar, notou que havia ficado inteiramente curado. Górgias de Heracléia foi ferido em um combate por uma flecha que, penetrando-lhe

nas costas, alcançou-lhe o pulmão. Durante muito tempo sofreu muito, visto que do ferimento saía muito pus. Górgias, martirizado pelas dores, apelou para o santuário. Ali chegando, adormeceu. Em sonho, apareceu-lhe o deus que lhe retirou a ponta da lança do pulmão. Logo que acordou, percebeu que estava curado e, em sua mão direita, estava a ponta da flecha que tantas dores lhe havia causado.

Como explicar esses eventos? Fica bastante claro que nos dois primeiros casos foram ministrados remédios que atuaram positivamente no caso da intoxicação e no ferimento no olho. Quem poderia ter feito tal coisa? Os sacerdotes? O deus? Jamais o saberemos. O caso da extração da ponta da flecha do pulmão de Górgias lembra bastante as cirurgias espirituais mais ou menos comuns em nossos dias.

Um caso mais assombroso ainda é o do homem que possuía um câncer no estômago. Adormecido no templo, teve uma visão. Pareceu-lhe que o deus mandava que os seus servidores o segurassem, imobilizando-o enquanto ele lhe abria o peito. O homem esperneava, mas os seus captos o seguravam muito fortemente.

Em um certo momento percebeu que o deus lhe abria o estômago, retirando-lhe o câncer que o torturava. O doente despertou completamente curado.

Concluindo esse capítulo, gostaríamos de deixar uma reflexão para o nosso leitor: que entidade atuava nos oráculos? Quem curava as pessoas no Santuário de Esculápio enquanto seus corpos físicos dormiam? A nós nos parece que as entidades que se manifestavam nos oráculos do sonho eram Espíritos desencarnados que vinham, como ainda hoje acontece, trabalhar em favor dos encarnados. Se a nossa hipótese, ficar comprovada, a temporalidade e universalidade dos fenômenos espíritas e com

131

isso, as verdades espíritas, ganham um ar de respeitabilidade uma vez que parece ficar claro que não surgiram da mente de um homem ou da fantasia de um povo, mas que fazem parte da história humana em todas as épocas e lugares.

132

PARTE XI

As Pessoas Duplas

Chamam-se pessoas duplas aquelas que podem ser vistas em dois lugares ao mesmo tempo. Normalmente, tais fenômenos sucedem com os médiuns desenvolvidos ou com pessoas com quem tais fenômenos acontecem espontaneamente. Aksakof, em seu livro clássico *Animismo e Espiritismo* (p.256) narra um caso dos mais interessantes.

Conta Aksakof que, em 1845, na Livônia, perto de Volmar, havia uma escola para moças chamada Neuwelcke. Entre as professoras

deste colégio, havia uma, por nome Emília Sagée, natural da cidade de Dijon. Logo depois que a professora Emília iniciou suas tarefas docentes, começaram a surgir certos boatos estranhos: uma aluna dizia tê-la visto no jardim ao mesmo tempo que outra jurava que ela estava na biblioteca. Vejamos o texto de Aksakof: Mas as coisas não tardaram a complicar-se e tomaram um caráter que excluía toda a possibilidade de fantasia ou de erro. Certo dia em que Emília Sagée dava uma lição a treze dessas meninas, entre as quais a jovem Gùldenstube, e que, para melhor fazer compreender a sua demonstração, escrevia a passagem a explicar no quadro-negro, as alunas viram, de repente, com grande terror, duas jovens Sagée, uma ao lado da outra! Elas se assemelhavam exatamente e faziam os mesmos gestos. Somente a pessoa verdadeira tinha um pedaço de giz na mão e escrevia efetivamente, ao passo que seu duplo não o tinha e contentava-se em imitar os movimentos que ela fazia para escrever. (Aksakof. op. cit. Vol. II, Cap. IV, item In, p.257-258).

133

Estes acontecimentos repetiam-se com alguma regularidade a ponto de a direção da escola despedi-la, já que aquela faculdade misteriosa de desdobraimento inconsciente causava às alunas profunda inquietação.

A bilocação é um fenômeno bastante antigo e autores clássicos a ela já faziam referência. Suetônio em seu livro *A Vida dos doze Césares* e Tácito nos *Anais* falam em pessoas que foram vistas em dois lugares ao mesmo tempo. No seio da Igreja Católica também se verificaram vários exemplos de pessoas duplas. Os mais conhecidos são os de Santo Afonso Maria de Liguori (1696-1787, Antônio de Pádua (1195-1231, Francisco Xavier (1560-1663) e Maria de Jesus Agreda (1603-1665).

Iniciemos por Santo Afonso. Em seu livro *História de SaintAlphonse de Liguori*, J. de Girord narra passagens das mais interessantes.

Um dos episódios mais impressionantes é o seguinte: no dia 21 de setembro de 1744, Santo Afonso, como era de seu costume, rezou sua missa. Depois retirou-se para seu quarto, sentou-se em uma cadeira e adormeceu. Ficou neste estado cerca de dois dias, parecendo vítima de um desmaio prolongado. Um dos serviçais da igreja tentou acordá-lo, mas Nicolas Rufino, o vigário geral, que conhecia bem o santo, não permitiu que o fizesse.

Ao final do segundo dia, o santo abriu os olhos e comentou que não estivera adormecido, mas havia deixado o corpo para ir assistir o papa Clemente XIV que estava para morrer. Todos ficaram surpresos com aquelas palavras, entretanto, dias depois, veio a notícia de que Clemente XIV havia deixado a vida do corpo físico exatamente no dia 22 de setembro de 1744.

O caso de S. Francisco Xavier não é menos notável. Em 1571. Francisco viajava para a China em um pequeno veleiro. À noite, a lua desapareceu, grossas nuvens negras acumulavam-se no céu, o vento soprou forte, fazendo jogar o navio perigosamente. O medo apoderou-se da tripulação. Quinze marinheiros decidiram, então, abandonar o navio em uma chalupa. Os ventos, cada vez mais fortes, afastaram o veleiro da frágil embarcação. Quando a borrasca passou, os tripulantes do navio mostraram-se preocupados

134

com os homens que se haviam confiado ao mar borrascoso. Francisco Xavier, todavia, os tranqüilizou, dizendo que os homens seriam encontrados sãos e salvos dali a três dias, o que, de fato, aconteceu. O incrível desta história é o fato de que, após recolhidos ao veleiro, os homens garantiram que haviam sido salvos por Francisco Xavier que aparecera na chalupa, manobrando-a com habilidade e, assim, impedindo que a pequena embarcação afundasse. No veleiro todos se maravilharam, pois o religioso havia passado todo aquele tempo imerso em preces pela salvação do barco. Santo Antônio de Pádua é também personagem de diversas narrativas sobre bilocação. Em certa ocasião, quando era guardião em Limoges, durante a semana santa, Antônio pregava na igreja da cidade de São Pedro dos Quatro Caminhos; sua voz firme, mas doce, ia espalhando as palavras de vida eterna. Enquanto isso, no convento dos frades menores, cantavam-se as matinas do ofício do dia. Santo Antônio era esperado para ler uma das lições das matinas.

Já os frades haviam chegado à lição que Santo Antônio deveria ler, quando ele, de repente, apareceu no seio do coro e, em voz solene, pôs-se a cantar a lição. Todos os frades presentes ficaram espantados, porque sabiam que a essa hora, ele estava ocupado em um arrabalde a pregar ao povo. O poder de Deus fez com que, no mesmo instante, ele estivesse com seus irmãos no coro onde cantava uma lição e na igreja de S. Pedro, no meio da multidão, sobre a qual espalhava as sementes do Evangelho.

(A Vida de Santo Antônio, p.72-73. Apud. Clovis Tavares. Mediunidade dos Santos, p. 145)

O mesmo relato é feito por um outro biógrafo de Antônio de Pádua. Vejamos esta versão:

Na época em que o santo dava aulas aos frades de Montpellier, deu-se o seguinte: achava-se ele na igreja repleta, pregando ao povo e aos eclesiásticos. Nem bem havia iniciado a sua pregação, quando se lembrou de que deveria estar

135

na sua igreja para cantar um versito, tarefa que ninguém estava

preparado para desempenhar, visto ele não ter se lembrado de dar o encargo a ninguém. Sentou-se, então, no púlpito como se fosse descansar como fazia habitualmente e cobriu o rosto com o capuz. Neste mesmo tempo, os frades do coro do convento viram-no aparecer e cantar o aleluia.

(Apud. Tavares, op. cit p. 147)

O caso mais conhecido, porém, dentre as bilocações deste santo, foi o seguinte: estava Antônio na cidade de Pádua, na Itália, quando teve notícias de que, em Lisboa, familiares seus estavam sendo acusados de um crime pavoroso. Antônio, preocupado com o rumo dos acontecimentos, deixa seu corpo em Pádua e se transporta para Portugal. Ali, entra no tribunal e faz a defesa do acusado.

Tais faculdades paranormais ou mediúnicas, aliadas às qualidades morais, foram responsáveis pela canonização de muitos santos da Igreja Católica, pois, estes eventos, tidos como milagres, pareciam ser uma espécie de privilégios que Deus concedia aos seus eleitos. Tempos mais tarde, a Doutrina dos Espíritos viria lançar luzes sobre estes e outros fenômenos mediúnicos.

Allan Kardec conta que, tendo interrogado um espírito a respeito de Santo Afonso de Liguori, obteve a seguinte resposta:

O Espírito encarnado, ao sentir que lhe vem o sono, pode pedir a Deus lhe seja permitido transportar-se a um lugar qualquer. Seu espírito ou sua alma, como quiseres, abandona, então o corpo, acompanhado de uma parte de seu perispírito, e deixa a matéria imunda num estado próximo do da morte. Digo próximo do da morte, porque no corpo ficou um laço que liga o perispírito e a alma à matéria, laço este que não pode ser definido. O corpo aparece, então, no lugar desejado. Creio ser isto o que queres saber.

(Kardec. O Livro dos Médiuns. Cap.VII, item 119,1°).

O espírito consultado explica ainda que, de acordo com o grau de elevação do espírito, pode este tornar-se tangível à matéria.

A seguir, Kardec pergunta ao espírito se é indispensável o sono para que a bilocação se manifeste. A resposta é a seguinte:

136

A alma pode se dividir, quando se sinta atraída para lugar diferente daquele onde se acha seu corpo. Pode acontecer que o corpo não se ache adormecido, se bem seja isso muito raro; mas, em todo o caso, não se encontrará num estado perfeitamente normal; será sempre um estado mais ou menos estático.

(Kardec. op. cit. Cap. VII, item 119, 3°).

Assim, a bilocação, do ponto de vista da Doutrina Espírita, deixa de ser um milagre, uma espécie de privilégio que Deus concede a alguns poucos bem-aventurados para se tornar um modo de

ser do espírito humano. A projeção do corpo fluídico a distância nada tem de maravilhosa e nem mesmo de sobrenatural; muito pelo contrário, é um fenômeno físico, objetivo que pode ser provocado pelo próprio médium como parece ser o caso de Santo Antônio; ou ser espontâneo e inconsciente como no exemplo de Emília Sagée. Deste modo, o Espiritismo procura imprimir a este e outros fenômenos semelhantes um grau de racionalismo e empirismo que os religiosos e os materialistas, por motivos diferentes, procuram negar. Mostrando que o que se tem por maravilhoso ou produto de milagre é apenas aquilo que o homem não consegue explicar racionalmente, o Espiritismo se inscreve na tradição racionalista do Ocidente e oferece ao homem a esperança de buscar as verdades do espírito, não na floresta escura do dogmatismo, mas nas especulações filosóficas e no rigor das experiências de laboratório.

137

PARTE XII

A Grande Farsa de Loudun.

Antes de entrarmos no estudo dos "demônios de Loudun, vamos fazer algumas considerações que julgamos úteis a respeito das fraudes mediúnicas. Esta questão pode ser entendida de dois modos: as fraudes que os espíritos levianos praticam contra aqueles que, por motivos fúteis ou egoísticos, entram em contacto com eles, e as fraudes cometidas por médiuns sinceros (fraude inconsciente) ou por charlatães (fraudes conscientes).

No primeiro caso, a mistificação é produzida com a cumplicidade de pessoas que fazem as consultas. Aquele que se aproxima do Espiritismo com a intenção de conseguir vantagens materiais, torna-se presa fácil desses espíritos que com ele brincam, levando-o ao ridículo ou frustrando as suas esperanças. Para evitar este tipo de problema, basta entender a Doutrina Espírita como um instrumento de reciclagem moral e não como um meio de conseguir dinheiro, sucesso amoroso ou simplesmente fama.

Ouçamos sobre esta questão a opinião de Allan Kardec:

Parece-me que podeis achar a resposta em tudo quanto vos tem sido ensinado. Certamente que há, para isso, um meio simples: o de não pedirdes ao Espiritismo senão o que ele vos possa dar. Seu fim é o melhoramento moral da Humanidade; se não vos afastardes desse objetivo, jamais sereis enganados, porquanto não há duas maneiras de se compreender a verdade moral, a que todo homem de bom senso pode admitir.

(Kardec. O Livro dos Médiuns, Cap. XXVII, item 303,1.

138

No segundo caso estão os médiuns embusteiros. Muitos médiuns, na ânsia de produzir determinados fenômenos (não o

podendo por uma dificuldade específica, simulam, fraudam, mentem, mistificam. Lombroso em *Hipnotismo e Mediunidade* (parte II, cap. XV, pág. 419) tratando deste assunto, lembra o enorme arsenal utilizado pelos médiuns fraudulentos do qual fazem parte: barbas postiças, máscaras, vestidos de tecidos finos, substâncias fosforescentes, cadeiras com esconderijos onde o "médium" oculte as máscaras, quando não com molas que, funcionando, simulam a levitação e, assim, por diante.

Esses truques acontecem principalmente porque tais médiuns são solicitados e não poucas vezes pagos para produzirem certos fenômenos. Ora, como os fenômenos não estão diretamente subordinados aos médiuns, nem sempre podem ser produzidos quando se quer e por isso os médiuns lançam mão de truques para não frustrarem as expectativas dos seus consulentes. Lombroso (op. cit. p.419) mostra como, mesmo um médium poderoso como Eusápia Paladino, não ficou isenta de fraudes.

Também Eusápia não se subtrai à regra geral. Vimos que muitos são os truques cometidos por Eusápia em estado de transe, e fora dele, liberando, por exemplo, uma das mãos, presa pelos controladores, para mover objetos a ela vizinhos, para estabelecer contactos; com um joelho ou um dos pés levantar lentamente a perna da mesa; fingir ajeitar os cabelos, e arrancar um, para fazer baixar uma balancinha de pesar cartas. Foi também vista, por Faifofer, colher furtivamente, antes da sessão, flores, para simular, depois, "apports, à noite, prevalecendo-se da escuridão.

(op. cit. p.419.

É importante lembrar, entretanto, que o fato de um médium fraudar não anula a veracidade dos fenômenos mediúnicos em geral. Quem assim raciocinar comete um tipo de falácia chamado acidente convertido ou generalização apressada. O médium moralmente frágil vale-se do truque porque não pode produzir o fenômeno autêntico e não possui a coragem moral de dizer: "lamento mas hoje não haverá fenômenos.

139

A esta altura, penso que já podemos iniciar as nossas considerações sobre o caso dos chamados Demônios de Loudun. O nosso estudo deve começar pelo personagem central do caso: o padre Urbano Grandier.

Urbano Grandier nasceu em Bouere, nas proximidades de Sable. Na época em que se passam esses acontecimentos que vamos narrar, ele está com cerca de quarenta e três anos. Desde menino, Grandier se mostrou um espírito vivo e penetrante; talvez, por isso, a sua educação foi confiada aos jesuítas no colégio de Bordeus. Seus progressos foram consideráveis. Aos vinte e cinco anos, ordenou-se padre. Foi-lhe entregue, então a igreja de Saint

Pierre-du-Marche, uma das paróquias de Loudun.

Em 1617, a cidade de Loudun possuía cerca de quinze mil habitantes, o que era um número razoável de almas para uma cidade do século XVII. Loudun fora, durante muito tempo, um centro de conflitos religiosos, porque era um dos mais importantes centros do credo calvinista. Em 1562, havia sido cercada pelos católicos e por estes tomada; mais tarde, foi retomada pelos calvinistas que incendiaram o Colégio de Santa Cruz e a Igreja dos Carmelitas. Em 1572, os católicos voltaram a conquistar Loudun e massacraram um grande número de huguenotes.

Graças, porém, ao Édito de Nantes, os conflitos perderam a intensidade e a cidade de Loudun tornou-se um espaço onde os partidários da Reforma puderam viver com relativa tranqüilidade.

Com a morte do rei Henrique IV, o partido católico cresceu de importância e a paz religiosa voltou a ser ameaçada. Loudun, então, tornou-se palco de uma conferência para regularizar as relações entre papistas e luteranos naquela cidade. A conferência durou seis meses e terminou de modo favorável aos católicos.

É natural que a Igreja Católica, tenha recebido a vitória da conferência de Loudun como um presente dos céus. Procura, assim, ocupar os espaços que lhe eram oferecidos. Criam-se, ali, novos conventos e Igrejas. As ordens ali existentes no passado, como os carmelitas, os franciscanos e os irmãos de SaintMathurim, voltam à cidade. Os protestantes, por seu turno, não

140

aceitam com facilidade estas mudanças e se tornam desconfiados e inquietos. Foi por esta ocasião, que chegou a Loudun o padre Urbano Grandier.

O jovem e brilhante padre Grandier não foi muito bem recebido em uma paróquia onde predominavam padres medíocres, burgueses, invejosos e mulheres sexualmente insatisfeitas que logo notaram a bela e atlética figura do novo sacerdote, causando inveja aos rapazes solteiros e a desconfiança nos homens casados.

Grandier, mal chega a Loudun, avalia rapidamente aquela comunidade. Do alto do seu púlpito, o seu verbo candente critica os monges locais, principalmente os carmelitas cujo fanatismo, mesquinha e capacidade de intrigar põe a nu. Assim, logo de início e em tempo recorde, o padre Urbano Grandier grangeia em Loudun, um grande número de inimigos.

Com o passar do tempo, a influência de Grandier aumenta bastante. Muitas mulheres abandonam os seus antigos confessores e elegem o padre Urbano para seu diretor espiritual. Esta situação deu ensejo para que as más línguas considerassem o novo padre como um libertino e herege que fazia do espaço sagrado do confessionário um lugar para encontros escusos. Todos esses comentários acirram o ódio que os maridos e os pais de família

nutriam contra o novo cura.

Urbano Grandier que parecia possuir uma espécie de vocação para fazer inimigos, continua com a sua vida dupla - de padre e sedutor - sem dar muita importância aos comentários. Em 1618, ganha a inimizade do tenente criminal René Herve e logo depois se indis põe com o bispo Lucan. Em 1620, entra em luta corporal com o cônego René la Mounir, o qual guardará o ódio causado por esse incidente e funcionará como testemunha no processo que será movido contra Grandier. Assim, com incrível rapidez, prossegue este homem orgulhoso e desmedido acumulando ressentimentos contra si próprio, como se nisto obtivesse algum tipo de prazer. Naquele tempo, em virtude dos seus dons de oratória e sua inteligência incomum, Grandier participa das reuniões na casa de Saint Marthe onde compareciam os espíritos mais finos e delicados

141

do lugar. Em 1623, morre Saint Marthe e as sessões passam a ser realizadas na casa de Monsieur Trincant. Ali, Grandier conhece a sobrinha do procurador Phelipe, conquista-a, envolve-a, engravida-a. A criança nasce e, para salvar as aparências, uma amiga da família assume a maternidade.

Apesar de tudo isso, Grandier não se emenda. Semelhante aos heróis da Tragédia Grega que, cegos pela Ate e arrastados pela Hybris marcham para a Catástrofe; assim caminha também Grandier para o terrível destino que o espera. Mal assentara a poeira do primeiro escândalo Urbano Grandier prepara outro sem a menor preocupação com o que lhe pudesse acontecer. Vejamos como foi este caso.

Havia em Loudun uma jovem órfã chamada Madelaine de Brou, cuja mãe, no leito de morte, entregara ao cura de Saint Pierre. Grandier, desrespeitando as delicadas circunstâncias, assedia a moça, diz-se apaixonado, cita os Evangelhos para justificar as suas pretensões. A jovem se rende e se casa com ele em uma cerimônia secreta na qual, a um tempo, ele é o noivo e o sacerdote oficiante.

O casamento não possui qualquer valor religioso ou político, mas serve para afastar os escrúpulos da pequena Madelaine. A moça guardou segredo sobre a sua condição de "mulher casada, mas é muito difícil conservar segredos em um lugar como Loudun, onde a privacidade não é coisa que se possa preservar tão facilmente. Desse modo, em breve, os mexericos começam, os boatos crescem. Quem mais fala do escandaloso casamento é um boticário por nome Adam. Por incrível que possa parecer, Grandier consegue convencer a sua jovem amante a levar o caluniador às barras do tribunal. Ela concorda. Adam perde a questão uma vez que nada pôde provar e é condenado a pagar pesada multa, arruinando-se por completo. Com isso Grandier já pode acrescentar mais um inimigo mortal à sua não pequena galeria. O

caso Madelaine ainda trará para Grandier o ódio do advogado real, Pierre, que cortejava Madelaine e com ela desejava se casar. Assim, em Loudun, Grandier passa a ser uma espécie de ilha cercada de inimigos por todos os lados. Foi por esta época

142

(1626) que chegaram a Loudun oito freiras da Ordem das Ursulinas, que se alojaram em um local tido como mal assombrado.

Pouco depois, a madre superiora do convento das Ursulinas se afasta e o seu lugar é ocupado pela Madre Joana dos Anjos. A nova madre Superiora do Convento das Ursulinas é, no mínimo, uma mulher estranha. Ela mesma se diz hipócrita, dissimulada e devassa. Sob a sua orientação, entretanto, o convento cresce materialmente: o número de irmãs aumenta para dezessete, as famílias burguesas de Loudun colocam suas filhas no convento para que tenham boa educação, aprendam boas maneiras e uma tintura de letras.

Aberto este parênteses, voltemos a Grandier. Jacques Thibault, senhor de Chassugnes, havia caluniado Grandier publicamente.

Em um encontro na rua, o padre pede satisfações ao seu caluniador e este o agride com a sua bengala. Grandier, indignado, vai a Paris pedir providências à justiça do rei. Seus inimigos, todavia, não descansam e, reunidos na casa de Trincant, escrevem um documento, em parte verdadeiro e em parte calunioso, no qual fazem um minucioso relatório da vida herética e desregrada do cura de Saint Pierre.

O Tribunal de Paris, atendendo aos apelos de Grandier, manda chamar Thibault para dar explicações. O acusado então apresenta aos juizes o seu relatório. O Tribunal, sentindo-se incompetente para decidir sobre a matéria, envia o caso à jurisdição do bispo. O resultado de tudo isso é a prisão de Grandier no dia 15 de novembro de 1629. A 30 de janeiro, sai a sentença: Grandier é condenado a (como penitência) jejuar a pão e água todas as sextas-feiras e são cassados os seus direitos de sacerdote em Loudun e na Diocese de Poitiers durante cinco anos.

Os seus inimigos exultam; por fim, haviam conseguido vencer o Anti-Cristo, o incubo nojento que estava a poluir suas mulheres.

Grandier, porém, assim que foi solto, iniciou uma luta a fim de provar sua inocência, restabelecer a verdade e ser reintegrado em suas funções. Os esforços de Grandier neste sentido, que para os seus inimigos pareciam inúteis, alcançaram bom

143

sucesso e, assim, no dia 25 de maio de 1631, o Presidial de Poitiers absolve o padre das acusações de que era objeto, e, a 22 de novembro do mesmo ano, limpo das manchas que lhe foram imputadas, é reintegrado nas suas antigas funções.

O que seria de se esperar? Por certo que Urbano Grandier, em nome do bom senso, se afastasse de Loudun e fosse refazer a sua vida em outro lugar. Ele, entretanto, embora aconselhado por amigos a que partisse, decidiu pelo contrário. Instalou-se em Loudun como se quisesse gozar a sua vitória e zombar de seus inimigos, desafiar o ódio que por ele nutriam. Foi exatamente por esta época que fatos insólitos começaram a acontecer no Convento das Ursulinas. As freiras, lideradas pela Madre Superiora, Joana dos Anjos, entram em transe, gritam, urram, rolam pelo chão, blasfemam, exibem as partes íntimas e se dizem possuídas por uma legião de demônios comandadas por Asmodeus.

Estas manifestações de Loudun são usadas pelos inimigos de Grandier para um novo e rude ataque. Os exorcismos se iniciam e são montados e dirigidos no sentido de provar que o padre Grandier havia mandado aqueles demônios para perturbarem as Ursulinas no seu Claustro:

A irmã Joana dos Anjos, interrogada entre duas sessões de exorcismo, confessou ter sido enfeitiçada por Urbano Grandier, o qual havia atirado no convento um ramo de roseira cheio de rosas; todas aquelas que o aspiraram foram tomadas por espíritos malignos e invadidas por um feitiço que as faziam suspirar por Urbano Grandier, que elas nunca haviam visto.

(Finne. Erotismo e Feitiçaria. p.71)

Estas reuniões de exorcismo eram grosseiras mistificações, espetáculos teatrais, mal dirigidos, e pior interpretados. Jacques Boulrex que presenciou uma dessas sessões, deixou-nos dela uma impressionante descrição:

Enquanto o irmão lê a fórmula das abjurações, o mestre exorcista conjura o diabo a subir às partes superiores e a

144

revelar-se por algumas cores no rosto, repetindo, muitas vezes, estas palavras: "ascende as partes superiores, e, quando as pobres criaturas não ficavam imediatamente coradas, sacode-lhes por vezes rudemente a cabeça e, deitando sobre o regaço, aperta-lhes fortemente o santo cibório contra a testa até que a emoção ordinária as domina. Então, sabendo perfeitamente, devido a uma longa experiência, a ordem e a seqüência destes acidentes, pouco antes de começar a concussão do corpo diz: "contremisce totó corpore, e, pouco depois, quando sucede a concussão dos braços e das mãos diz: "contremisce caput et manibus, e, terminando estas convulsões por uma sacudidela, só da cabeça, diz: "contremisce saltem capite. Depois, quando o torpor e a fraqueza estão prestes a prostrá-las por terra, ordena: "procede in terram, em seguida, antes de terminar o torpor, quando elas estão quase a

erguer-se, a ordem é: "erige corpus de terra" e assim por diante, de tal modo que parece aos ignorantes que o diabo lhe obedece absolutamente em tudo o que lhe ordena.

(Apud. Os Grandes Julgamentos da História, p. 107)

É bastante conhecido dos demonólogos e exorcistas que os espíritos maléficos (demônios) possuem faculdade de precognição (conhecer o futuro) retrocognição (conhecer o passado, erguer-se no ar (levitação, falar línguas estranhas (xenoglossia) etc. Ora, os demônios de Loudun não são capazes de produzir de forma convincente um só desses fenômenos.

Em certos momentos, faz-se uma pergunta ao "diabo" mas ele fica mudo como se não soubesse a resposta. Na sessão seguinte o demônio volta e responde a pergunta feita na sessão anterior.

Por certo, durante a noite, aprendeu com os seus diretores a resposta que não sabia.

A farsa é demasiadamente evidente. Um belo dia, um dos demônios diz que é capaz de erguer no ar a madre Joana dos Anjos.

Os presentes esperam ansiosos o fenômeno maravilhoso. De repente, como que por encanto, a freira aparece no ar com a orla

do hábito a tocar de leve no chão. Um dos espectadores mais afoitos corre e levanta o hábito, revelando o dispositivo que

145

sustentava a irmã levitante. De outra feita, um demônio afirmou que lhe era possível arrancar da cabeça de Laubardimont (um dos exorcistas) o seu solidéu, sem tocá-lo. Descobriram-se, porém, anzóis que Laubardimont iria colocar no solidéu para que um comparsa, aproveitando-se da semiescuridão, o puxasse. O fenômeno, logicamente, não aconteceu.

O ápice de toda esta farsa, cuja finalidade era perder definitivamente o padre Grandier, foi a descoberta do documento do pacto que o padre havia assinado para conseguir o auxílio do demônio.

A carta-pacto diz o seguinte:

Meu senhor e amo, reconheço-vos por meu Deus e prometo servir-vos enquanto viver e, a partir deste, renuncio a todos os outros e a Jesus Cristo e a Maria e a todos os santos do céu, à Igreja Católica Apostólica e Romana, a todos os seus sufrágios e orações que possam vir a ser feitos em minha intenção; prometo adorar-vos e prestar-vos homenagem pelo menos três vezes por dia; fazer todo o mal que puder e atrair para o mal tantas pessoas quantas possa; e, de boa vontade, renunciar à crisma e ao batismo, a todos os méritos de Jesus Cristo, e dou-vos meu corpo, minha alma e a minha vida para que vos pertençam, e isto para todo o sempre, e nunca me arrepender.

(Apud. Finné.p.112)

Como as pessoas inteligentes e de bom caráter se recusassem

a aceitar como verdade toda esta pantomina, o próprio Asmodeu decidiu fazer uma grande manifestação de seu poder. Disse ele que sairia do corpo da madre superiora e deixaria uma chaga sobre o coração da possuída. No dia marcado, aparece a irmã Joana dos Anjos. Ela está segura e os exorcistas confiam nas suas habilidades dramáticas. A freira, então, se concentra, suas feições crispam-se, os olhos tornam-se estrábicos, a boca torta. Todo o seu corpo treme. A mão da madre mergulha no seio e ela grita de dor. As contorções aumentam. Ela retira a mão do seio. Há sangue em seus dedos e as marcas do que falara Asmodeus lá estavam no lugar indicado. Um fidalgo presente, que se mostrava

146

atento aos acontecimentos, garante ter visto na mão da freira um objeto cortante. O espetáculo termina em vaias. Tais embustes, associados à vida pregressa de Grandier e a uma armadilha na qual jogaram Grandier contra o poderoso Cardeal de Richelieu, terminaram por levar o padre de Loudun à fogueira, morte destinada aos bruxos. O que fica, porém como lição é a possibilidade de se manipularem as comunicações espíritas e como se deve ter um cuidado extremo ao lidar com esses fenômenos. Os homens sérios e estudiosos devem duvidar sempre. Não se trata, porém, da dúvida idiota, filha da teimosia, mas da dúvida metódica, a dúvida cartesiana que possibilita melhor distinguir o verdadeiro do falso. As pessoas ingênuas, aquelas que acreditam em tudo muito facilmente, podem ser vítimas da fraude e dos embustes. Na procura da verdade, algumas gotas de ceticismo, temperadas com uma boa pitada de bom senso, nunca fizeram mal.

147

PARTE XIII

Emanuel Swedenborg, o Precursor

Nasceu Swedenborg em uma família aristocrática da Suécia.

O seu trabalho mediúnico, entretanto, desenvolveu-se quase todo em Londres, onde desencarnou e foi sepultado. As pessoas desavisadas que lêem Swedenborg podem ter a impressão de que se encontram frente a texto produzido por um visionário do tipo ingênuo, semilouco que acreditava nas próprias alucinações. A biografia de Swedenborg, contudo, desautoriza este tipo de interpretação.

Swedenborg, em verdade, foi um desses cérebros privilegiados que, de vez em quando, surgem na Terra e que, por falta de uma palavra melhor para designá-los, costumamos chamá-los gênios. O seu interesse intelectual era incrivelmente poliforme. Vejamos, porém, as palavras abalizadas de Arthur Conan Doyle sobre este homem notável:

Ele era, antes de mais nada, um grande engenheiro de minas e uma autoridade em metalurgia. Foi engenheiro militar que mudou a sorte de uma das muitas campanhas de Carlos

XII da Suécia. Era uma grande autoridade em Física e Astronomia, autor de importantes trabalhos sobre as marés e sobre a determinação das latitudes. Era zoólogo e anatomista. Financista e político, antecipando-se às conclusões de Adam Smith. Finalmente era um profundo estudioso da Bíblia, que se alimentou da Teologia como leite materno e viveu na atmosfera evangélica alguns anos de sua vida. Seu desenvolvimento psíquico (mediúnic) ocorrido aos vinte e cinco anos, não influenciou sobre sua atividade mental e muitos de seus trabalhos científicos foram publicados após esta data.

(A. Conan Doyle, História do Espiritismo, p.34)

148

Desde menino, os dons mediúnicos de Swedenborg já se manifestavam, mas são pouco significativos quando comparados com a sua atividade mediúnica exercida mais tarde; os fenômenos acontecidos na infância e na juventude não passam de meros aperitivos, simples sinais de suas poderosas faculdades mediúnicas que desabrocharam em Londres, em abril de 1744. A partir desta data, até a sua morte, sua vida será um contacto permanente com os Espíritos e com outra ordem de realidade que, ao longo do tempo, tem sido chamada de Amanti, Hades, Sheol, Aralu, etc. e que os espíritas denominam Plano Espiritual. Leiamos, porém, as palavras do próprio vidente:

Na mesma noite, o mundo dos Espíritos do céu e do inferno abriu-se convincentemente para mim e aí encontrei muitas pessoas do meu conhecimento e de todas as condições.

Desde então, o Senhor abria os olhos do meu espírito para ver, perfeitamente desperto, o que se passava no outro mundo e para conversar em plena consciência com anjos e espíritos. (Apud. Doyle. p.36-37)

Uma das faculdades mais notáveis de Swedenborg era a telescopia, isto é, visão de fatos que se dão à distância. Nessas manifestações, tem-se a impressão de que a alma, abandonando temporariamente o corpo, se desloca até onde o fato ocorre e o presencia. Vimos um caso deste quando, em outra parte deste livro, estudamos a biografia de Apolônio de Tiana. O caso mais conhecido de telescopia deu-se na ocasião do grande incêndio de Estocolmo. O médium estava, então, almoçando na companhia de várias pessoas a cerca de trezentas milhas de distância de onde o fato acontecera quando, parando de comer, descreveu o incêndio que parecia assistir com grande exatidão.

Um outro fato não menos interessante se deu logo em sua primeira visão. Diz ele que viu sair de seu corpo um vapor aquoso, perfeitamente visível, que caía no tapete. Ora, qualquer pessoa familiarizada com o Espiritismo associaria esse vapor com o ectoplasma que os médiuns de efeitos físicos expõem e que os

espíritos aproveitam para fazerem suas materializações. No caso de Swedenborg, entretanto, o ectoplasma cai no chão e se transforma em pequenos vermes, o que é interpretado pelo médium como uma advertência dos espíritos amigos com relação à forma inadequada como vinha se alimentando.

Swedenborg fez diversas viagens espirituais. Visitou o Plano Etéreo e fez descrições singulares daquelas paisagens. Ensina que o Mundo dos Mortos é formado por diversas esferas de luminosidade diferente e que cada Espírito ocupa a esfera que é compatível com seu estágio evolutivo. Consoante Swedenborg, não somos premiados ou castigados por Deus, mas julgados conforme a Lei de Causa e Efeito. Assim, o que nos acontece depois da morte depende do que fizemos nesta vida; em outras palavras, os sofrimentos ou prazeres na outra vida são resultados exclusivos do nosso modo de agir e não castigos ou prêmios da Divindade. Aqui se encaixa perfeitamente a máxima: "A semeadura é livre mas a colheita é obrigatória."

A posição de Swedenborg (que é bastante semelhante à Kardecista) opõe-se frontalmente às doutrinas tanto católicas quanto protestantes, pois, segundo este ponto de vista, de nada adianta a absolvição que o padre dá ao moribundo nem o arrependimento deste, ainda que sincero. O espírito que na sua existência, quer no corpo, quer fora dele, entrou em desarmonia com a Lei Universal, contrai uma dívida que terá de ser saldada mais cedo ou mais tarde. É como diz Jesus: "Não saireis daqui sem terdes pago o último ceutil. O arrependimento é positivo à medida que o espírito reconhece os seus erros e se mostra disposto a imprimir um novo sentido à sua vida; mas não recoloca o espírito em harmonia com a Lei que ele violou. Harmonizar-se com a Lei Cósmica é tarefa do espírito e não se faz apenas com palavras, embora sinceras. Nas suas viagens ao Mundo dos Espíritos, Swedenborg percebeu que a vida continuava não de um modo especial como no Céu ou no Inferno, mas de uma maneira bastante semelhante ao Modus vivendi dos espíritos encarnados. Viu cidades muito parecidas com as que temos por aqui, salões para encontros sociais,

150
salas de repouso, templos para o culto religioso, palácios, vilas de casas simples, etc.

São impressionantes as analogias que se podem estabelecer entre as descrições feitas por Swedenborg, com respeito ao Plano Espiritual e as que nos trouxe André Luiz por meio da mediunidade de Chico Xavier. Sobre a morte, explica Swedenborg que o Espírito recém-desencarnado é recebido na nova dimensão por Espíritos evoluídos, interessados em propiciar fraternal ajuda. Como a morte sempre necessita de uma certa adaptação

para o desencarnado na outra vida, o recém-chegado é conduzido para locais de repouso onde são descondicionados e passam uma temporada descansando. Por fim, reconquistada a plena consciência, ficam sabendo que não pertencem mais à Terra e procuram se adaptar à nova forma de existência.

No Plano espiritual, conta Swedenborg, havia também anjos e demônios. Não eram esses, contudo, seres eternamente voltados para o bem ou para o mal; mas Espíritos de pessoas que viveram na Terra; os anjos correspondem aos Espíritos que aproveitaram a sua encarnação para se exercitarem no bem e a desenvolver suas potencialidades positivas; enquanto os demônios eram almas que, na Terra, se compraziam no mal, cultivando mais o ódio que o amor.

A morte, comenta o médium sueco, nada acrescenta ou subtrai ao Espírito. Na passagem de uma vida para outra, o Espírito leva consigo tudo aquilo que conseguiu acumular, quer moral quer intelectualmente. Assim, a morte não torna ninguém melhor ou mais sábio. O viciado, o perverso, o malicioso, do outro lado da vida prosseguem assim, e vão engrossar as fileiras de outros Espíritos com eles afinados. Por outro lado, o homem de bem, depois da morte, é auxiliado por Espíritos amigos e continua nos trabalhos do bem, esforçando-se por aperfeiçoar a sua caminhada rumo aos Mundos Maiores. Como se pode ver, a morte não rompe com as preocupações desta vida nem muda a atitude mental do Espírito. Assim, a família, por exemplo, prossegue sendo uma preocupação permanente do Espírito desencarnado que não

151

consegue (e é bom que seja assim) se libertar dos laços que o prendem ao círculo familiar em que esteve imerso durante a sua existência anterior.

Uma outra revelação feita por Swedenborg refere-se à situação das crianças desencarnadas. Como se sabe, no pensamento oficial da Igreja Católica as crianças pagãs (não batizadas) não têm, depois da morte, acesso imediato aos paramos celestiais. Swedenborg diz, ao contrário, que todas as crianças, batizadas ou não, são recebidas do mesmo modo no outro mundo. Fala de jovens amorosas e dedicadas que adotam essas crianças, cuidando delas até que suas mães verdadeiras retornem ao Mundo Maior. Não havia também no Mundo Espiritual de Swedenborg penas e castigos eternos. Os espíritos que se encontram presos nas teias do sofrimento (em virtude de situações por eles mesmos criadas, podem, através dos seus esforços na direção do bem, modificar esta situação, melhorando, assim, a condição dolorosa em que se encontram. Por seu lado, os espíritos continuam trabalhando para melhorar mais ainda a sua posição na escala evolutiva. Há, portanto, no Plano Espiritual descrito por Swedenborg, um

processo dinâmico e uma forte aspiração pelo progresso. Há, no Plano Espiritual, uniões que se poderiam chamar de casamento. Esta afirmação nos traz a certeza de que o amor continua e as afeições que cultivamos não desaparecem com a morte. Com isto, na doutrina swedenborguiana, a vida ganha um novo sentido, pois nada perdemos dela e cada afeto, cada gesto de ternura, cada expressão de carinho, assim como, cada atitude de ódio, se refletem no Plano espiritual. Tais ensinamentos encontram respaldo nos Evangelhos. Por que motivo Jesus insiste tanto na necessidade de não se odiar nem mesmo os inimigos e se amar o próximo como a nós mesmos? Talvez Jesus tenha querido nos dizer que o amor e o ódio não terminam com a vida na matéria, mas que,

152
vencendo a morte, prosseguem no Mundo Espiritual, não raro com força redobrada. Visitemos mais uma vez o texto de Conan Doyle: Os que saíram deste mundo, velhos, decrepitos, doentes ou deformados, recuperavam a mocidade, gradativamente, o completo vigor. Os casais continuavam juntos e os seus sentimentos recíprocos os atraíam. Caso contrário, era desfeita a união. Dois amantes verdadeiros não são separados pela morte, de vez que o Espírito do morto habita com o do sobrevivente, até a morte deste último quando se encontram e se unem, amando-se mais ternamente que antes.

(A. C. Doyle op. cit. p.39)

No País dos Espíritos existem todas as manifestações da Terra: literatura, música, pintura, arquitetura, escultura, assim como coisas da natureza como árvores, flores, frutos, rios, lagos, montanhas, vales, etc. Uma descrição desta pode provocar riso nos espíritos céticos, incapazes de se libertarem das férreas cadeias da lógica convencional. Não custa, porém, lembrar que se fôssemos falar há alguns anos atrás em transplantes cardíacos, ultra-sonografia ou dos bebês de proveta, seríamos tomados por loucos, visionários ou ficcionistas alucinados; essas coisas, espantosas no passado, existem hoje e não causam espanto nem mesmo às crianças.

Outra faculdade que Swedenborg possuía era a de necrolalia ou capacidade de falar com os mortos. Doyle nos conta dois casos: Examinando a vida de Swedenborg, é difícil descobrir as causas que levaram seus atuais sectários a encarar com receio as outras organizações psíquicas. Aquele fez, então, o que estes fazem agora. Falando da morte de Folhem, diz o vidente: Ele morreu na segunda-feira e falou comigo na quinta-feira. Eu tinha sido convidado para o enterro. Ele viu o coche fúnebre e presenciou quando o féretro baixou à sepultura. Entretanto, conversando comigo, perguntou-me por que o haviam enterrado estando ele ainda vivo. Quando o sacerdote disse que ele se ergueria no dia do juízo, perguntou

por que isso, se ele estava de pé. Admirou-se de uma tal coisa, ao considerar que, mesmo agora, estava vivo.

(Doyle. op. cit. p.40)

O segundo caso cita-o Doyle na página seguinte: Brahe foi decaptado às 10 da manhã e falou comigo às 10 da noite. Esteve comigo quase ininterruptamente durante alguns dias.

Assim foi Swedenborg, um médium que encarnou com a tarefa de trazer à Terra ensinamentos mais compatíveis com os novos tempos. Em verdade, Swedenborg preparava os caminhos para um trabalho maior que estava sendo preparado no Plano Espiritual para o século seguinte e que implantaria neste planeta, de modo definitivo, a Doutrina dos Espíritos. Os seus livros: *Céu e o Inferno*, *A Nova Jerusalém* e *A Arcania Celeste*, formam um conjunto de idéias interessantes sobre a vida espiritual. Tais ensinamentos antecipam muitos aspectos do Kardecismo e da obra de André Luiz entre outras, o que mostra a coerência e a universalidade da Doutrina Espírita.

154

PARTE XIV

Uma Certa Casa em Hydesville

No Estado de Nova York, havia um lugarejo chamado Hydesville, lugar de pessoas simples, mas pouco preconceituosas, capazes de não se escandalizarem com novas idéias. As casas de Hydesville eram de madeira e, embora bastante humildes, não eram desprovidas de uma certa aura de poesia. Uma dessas casas era habitada por uma família de fazendeiros: os Fox. Na época em que aconteceram os fenômenos, moravam na pequena casa o casal Fox e duas filhas: Margareth de 14 anos e Kate de 11.

A casa onde os Fox foram morar, no dia 11 de Dezembro de 1847, não gozava de boa reputação. Dizia-se que ali aconteciam coisas estranhas, barulhos inexplicáveis e vozes misteriosas.

Os Fox, porém, precisavam da casa e, por isso, a alugaram apesar dos boatos. Durante os três primeiros meses, nada aconteceu de anormal e os Fox ficaram convencidos de que aqueles boatos eram apenas comentários sem fundamento e nada mais. Assim, passou-se o Natal, vieram as festas de Ano Novo e a vida da Família Fox corria calma.

Mais ou menos na metade do mês de março, os fenômenos se iniciaram. No começo eram ruídos que pareciam ratos andando no sótão ou unhas arranhando a parede. Em outras ocasiões, o barulho aumentava e assemelhava-se a móveis arrastados. Este acontecimento transformou por completo a vida dos Fox.

Margareth e Kate, as duas meninas, começaram a ficar assustadas com aqueles estranhos barulhos e não mais queriam dormir

sozinhas: à noite procuravam os pais no quarto destes em busca de segurança; com o tempo, as coisas foram se complicando.

155

Tão vibrantes eram os sons que as camas tremiam e se moviam. Foram feitas todas as investigações possíveis; o marido esperava de um lado da porta e a mulher, do outro, mas os arranhões ainda continuavam. Logo se espalhou que a luz do dia era inimiga dos fenômenos, o que reforçou a idéia de fraude; mas toda solução possível foi experimentada e falhou. (Doyle. op. cit. p.75)

No dia 31 de março de 1848. o barulho tornou-se insuportável.

Em sua inocência, a pequena Kate desafiou o barulhento a repetir as pancadinhas que dava com os dedos. Os grandes acontecimentos muitas vezes se originam de coisas modestas e as pessoas que os testemunharam não eram capazes de avaliar, nem de longe, o significado daqueles eventos. Assim, os pastores que foram ver Jesus na manjedoura, jamais imaginaram que estavam vendo a criança que, mais tarde, transformaria, radicalmente, a face do planeta. Do mesmo modo os que ouviram a pequena Kate desafiar a força misteriosa que produzia aquelas pancadas, não perceberam que estavam frente ao início de uma grande revolução: Conquanto o desafio da mocinha tivesse sido feito em palavras brandas, foi imediatamente respondido. Cada pedido era respondido por um golpe. Posto que humildes os operadores de ambos os lados, a telegrafia espiritual estava funcionando. Deixavam à dedicação da raça humana determinar as alturas do emprego que dela faria o futuro. Havia muitas forças inexplicadas no mundo: mas aqui estava uma força que pretendia ter às suas costas uma inteligência independente. Isto era a suprema significação de um novo ponto de partida. (AC.Doyle. op. cit. p.75)

A senhora Fox, movida pela curiosidade, entra em contacto com o causador dos sons insólitos: através de um código de pancadas, ela faz perguntas e recebe respostas. Em um dado momento, a força misteriosa diz que ela tem sete filhos: a senhora Fox discorda, pois tinha apenas seis filhos. As pancadas insistem em que são sete e só aí ela se lembra de um filho que havia perdido

156

em tenra idade. Uma mulher da vizinhança veio assistir aos fenômenos e fez algumas perguntas frívolas. As respostas vinham precisas.

A mulher, porém, ficou apavorada quando as pancadas misteriosas lhe revelaram fatos íntimos de sua vida.

No dia 31 de março, com a casa cheia de vizinhos, um diálogo é estabelecido e a força estranha identifica por fim:

Conforme a sua própria declaração, ele era um Espírito; havia sido assassinado naquela casa; indicou o nome do antigo inquilino que o matara; tinha então - há cinco anos passados - trinta e um anos de idade; fora assassinado por causa de dinheiro, e enterrado em uma adega de dez pés de profundidade.

(Doyle. op. cit. p.76)

Assim, fica-se sabendo que o responsável por aquelas batidas não era um trasgo, um duende, o inconsciente dos participantes ou mesmo as articulações dos joelhos dos participantes (tese em voga na época) mas Charles B. Rosma, um Espírito que havia vivido na Terra que nascera como qualquer um de nós, tivera uma profissão comuníssima e fora morto por motivo torpe. Portanto ficava claro, e de uma clareza meridiana, que a vida continuava, como dissera Swedenborg no século VIII e, o que era mais importante, estava aberto um canal de comunicação entre os vivos e os chamados mortos. Charles B. Rosma, um Espírito que vivera na Terra uma vida medíocre era o mensageiro deste novo Evangelho (tomo aqui esta palavra no sentido grego de Boa Nova. O terreno está arado e a terra revolta está preparada para a sementeira. É só iniciar o trabalho que dará origem ao Espiritismo Quase na mesma época, em França e em outras partes do mundo, as mesas giram, falam, comunicam-se. Um professor, Hippolite Léon Denizard Rivail, ouvindo falar dessas mesas, comenta cético: "São contos para dormir de pé. Este mesmo homem, tão sizado e racionalista, será no futuro Allan Kardec, o Codificador da Doutrina Espírita. Esta, porém, é uma nova história.

157

BIBLIOGRAFIA

- 01 - AGOSTINHO, Santo. *A cidade de Deus*, São Paulo, Editora das Américas, 1961 3º Vol.
- 02 - AKSADOF, Alexandre. *Animismo e espiritismo*, Rio de Janeiro, FEB, 1987 - 2º Vol.
- 03 - ALEXANDRE, Jacques. *Os enigmas da sobrevivência*, Lisboa, ed. 70, 1972.
- 04 - AMADOU, Robert. *A parapsicologia*, São Paulo, Editora Mestre Jou, 1966.
- 05 - BAROJA, Júlio Caro. *As bruxas e o seu mundo*, Lisboa.
- 06 - *A Bíblia sagrada*. Trad. Padre Soares, Rio de Janeiro, Ed.Gamma, 1980.
- 07 - BOZZANO, Ernesto. *Fenômenos de Bilocação*, São Bernardo do Campo. Ed. Correio Fraternal, 1983.
- 08 - BOZZANO, Ernesto, *Xenoglossia (Mediunidade Poliglota)*, Rio de Janeiro, Ed. FEB , 1980.
- 09 - CASCUDO, Luís da Câmara. *Geografia dos mitos brasileiros*, Rio de Janeiro, José Olympio/Mec. 1976.
- 10 - *O Cor ao*. Tradução de Mansur Challita, Rio de Janeiro,

Associação Cultural Internacional K.

11 - *Cristo Lãs Religionis de la Tierra (Manual de história de la religión)* autores diversos. Ed. Madrid, Bac.1968, 3° Vol.

12 - DAMENO, *Louis Marial Sinistrare*. O livro dos demônios, Brasília, Ed. de Brasília, 1969.

13 - DEVREU, Yves. *Voyage dans lê norddu brésilfait duram lês annés 1613 et 1614*. Leipzig et Paris.

159

14 - DOYLE, Arthur Conan. *História do espiritismo*, São Paulo, Ed. Pensamento.

15 - DU FOURCO, Albert. *El Cristianismo Antigo (desde las origines hasta elfeudalismo*, B. Aires, Libreria Hachett, 1940.

16 - DUMAS, Françõis Ribadeau. *Arquivos secretos da feitiçaria e da Magia*, Lisboa, Ed. 70, 1971.

17 - *Enciclopédia de Ciências Ocultas e Parapsicologia*, Portugal, RPA publicações Ltda, 1978, 48° Vol.

18 - EMERICO, Nicolau. *O manual do Inquisidor*, Lisboa, Ed. Afrodite, 1972.

19 - FENNÉ, Jacques. *Erotismo e feitiçaria, (o fenômeno bruxo através dos tempos*, São Paulo, Ed. M.M. 1973.

20 - FRAILLE, Guilherme. *História da Filosofia*, Madrid, Bac, 1965, 3° Vol.

21 - HERÓDITO. *História*, RJ, SP, Alegre, Clássicos Jackan 1950, 2° Vol.

22 - *História do Ocultismo (Idade Média*, S.Paulo. Alto Pierre, Ed.1982.

23 - KARDEC, Allan. *O Céu e o Inferno*, São Paulo, Ed. FEB, 1979.

24-KARDEC, Allan. *O livro dos espíritos*,RJ.Ed. FEB, 1979.

25-KARDEC,Allan. *Olhros médiuns*,R.Ed.FEB, 1975.

26 - KRANER, Henrick e SPRENGER, Jacobeis. *Manual de caça às bruxas, (Malleus melficarum*, Ed. Três, 1976.

27 - EMMANUEL, Lê Rox. Montaillo. *Cátaros e católicos numa aldeia francesa 1294 - 1342*), Lisboa, Ed. 70, 1975.

28 - LOMBROSO, César. *Hipnotismo e mediunidade*, R. Janeiro, Ed. FEB , 1975.

29 - LEAL, José Carlos. *História das idéias e dos fenômenos espiritas nas antigas culturas*, Rio de Janeiro, Ed. Achiamé, 1988.

30- *La Sagrada Escritura, Texto comentários por maestros de la Companhia de Jesus*, Madrid, Bac, 1967.

160

31 - *La Sainte. Bible, Texto latin, avec um commentaire exegetique et theologique sur la direction de Louis Perot*, tome XI (1a partie) actes dês apôtres, Paris, 1949.

32 - LUIZ, André. *Ação e reação*, (psicografado por F. C.

- Xavier) Rio de Janeiro, Ed. FEB, 1986.
- 33 - Lyons, Arthur. *Culíio a Satã*, S.Paulo, Ed. Hemus, 1970.
- 34 - METRAUX, Alfred. *A religião dos tupinambás*, São Paulo, USP, 1979.
- 35 - MICFIAUD, Joseph Françaes. *História das cruzadas*, São Paulo, Ed. das Américas, 7º Vol.
- 36 - MICHELET, Jules. *Joana D Ark*, Rio de Janeiro, Ed. Vecce, 1958.
- 37 - Sobre as feiticeiras, Lisboa, Ed. Afrodite, 1970.
- 38 - MIRANDA, C. Herminio. *As marcas do Cristo, Paulo, apóstolo dos gentios, Lutero, o reformador*, Ed. FEB, 1979, 2 Vol.
- 39 - *Patrologia*, Madrid Bac, 1978, 2º Vol.
- 40 - RUSSEL, Wriothesley Dward. *Reencamação, o mistério do homem*, Rio de JANEIRO, Ed. Arte Nova, 1972.
- 41 - RENAN, Ernesto. *O Anti-Cristo*, Porto Irmão, Editora 1980.
- 42 - SANTESSON, Stefan Hans. *Tudo sobre a reencarnação*, Rio de Janeiro, Ed. Record, 1969.
- 43 - SCOTT. *História do Cristianismo*, Casa Publicadora Batista, 1977.
- 44 - SUDRE, René. *Tratado de Parapsicologia*, Rio de Janeiro, Ed. Record, 1969.
- 45 - TAVARES, Clóvis. *Mediunidade dos Santos*, S.Paulo, Instituto de Difusão Espírita, 1988.
- 46 - THEVET. *As singularidades da França Antártica*, São Paulo, USO, 1978.
- 47 - TOAQUET, Robert. *Os poderes secretos do homem (um balanço doparanormal)*. S.Paulo, 1967. Instituição brasileira de Difusão Cultural.
- 161

48 - Visme, CDE. *Histoire du spirítualisme experimental*, Paris Ed. Jean Meyer (BPS), 1928.

49 - WALT, W.M. *Mahomé profeta hombre de Estado*, / Barcelona, Ed. Labor, 1967.

162

Autor.

Miolo: Papel Bahia-Sul, 90g, branco de alta qualidade.

Impressão em off-set na cor preto escala.

Tipos: Times New Roman corpo 11 para textos do autor e corpo 10 para transcrições.

Capa: Cartão Supremo, 250g, Impressão em off-set no padrão de cor CMYB.

EDITORA

Rua Uranos, 1072 sala 306, Ramos, Rio de Janeiro-RJ

CEP 21060-070 - TeL: (021) 260-1239

CGC: 00.269.049/0001-44